281

A INDIA CONTEMPORANEA

D'este livro tiraram-se 10 exemplares
em papel vergé, numerados e rubricados pelo auctor

Comp. e impr. nas Of. Gráficas do Museu Comercial de Lisboa – R. do Quelhas, 6-A

SANTANA RODRIGUES
DOUTOR EM MEDICINA
ASSISTENTE NA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

A INDIA CONTEMPORANEA

COM PREFÁCIO DO PROF. AZEVEDO NEVES

1926
J. RODRIGUES & C.A
LIVREIROS-EDITORES
186, RUA DO OURO, 188
LISBOA

Reservados todos os direitos de
traducção e de reproducção nos termos da legislação em vigor.

PREFACIO

PREFACIO

O meu amigo e collega Dr. SANTANA RODRIGUES, escreveu a meu pedido os estudos que constituem o presente volume. Conhecendo e admirando desde a preparação da sua excellente these inaugural — *A dynamica do pensamento* — a finura do seu talento e as primorosas qualidades de escriptor, que alli revelou, entendi que tão bellos predicados se deveriam conhecer em proveito de quem lê e para que o Dr. SANTANA RODRIGUES occupasse o logar que lhe pertence.

Uma das questões mundiaes, mais ignoradas no nosso paiz, mas que é hoje extremamente complexa e de enormissimo alcance futuro, é o movimento de rejuvenescimento e de reivindicação social que se está produzindo cada vez com maior intensidade, em todo o Oriente, em toda a ASIA, especialmente no

HINDUSTÃO. Todo o Oriente se convulsiona e procura affirmar os seus incontestaveis direitos para a conquista da liberdade e do logar que lhe pertence, e impôr aos seus filhos uma civilização propria, modernizada, mas sem europeismos prejudiciaes.

O Dr. SANTANA RODRIGUES, um portuguez da INDIA, culto e illustrado, conhece em seus intuitos e pormenores essa nobre campanha,á frente da qual brilham espiritos geniaes de sabios, abnegações de martyres, patriotas dedicadissimos e inspirados apostolos, pelo que lhe pedi que escrevesse para o «Dia» alguns artigos tendo por fim divulgar no nosso paiz o que de mais importante se passa na INDIA, parte d'essa ASIA que é hoje um verdadeiro vulcão, cujas torrentes um dia correrão com irrepremivel violencia. Como que sequestrados do mundo sómente sabemos o que no mundo se passa atravez das leituras francezas, e ignoramos, além do que escrevem os hindús, as modernas investigações scientificas, eruditamente levadas á cabo pelos inglezes e pelos allemães, que possuem copiosissima litteratura sobre os phenomenos sociaes que no Oriente se desenrolam com intensidade crescente. Era necessario que alguem nos viesse pôr ao corrente do que alli se passa, e nos dissesse qual o estado da INDIA Contemporanea.

O Dr. SANTANA RODRIGUES bondosamente accedeu ao meu pedido e durante algumas semanas os leitores do «Dia» leram avidamente os seus artigos, imparciaes, doutrinarios e documentados com segurança. Ainda por meu conselho reuniu esses artigos em volume, que constitue a presente obra.

Cumpre-me agora agradecer ao Dr. SANTANA RODRIGUES o amavel deferimento que deu aos meus pedidos, e felicitar o leitor portuguez porque possue d'ora em deante um livro onde com sciencia e consciencia, se descreve, depois de rapido bosquejo historico, o estado actual da INDIA, em uma serie de quadros cuidadosamente pintados, elegantes quanto á forma litteraria e que constituem um todo harmonico e completo. N'esta obra transparece a par d'um estudo cuidadoso e orientado com são criterio, o sentimento d'um grande povo, d'uma raça opprimida e suffocada nas suas manifestações e que aspira, como é justo, ao seu logar entre as nações mais cultas e progressivas, e a representar um fóco intenso da civilização mundial. É tempo de fazer cahir a lenda da inferioridade da raça hindú, sustentada justamente pelos que a pretendem estrangular para melhor a explorarem.

Tenho um vivo prazer em prefaciar este livro, pois me dá ensejo de pôr em relevo que o hindú da

INDIA PORTUGUEZA é em PORTUGAL, perante a lei e para a consideração e respeito de todos os portuguezes, um cidadão perfeitamente egual ao nascido no burgo mais europeu do nosso continente, usufruindo os mesmos direitos, podendo conquistar, e frequentemente conquistando com o maior brilho, as mais altas posições na sociedade, na politica e na sciencia. No livro do Dr. SANTANA RODRIGUES palpita o sentimento que hoje domina o HINDUSTÃO, em grande parte privado dos direitos mais humanos e de satisfazer às nobres aspirações d'uma nação livre.

AZEVEDO NEVES

A MURALHA DO MYSTERIO

A Muralha do Mysterio

A India foi, em todos os tempos, o pomo d'ouro, a ambição augusta de todos os povos. Desde os que se desvanecem na sombra imperscrutavel da infancia da Humanidade até aos tempos contemporaneos, a India é o sonho magnificente que todos os povos acalentam para recamo e ornamento do seu imperial sceptro, para o theatro das suas vaidosas façanhas ou para o thálamo dos seus lúbricos amores. Em todas as epochas, a hegemonia sobre o rico mercado indiano foi o *leit-motif*, proximo ou affastado, de todas, senão, de grande parte das contendas entre nações.

As primévas guerras entre os gregos e os persas, em que os requintes da ferocidade só se egualavam á opulencia do thesouro disputado, visaram a clarear uma larga avenida para o passo de Panjab.

A arrojada invasão de Alexandre, as luctas greco-romanas, as intermittentes cruzadas dos roma-

nos contra os inermes judeus e a conquista do EGYPTO tiveram por fim assegurar á Nação triumphante a posse pacifica do caminho para a INDIA.

Este alvo com tanto desvêlo acarinhado pelos povos antigos, mereceu na Edade Media, a mais fervorosa e obsediante devoção.

As cruzadas contra os mahometanos, que estavam de posse de toda a ASIA MENOR, não obstante a mascara do zêlo apostolico, continham o secreto designio de arrancar aos fanaticos mercadores mouros o monopolio do proventoso trafico indo-europeu.

Foi assim, que vencidas todas as emprezas contra o Islam, deante da barreira solida e inabalavel, opposta pelos mahometanos e vedado, portanto, o caminho para a INDIA pelo Oriente, todos os esforços se concentraram em busca d'uma passagem pelo Occidente.

A anciedade e a cobiça levedavam na EUROPA no seculo XV, em derredor d'essa idéa fascinante. O esplendor de ALEXANDRIA e o fausto inebriante de GENOVA e de VENEZA, onde resplandeciam as deleitosas mercadorias da INDIA, levadas pela mão dos mouros, em caravanas pela ARABIA ou em naus pelo MAR VERMELHO, ao sumptuoso emporio de ALEXANDRIA ou ás garbosas feitorias genovezas ou venezianas do Levante, mais aguçavam a «sagrada fome».

Porém, a rivalidade, rediviva e permanente, entre os povos occidentaes agglomerára em volta da INDIA, com ciumento ardor, uma infinita nuvem de duendes, monstros e *rackshasas* como as rãs em

volta d'uma lagôa e da INDIA fizera um pantano tenebroso que era licito arrazar e limpar.

A infantilidade e o egoismo hellenicos, surprehendidos pelas maravilhas da sciencia e da arte hindús (a) e feridos na sua vaidade nacional, inventaram sobre a INDIA as fabulas mais pueris e as lendas mais absurdas ou para esconder á posteridade a copia habil de alguns dos aspectos da philosophia indiana ou para despertar nos seus soldados o ardor bellico contra os seus inimigos, «nómadas e antropophagos» ou, ainda, porventura, para affastar com bem disfarçado ciúme, os seus futuros rivaes.

A GRECIA conhecia já, muito tempo antes de ALEXANDRE, a civilisação hindú; d'ella se haviam acercado alguns dos seus notaveis philosophos (SCROEDER, *Pythagoras und die Inder)*; ... no emtanto, os seus historiadores mantêem o mais nebuloso silencio sobre as suas relações com as nações do GANGES e do INDO! HERODOTO descreve-as, apenas, como povos nómadas e antropophagos, empregados na ingenua industria de colher nas areias as palhetas de ouro! CTESIAS lança *(De rebus indicis IV,* ed. Didot) a phantasiosa invenção de hindús pigmeus,

---

(a) Os vocabulos *hindú* e *indiano* são empregados n'estes ensaios, no sentido territorial. Significam indifferentemente os naturais da India, seja qual fôr a sua religião, brahmanica, mahometana, judaica, christã, zoroastriana ou outra, excepto n'um ou n'outro caso em que claramente se subentende que a palavra *hindú* se refere á religião.

cuja barba enorme e os bastos cabellos lhes serviam de ampla vestidura; é d'elle a lenda infantil de povos cynocephalos ou que têm cabeça de cão... Architectaram-se, n'um esforço supremo de hellenisar a INDIA, as mais subtis tergiversações historicas que amplificadas, no decorrer do tempo, na crença popular, ainda hoje pretendem derivar da imitação e do influxo grego, a cultura e a arte hindús.

O habito da mentira que é um traço caracteristico dos historiadores gregos (GOBINEAU, *Histoire des Perses)* levou-os a accusar os hindús e os persas dos mais feios e barbaros defeitos... quando o amor da verdade, a doçura e a magnanimidade para com os inimigos por parte dos persas tanto surprehendem HERODOTO *(Clio, Polymnia)!*

Estas invenções, avolumadas, descem como lendas tenebrosas até ao seculo XV e envolvem n'uma athmosphera de terror os caminhos da INDIA...

Mas a ambição poude mais que os phantasmas do terror e, um dia, os portuguezes, rasgando, n'um gesto de audacia, o oceano de horridas lendas, franquearam o Mar Indico.

A surpreza, porém, não tolheu os outros povos rivaes e todos, á compita, lançaram-se no caminho do Oriente.

A angustia de chegarem em primeiro logar á INDIA levou-os á cegueira de baptisarem como tal a terra a que aportassem; assim nasceu e cresceu esse outro mytho das diversas e variadas Indias, orientaes, occidentaes, portugueza, franceza, neerlandeza e ingleza... quando a INDIA é uma, a que se extende das faldas austraes do inclito HYMALAIA ao CABO COMORIM, entre o Mar Indico e o Golfo de BENGALA, no extremo sudoeste do Velho Continente Asiatico!

Os audazes mareantes occidentaes foram recebidos com urbanidade e os mercados hindús lhes concederam facil accesso nas suas enseadas e nas suas luxuriosas feiras... Fizeram magnificos negocios, encheram-se de riquezas fabulosas... mas não bastava! Emquanto desciam ás mais servis baixezas para traficarem mais e intrigarem melhor (MAZELLIÈRE, *Civilisation Indienne)* insuflavam para a EUROPA os mais torpes informes contra os malditos infieis! Era preciso assoprar o fogo sagrado, fazia-se necessario exterminar os brahmanes relapsos; urgia converter á fé as barbaras gentilidades hindustanicas para que, ebrias da graça de Deus, lhes entregassem as chaves dos seus reconditos thesouros!

Os seus pagodes (templos) em que ha prodigios de arte e de magnificencia que fizeram exclamar ao insuspeito Sir ELLIOT *(Views in the East)*, «*que não ha na* EUROPA *um só monumento da arte gothica em que a arte de cinzelar o marmore tivesse attingido tão perfeito acabamento*» e cuja sumptuosidade é d'um encanto tão envolvente que M. MAINDRON, *(L'art indien)*, não hesita em confessar que «se sentira embriagado e transportado para um mundo de encantos» — pois esses veneraveis templos foram infamados como symbolos da desordem e da anarchia!

A sua religião em que o formalismo liturgico attinge, por vezes, um raro rigor (BARTH, *Les religions de l'Inde)*, transfigurou-a o *chauvinismo* occidental n'um desordenado mistiforio de superstições tantricas!

A esse tempo, as obras gregas, reveladas ao Occidente pelos gregos de CONSTANTINOPLA, provocavam um vivo interesse. E, com um mundo novo, o horisonte estreito da Edade Media se dilatava; com os novos materiaes de historia, de politica, de sciencias e de arte, um intenso movimento de renascença se inflorava na EUROPA.

Porém, com a ressureição dos archivos hellenicos, renasceram as suas suggestões e mentiras, amplificadas e enredadas pela ferrugem dos seculos; assim se reformou e se recriou uma nova e prolifica especiaria... de lendas e mysterios para justificar perante a multidão sedenta as extorsões redemptoras ou para encobrir aos povos hesitantes o eden usufruido.

*
* *

Na segunda metade do seculo XVIII, após a batalha de PLASSEY (23, Junho, 1757) em que as forças do nababo SIRAJ-UD-DAULA foram torpemente illudidas, a INGLATERRA, arrancando ao fecundo úbere, os convivas, seus predecessores, assenhoreou-se do continente indiano.

Sustada brutalmente a fruição da riquissima prêza, a cobiça dos povos ludibriados volta-se para os thesouros espirituaes da INDIA. A Egreja e a Encyclopedia porfiam para d'ella tirar materiaes para as suas disputas, a esse tempo, em acceso duello.

Mas offuscados por uma litteratura immensa de que, do limiar em que se encontravam, mal podiam divisar o sentido e o limite, recúam, resvalando conturbados, entre os vôos alterosos do pantheismo eminente e audacioso e a visão pessimista do apostolado buddhico.

D'ahi nasce uma nova superstição, um novo mysterio, o da imaginação desenfreiada e da obcessão theologica da litteratura hindú!

A litteratura hindú estuda o mundo ultrasensivel, a alma e a Divindade, como cultiva, com a mesma largueza, todas as artes e sciencias do mundo sensivel. A litteratura e a arte hindús são a litteratura e a arte de todas as paixões e actividade humana, desde a procreação até á salvação.

A mathematica, a geometria, a philosophia, a medicina e a chimica foram objecto de suas lucubrações; é avultada a sua contribuição para o avanço da sciencia.

As investigações sobre jurisprudencia e sobre politica e instituições civis não envergonham ao lado das de ARISTOTELES, MACHIAVELLI e JEAN BODIN.

A sua litteratura sobre critica, pintura, theatro, musica e construcções é fecunda. A industria e o com-

mercio, o intercambio internacional occupam na vasta documentação hindú um primacial logar.

Felizmente, notaveis archeologistas e historiadores, nos ultimos tempos, BURNOUF e CHAMPOLLION, MASPERO e RÉMUSAT, GOBINEAU e SILVAIN LEVY, RAWLINSON e LAYARD, DE MORGAN e outros estão rectificando, n'um rigoroso methodo, a historia do Oriente. Ao mesmo tempo, uma pleiade vigorosa de publicistas, jornalistas, conferencistas e historiadores hindús, á face de novos documentos, desfiam com o escalpello da sua critica aguçada, o dédalo das superstições historicas.

A psychologia penetrante d'um TILAK *(Orion, Gitâ Rahasya)*, as rigorosas analyses d'um BENOY KUMAR SARKAR *(Hindu Art, The Political Institutions and Theories of the Hindus)*, as vastas e harmoniosas syntheses de JADUNATH SARKAR *(Shivaji)* e de RADHAKUMUD MOOKERJI *(Fundamental Unity in India)*, apoiadas sobre uma exhaustiva documentação, illuminam de uma luz intensa a luxuriante floração das tradições indianas e estão abalando, n'um robusto assalto, a muralha do mysterio em que as enredaram os trovadores e historistas da «albinocracia».

A FRAUDE DA HISTORIA

A Fraude da Historia

Ha entre nós uma confusa idéa de que nos tempos remotos e obscuros em que a lenda celebra o diluvio universal, n'aquelles dias nebulosos de algum vago rei biblico, existira um povo, lá para as margens bravias do longinquo Indo, chegado a um subido grau de luzimento; uma diluida reminiscencia de que este povo creára em caprichosos debuxos uma virente e multiforme civilisação em que os esplendores do seu sentimento esthetico se misturavam com a grandeza dos seus heroes e com as eminencias temerosas do seu pensamento philosophico; mas que absorvido e deslumbrado pelos enigmas insondaveis da Natureza, se immobilisára na servidão contemplativa e ignobil!

Nada, porém, é menos verdadeiro. Não foi nos tempos prehistoricos da edade védica que na India cresceu e prosperou uma florente e dourada civilisação. Ella se desfralda em toda a sua robusta

pujança desde o sexto seculo antes da era christã até ao seculo sexto depois de CHRISTO. É contemporanea dos gregos de PYTHAGORAS (6.º seculo A. C.) a ARISTOTELES (4.º seculo A. C), do Imperio Macedonico e do Imperio Romano (100-600 D. C.). Não é um fugaz episodio, é um dilatado periodo de longos doze seculos, em que a raça hindú inscreveu nos fastos da Humanidade as mais arrojadas conquistas do pensamento e as mais inopinadas creações da industria e do trabalho.

Em declinação, entre o 6.º e 12.º seculo, sôb a pressão persistente e indomavel das hordas invasoras da ASIA CENTRAL, ella se recompõe, de novo, sôb RANA SUNGA, se robustece sôb as notaveis dynastias de VIJAYANAGAR (1336-1564) e alcança o mais alto luzimento entre os seculos 16 e 17, durante o periodo aureo e luxuriante da dynastia Moghol.

Durante estes dois longos millenios, a INDIA foi a forja geradora de inclitos imperios, (V. SMITH, *The Oxford History of India* — um excellente repositorio, não obstante o seu immoderado anglophilismo) immensos como o Imperio Britannico, faustosos como o Imperio Romano e aguerridos como o ephemero Imperio Napoleonico.

O Imperio Maurya (322-185 A. C.) foi tão extensivo como o Romano no seu auge de expansão (100-300 D. C.), Nem as exdrúxulas possessões européas de CARLOS V nem as instaveis conquistas de NAPOLEÃO perfizeram as dimensões do Imperio Toghlak (1400 D. C.), do Imperio Mo-

ghol (1700 D. C.) ou do Imperio Mahratta (1800 D.C.)

O famoso Imperio Carlovingio que logrou na Edade Media uma grande reputação pelas façanhas de seus heroes e pela largueza de suas conquistas, não offusca a gloria, a fortuna e a extensão dos imperios hindús mais acanhados como o Gupta (5.º seculo), o Vardhana (7.º seculo), o Chola (11.º seculo) ou o Vijayanagar (15.º seculo D. C.).

Desde a epocha de CHANDRAGUPTA MAURYA (4.º seculo A. C.), o immortal creador do primeiro imperio hindustanico até ao tempo de BAJI RAO I, o mais celebrado general mahratta (sec. 18), os hindús déram ao mundo nobres pensadores, grandes heroes, habeis e argutos homens de Estado e inspirados artistas que dilataram os dominios do pensamento ás mais elevadas espheras da cogitação e levantaram a hegemonia politica e a concepção esthetica a uma amplitude e lavor desusados.

Povo ao mesmo tempo guerreiro e philosophico, imaginoso e positivo, lustrando os céus infindos em demanda das estrellas mysteriosas e cursando, com egual intrepidez, as agrestes terras onde a natureza virginal e arisca cede apenas a victoria ao labor incessante, a sua historia não tem a simpleza e a monotonia dynastica da CHINA ou do JAPÃO. Victima rebelde de violentas ambições, a sua vida é accidentada como a da Europa desde as guerras epicas da HELLADE até á ultima investida germanica.

Se o seu braço não foi robusto bastante para repellir as hostes sinistras dos Pathans, se o seu entendimento não foi sufficientemente ardiloso para oppugnar os planos trahiçoeiros dos Europeus, o seu genio foi demasiado energico e sagaz para manter durante seculos contra o Islam uma lucta pertinaz e vigorosa, para organizar contra a poderosa dynastia Moghol a Confederação Mahratta e a *Khalsa* shikh e demolir, por fim, n'uma inssurreição activa e intelligente, a inexpugnavel estructura do famoso imperio.

A Historia regista, porém, a sinos de cathedral, as suas defecções e esconde n'um prodigo silencio, a sua bronzea rebeldia e os seus heroicos triumphos!

A invasão de ALEXANDRE é festejada com ruido; mas a sua fallencia e a dos seus successores, expulsos de GANDHARA por CHANDRAGUPTA, são abafadas n'uma intencionada omissão!

Por esse tempo, a INDIA ainda não constituia um estado unitário, dispersava-se em monarchias e repùblicas mais ou menos florescentes. ALEXANDRE atravessou o HINDU-KUSH, submetteu, após renhido combate, TAXILA e GANDHARA e, ao longo do JHELUM, avançou até SIALKOT, no alto PANJAB, não muito longe da fronteira, sendo forçado a retirar-se por motivo de insubordinação do seu exercito. Poucos anos depois, CHANDRAGUPTA MAURYA (321-298 A. C.) subjugava os gregos, herdeiros de ALEXANDRE no PANJAB, compellindo SELEUCO, seu chefe, a conceder-lhe a filha em casamento. Foi o fundador do primeiro imperio indiano.

Após doze seculos de venturosa trajectória, ao desfallecer da dynastia Gupta (7.º sec. D.C), o continente indiano partilha-se em numerosos estados como a EUROPA na Edade Media. Tártaros, arabes, pathans e hunos invadem o norte da Península; durante cinco seculos, a fronteira boreal é um agitado oceano de ondas humanas que, em fluxos e refluxos, descendo do úbere planalto central da ASIA, forcejam por penetrar na INDIA. Mas a conquista é ardua, a resistencia dos hindús tenaz e a lucta constante e feroz. Os hindús concentram-se nas montanhas de RAJPUTANA e no planalto do DECCAM.

...Só seculos depois, AKBAR, o Grão Moghol (1556-1605), reúne a INDIA n'um imperio unido, rival pelo fausto e pela grandeza, do antigo Imperio Maurya.

O governo moghol não representa, sôb qualquer aspecto, uma sujeição nacional, um dominio estrangeiro como o dos HOHENZOLLERNS na POLONIA, dos HABSBURGOS na ITALIA, dos ingleses na IRLANDA ou na INDIA ou dos franceses na INDO-CHINA.

A grande massa dos mahometanos da INDIA é hindú pela raça, embora com consanguineidade pathan, turca ou moghol.

De origem forasteira, os principes moghoes eram, porém, indianos pelo espirito e pelos interesses. AKBAR vira a luz do dia no céu indiano; consorciára-se com uma princeza hindú; os seus generaes e

ministros eram hindús. Eram indianos os commandantes das forças expedidas contra vice-reis e governadores mahometanos, revoltados; hindús e mahometanos disfructavam a esse tempo, o mesmo favor e a mesma audiencia (SMITH, *Akbar*, JADUNATH SARKAR, *History of Aurangzib*, Vol. I).

Uns e outros confraternizavam sôb a égide paranympha de AKBAR, para fazer ressurgir uma INDIA Maior, como no ephemero Imperio Germanico, uma dynastia, vinda de terras slavas a fundir sôb a magia do pangermanismo a unidade allemã ou, como o côrso, extranho ao torrão e ás glorias da FRANÇA tradicional, empunhando a bandeira tricolor, intentar restaurar o cesarismo carlovingio.

A conquista da INDIA pelos portugueses é uma epica phantasia. Na vasta península hindustanica não possuiram os portugueses mais do que vagas feitorias marginaes.

A propria cidade de GÔA, tomada aos mouros, com assentimento de VIJAYANAGAR e com a ajuda dos seus naturais, era de apoucada extensão.

VIJAYANAGAR, ao tempo, assoberbada com o seu indómito adversario mahometano que rolava sobre o norte da península, como geleira a derreter-se ao cheiro seductor dos thesouros hindús, alliára-se accidentalmente aos christãos afim de quebrantar as fileiras inexgotaveis do seu mais eminente adversario. Os numerosos reis e generaes, a quem as chronicas lusas déram lustre e fama, são apenas capitães das innumeras povoações, extendidas entre as

ondas cerúleas do Oceano Indico e as ingremes muralhas dos altivos GHATTES (DAVID LOPES, *Chronica dos Reis de Bisnaga)*.

O chamado Imperio Português na INDIA foi o predominio dos mares: a armada portugueza, no seculo XVI, preponderava sobre todo o trafico maritimo indo-europeu.

...Sôb a dynastia moghol, não obstante a sua integração plena no interesse nacional, o genio hindú não se detém na passividade e na impotencia ergue para a derrubar o imperio mahratta (1674--1818) que aprisiona o imperador moghol no seu proprio palacio em DELHI e apodera-se de toda a INDIA (CHESNEY, *Indian Polity)*.

O seu fundador, SHIVAGI, que póde ser apellidado com exito, FREDERICO o GRANDE hindú, não é um bandido, um vagabundo, como insinúam as maliciosas chronicas de historiadores ladinos. Pae e esposo desvelado, patriota ardente e apostolo apaixonado da revivescencia da tradição, foi um guerreiro notabilissimo. Grande genio politico, cavalheiresco e tolerante, levantou um vigoroso exercito, estabeleceu um são e fecundo systema de administração, instituiu um forte imperio e conduziu os hindús desalentados a novos e esplendidos triumphos (JADUNATH SARKAR, *Shivaji)*.

A INDIA Confederada sôb a hegemonia do MAHARASHTRA seria hoje uma das maiores nações do Mundo, se dissensões intimas e ambições criminosas não tivessem feito sossobrar a obra gigan-

tesca da SHIVAJI, sobre os escolhos que a habil e perfida tactica da ALBION ia espalhando pelo solo nacional.

Porque não foi a inferioridade da raça, da disciplina ou da sciencia militar, que entregou a INDIA aos ingleses, mas a intriga e a zizania. «Todas as vezes que um estado indiano têm sido destruido, têm-no sido quasi invariavelmente com o auxilio d'outro estado indiano» (COTTON, *New India*). «A expressão *conquista*, applicada á acquisição da soberania pela *East India Company*, ainda que seductora, fica sem sentido» (Sir SEELEY, *Expansion of England*).

*

* *

Conta uma velha fabula, que mostrando-se, uma vêz, ao leão, um lindo painel em que um leão jazia aos pés do homem, elle dissera: bello painel, mas se fosse um leão que o pintasse, seria o homem que estaria aos pés do leão. É assim a Historia.

Todo o Oriente, de TOKIO ao CAIRO, é um continente vencido. São os vencedores que diffundem a sua vida e as suas instituições.

São incontestavelmente de invulgar merecimento as investigações sobre a ASIA, durante o seculo ultimo, sôb os auspícios da EUROPA e da AMÉRICA, mas ellas reflectem o quadro do leão da fabula.

Os hindús d'aquele periodo, desmasculinisados e corrompidos, animaram estas erroneas interpretações,

popularizando doutrinas de renuncia e de inercia, de passividade e de sujeição.

Esta ausencia de vigor vertebral chegou a ser um motivo de gloria e a exaltação d'este mysticismo doentio o melhor elogio do passado.

Por felicidade, a Jovem INDIA do seculo XX acaba de saccudir o torpor imbecil; e uma fecunda renascença desabrocha no maravilhoso solo da patria dos MAURYAS e dos GUPTAS. Um romantismo, esclarecido e practico,—de interpretação exacta e fertil do seu legado historico e de visão experta do seu immediato futuro — é o lemma energista do nacionalismo hindustanico.

A LENDA DA BARBARIE

A Lenda da Barbarie

Uma nação, seja qual fôr a sua forma gregária, theocracia ou aristocracia, monarchia ou democracia, — encerre a sua historia galhardos feitos ou aventurosas emprezas, registe uma cultura adiantada ou se assignale por sabios pensadores e divinos artistas, vicejem floridos os seus campos e a natureza lhe proporcione idyllios perfumados ou se desentranhe em sentidas elegias — póde ter os seus heroes, fadados pelo sello do triumpho, os seus chefes, tocados pela faúlha do genio; póde ter artistas de uma sensibilidade delicada e as suas creações industriaes pódem ser abundantes e bellas; nada evitará, porém, que ella não contenha, ao lado d'estas maravilhosas manifestações do seu espirito e das riquezas nativas do seu solo fecundo, as suas miserias, as suas superstições, a sua crápula, o seu lixo obrigado. Se colhessemos este lixo ignobil e, vascolejando com arte e talento, o saccudissemos á luz da grande publicidade, não haveria paiz, por mais

requintadas que fossem as suas virtudes, que não ficasse assoalhado, não haveria povo que não fôsse ennodoado por um tal borrifo. Associando-se a tyrannia grega aos desportos macábros dos circos romanos, as cruzadas sangrentas contra os Albigenses ás matanças periodicas dos judeus e aos crimes horripilantes da Inquisição, os agitarmos com as atrocidades hespanholas no PERÚ, as inglezas na INDIA e no EGYPTO e as portuguezas na INDIA e as allemãs na BELGICA—no oceano de sangue da Revolução Franceza e ao clarão vermelho das monstruosidades bolchevistas, avivadas, aqui e além, com os assassinios politicos e amorosos e com as pústulas de anarchia moral, que affloram em cada escaninho, em pleno coração das cidades ou nos cantos escondidos das aldeias, não sei se a EUROPA poderá resistir aos salpicos d'esta barbarie repugnante que ella conduz no seu lastro historico.

Porque nem só o vapor, o aço e a electricidade definem a civilisação de um povo; o seu grau de cultura, o seu expoente de humanismo, a distribuição de sua riqueza, são factores primaciaes que é impossivel pôr de banda.

A INDIA é um extenso continente; o seu solo, fortemente accidentado, é de uma fecundidade variavel; o seu clima soffre dos accidentes do seu solo; as suas populações são, por isso, algo differentes na indole; mas é a mesma a sua tradição historica, é identica a sua herança religiosa, se exceptuarmos os parses e os mahometanos.

Ella tem os seus heroes, os seus chefes, os seus artistas, os seus pensadores e poetas; mas tambem possúe as suas superstições, a sua escoria, o seu lôdo.

O fanatismo christão, fructo sazonado da myopia semita e da má fé grega, para quem «a mentira piedosa» é louvavel e meritoria, sobresaltado pelos primores da arte e da moral hindús e humilhado pela dialectica brahmanica, colligiu capciosamente as suas chymeras mais molestas, o seu lixo mais vil e, amplificado e accrescentado, espalhou-o pelo mundo, pintalgando assim o caracter hindú dos defeitos mais ignobeis, dos vicios mais hediondos!

Para os fautores d'esta cruzada ignominiosa, em prol da «boa causa», os hindús são litigiosos, affeitos á chicana, falsos e desattreitos á gratidão, crueis e tyrannos, «monstros» de barbarie e lascivia e os brahmanes...«um poço de imposturas»!!...

Mas... o sol da justiça, o INDRA magnanimo, irrompe, por entre a escuridão cavillosa e obriga as nuvens a desatarem-se em torrentes de louvor.

Já MEGASTHENES (4.º sec. A.C.), n'aquelles tempos longévos, em que a GRECIA acariciava, de coração festivo, a lepra da escravatura, dizia: que os hindús eram «cultores da verdade, da castidade na mulher e da coragem nos homens». Salientava a *ausencia da escravatura e da fraude.* «Povo sobrio e industrioso, bom lavrador e eximio artista, jámais tentava uma demanda» (HUNTER, *Brief History of The Indian People).*

No segundo seculo D. C. escreve ARRIANO que, *jámais um hindú foi accusado de mentira.*

FA-HIEN, o peregrino chinez que visitou a India no 5.º sec. D. C. e demorou-se seis longos annos em PATALIPUTRA, falla com elevada admiração da riqueza, da prosperidade, da confiança do povo e... da sua *grande liberdade.* «Não havia pena capital nem tortura judicial; a rebellião reincidente era punida, cortando-se a mão direita, mas esta penalidade era excepcional». «A segurança era inteira». «Havia numerosas instituições de caridade e poisadas publicas nas estradas».

HIUEN-TSANG, outro famoso peregrino chinez, que esteve na INDIA no 7.º seculo, corrobora as informações do seu predecessor: «Apezar de os hindús serem d'um temperamento vivo, distinguem-se pela rectidão e pela honestidade; os ricos são justos; a justiça integra é uma notavel feição da sua administração».

Insuspeitos e irrefragaveis testemunhos vêem outro-sim dos mahometanos.

IDRISI (11.º seculo) assèvera: «Os indianos são naturalmente inclinados para a justiça. A sua boa fé, a sua honestidade e a sua fidelidade para os compromissos são bem conhecidos e, são tão famosos por estas qualidades que é inteiramente livre o transito no paiz para qualquer dos lados» (ELLIOT, *History of India*).

KAMAL-EDDIN ABDERRAZAK SAMARKANDI que viajou na INDIA (1413-1482), como embaixador, junto do

principe de CALICUT e do rei de VIJAYANAGAR, admira a perfeita segurança que os mercadores gozam no paiz.

No seculo 16, ABU-FAZL, outro notabilissimo historiador mahometano, ministro do Imperador AKBAR regista no seu *Ain-i-Akbari*, que «os hindús são religiosos, affaveis, vivos, amorosos da justiça, dados ao recolhimento, habeis nos negocios, admiradores da verdade, reconhecidos e de uma indiscutivel fidelidade;... e os seus soldados não sabem o que é fugir do campo de batalha».

MARCO POLO, o conhecido explorador veneziano, referindo-se aos brahmanes que dirigiam, ao tempo, (sec. 15) grandes transacções commerciaes, por ordem regia, exalta-os com palavras de enthusiasmo: «Eu devo dizer que estes brahmanes são os melhores mercadores do mundo e os mais verdadeiros, incapazes de um perjurio pelo mais valioso premio d'este mundo (MAX MULLER, *India, what can it teach us).*

O amor da verdade, a honestidade e a fidelidade são as flores mais mimosas do seu canteiro moral.

Este culto apaixonado por tão elevadas virtudes não affrouxou com a decadencia do paiz. Sir THOMAS MUNRO, governador de MADRASTA, sôb o dominio inglez, diz: «Tenho tido muitas occasiões de observar os hindús em todas as situações e posso affirmar que não são litigiosos».

ELPHINSTONE, afamado homem publico britannico, comparando as estatisticas criminaes do

meado do seculo XIX, em BENGALA e na INGLATERRA, assegura com surpreza, que o numero das sentenças capitaes foi de uma em BENGALA e de cem na INGLATERRA por cada milhão de habitantes *(History of India)*.

A sobriedade moral dos hindús, no juizo dos criticos, tem o assenso universal. Foi, porventura, dos povos, o que mais e melhor soube acercar-se d'aquelle typo ideal e perfeito, a que a humanidade longamente aspira.

Os depoimentos são innumeros e a critica é um consolador hymno de louvor. Eu vou citar, para esplendido remate, uma derradeira opinião, por mais de um titulo illustre.

O Prof. WILSON, eminente orientalista e mestre insigne de OXFORD, antigo alto magistrado britannico na INDIA, commentando e castigando sabiamente a MILL'S *History of British India*, refere-se aos indianos nos seguintes commovedores termos:

«Na Casa da Moeda de CALCUTTÁ, por exemplo, estive em contacto diario com uma numerosa corporação de artifices, mechanicos e operarios e sempre achei n'elles diligencia sincera e incansavel, perfeita conformidade com os seus superiores e promptidão para todo o genero de serviços que lhes fossem commetidos; não havia nenhum caso de embriaguez, nenhum procedimento incorrecto, nenhuma insubordinação...». «Havia notavel pericia e prompta docilidade. Longe de qualquer servilismo, havia extrema franqueza; e devo dizer, quando haja confiança sem

receio, a franqueza é uma das feições mais universaes do caracter indiano». Nas altas classes indianas observei — arremata o notavel mestre — «maneiras polidas, clareza e rapidez de entendimento, sentimentos liberaes e independencia de principios que os teriam tornado *gentlemen* em qualquer parte do mundo».

A legislação de MANÚ é repleta de nobres valores, é prenhe de anceios de perfeição; e um confortante veio de bom senso e de fé brota de todo o livro.

O culto da mulher é, entre os hindús, uma ardente devoção. Donzella, ella é, pela sua graça e candura, a alegria e a paz do lar paterno. Esposa, é a companheira inegualavel que anima e aconselha o marido e o sustém na adversidade. Mãe, ella é de uma tocante ternura e de uma inexcedivel abnegação. Jámais poesia alguma soube, como a hindú, realisar typos de mulher, em que se alliam, em sua inteira plenitude, a galanteria cálida e casta da virgem, a dignidade da esposa e a magestade da mãe.

«Eu não conheço, exclama NIETZSCHE, livro algum em que se digam á mulher tantas coisas galantes e delicadas como no Codigo de MANÚ» *(The Antichrist)*.

Toda a litteratura hindú, ora alegre, ora elegiaca, é uma permanente canção de amor e uma hosanna fervorosa e enthusiastica ao nobilissimo imperio da mulher.

*

* *

A INDIA attingira no seculo XVII o zenith da prosperidade: havia «numerosas cidades, activa agricultura, tersas manufacturas, vigoroso commercio e graciosa architectura»... «As diversas côrtes nativas eram outros tantos centros de emulação e de estimulo. Todas as artes medravam com folego e com ellas avultava a vida urbana» *(Colonies and Dependencies,* ENGLISH CITIZEN SERIES*)*.

Com o seculo XIX veio a decadencia. A INDIA d'esse seculo assiste humilhada, ao desenrolar do despotismo industrial europeu, amarfanhada no torniquete britannico. A imprensa, os caminhos de ferro, o telegrapho, o telephone, a radio-telegraphia e toda a instrumentação mortifera da guerra invadem o mundo e dominam a vida toda.

A INDIA do seculo XX repelle já os punhos da tenaz britannica. A INDIA d'hoje não se lisongeia com as honras de paiz «extranho e curioso», não se contenta em ser, apenas um museu de antiguidades, para regalo dos orientalistas; reclama o seu logar privilegiado no legado historico da Humanidade e prepara a sua reintegracão plena no Mundo Civilisado.

O DOGMA DA INFERIORIDADE

O Dogma da Inferioridade

Uma crença absorvente e intangivel, como um dogma, infesta e seduz o espirito euro-americano: a da inferioridade das raças do Oriente. O dominio da raça européa, o *vhite man's burden*, é o fulcro, o eixo que orienta a litteratura, a historia, a philosophia e a politica interior e exterior das nações da Europa e da America. Ha uma perversão singular da intelligencia historica, um eclipse quasi total do sentido proprio da Historia.

O hindú póde ter obras primas de rara belleza; póde possuir os brocados mais finos, as pedrarias mais rutilantes; o seu genio póde inscrever nos fastos da Civilisação as mais surprehendentes maravilhas da industria e do trabalho; póde arrolar no seu legado guerreiros, heroes e principes do espirito — não possúe, dizem, a ambição exterior, não restringe a imaginação, não configura o seu pensamento e não conquista a par e passo o seu pro-

gresso e a sua continuidade historica; a vida interior, mystica e contemplativa, é a sua unica aspiração, a sua suprema paixão e uma theocracia lúgubre e immovel a sua razão social!...

A GRECIA e ROMA são as duas civilisações que mais impregnam o coração e o espirito do mundo europeu; ambas são civilisações que perlustraram os seculos antigos com a luz scintillante do seu poder creador, consumindo-se, porém, no tumulto dos tempos, sem deixar um vestigio vivo que symbolise a sua continuidade.

A GRECIA revela intuições sublimes da arte, vôos audaciosos do pensamento; não informa, porém, um sentimento collectivo, uma tradição nacional. Entre os gregos, o individuo domina a collectividade. Tudo ahi tem uma personalidade, os homens, os montes, os rios e as pedras. «Cada collina tem uma oreade, cada rio uma nayade, cada arbusto uma dryade e cada pedra um mytho». Mas a GRECIA, em conjuncto, não modela uma personalidade, não gera uma obrigação collectiva, uma norma nacional.

Ao contrario, ROMA consagra-se ao esforço lento e anonymo de levantar as idéas fundamentais do Estado; affirma uma consciencia nacional, uma unidade collectiva;... mas onde estão os seus artistas e os seus pensadores?!

As instituições romanas são a familia e a lei. ROMA, durante os longos doze seculos da sua historia, não recommenda á admiração da posteridade, um sabio, philosopho ou artista. Enlevada no trabalho persistente da organização, ROMA não logra contribuir com uma obra de genio, não accrescenta um conceito philosophico ao thesouro da Humanidade.

Taes são os povos avoengos que a moderna EUROPA reveste das galas mais louçãs da sua linguagem e saúda com os tropos mais candentes do seu enthusiasmo.

Não ha uma só grande idéa da EUROPA contemporanea, um systema audaz, uma concepção original da Natureza, uma só theoria do pensamento, que não tenha os seus cimentos mais ou menos illudiveis na especulação d'algum philosopho greco-romano. A lingua, a sciencia, a litteratura, a philosophia, a historia, a religião, a politica, as formas mais diversas da poesia verbal ou sonora, toda a vida publica da nação, toda a vida interior do individuo se nutrem da mesma fecundissima nascente.

Da INDIA, porém, apenas conhece os *Upanishads*, os *Brahmanas* rituais e o *Dammapada* buddhico! Ignora ou procura ignorar os *Dharmashastras* (codigos de leis), o *Arthashastra* (evangelho politico) e os *Nitishastras*. Os seus Phidias e Polycletos, cujo cinzel inimitavel talhou no marmore e no granito as graciosas columnas de MONT-ABÚ, os baixos relevos de GANDHARA ou o elegante minarete de KUTUB jazem na obscuridade, affluindo sómente as figuras esguias e comprimidas da arte da decadencia! Pois é alli que os numes do Olympo assen-

taram a sua morada, n'esse TAJ casto e bello, onde adoraveis Apsáras sorriem o riso do amor!

Buddha ou *Ioga* (meditação) ou *Mâyâ* (illusão) não exprimem todo o pensamento hindú nem os reformadores mysticos são os unicos expoentes da actividade hindustanica. Ao lado de BUDDHA, NANAK e CHAYTANIA que allumiaram o sentimento religioso com novos e altissimos conceitos, a INDIA legou á admiração da posteridade heroes e homens de Estado que emparelham, sem favor, com CARLOS MAGNO, NAPOLEÃO, LUIS XIV, RICHELIEU ou BISMARCK.

ARISTOTELES, JEAN BODIN e MACHIAVELLI teem os seus pares em KAUTILYA, SUKRA e KAMANDAKI. KAUTILYA, TODA MALL ou BAGI RAO I são dignos émulos de RICHELIEU e BISMARCK. Os MAURYAS e os GUPTAS são rivaes de ALEXANDRE e dos Cesares romanos. CHRISNARÂJA, AKBAR, e SHIVAJI não cedem em valor a CARLOS MAGNO, NAPOLEÃO ou FREDERICO o GRANDE.

A theocracia jamais foi o regimen politico hindú. A politica foi invariavelmente independente da theologia; nunca foi dado aos padres direito privilegiado na administração civil (SARKAR, *The P. Inst. and Theories of. the Hindus).*

Segundo as theorias politicas hindús, «o rei é o servo do povo» e «o seu rendimento é a paga dos seus serviços»; o commandante deve ser, seja qual fôr a sua casta, um bravo». «Não é a casta nem a familia, mas sim o valor, o caracter e o merito as

unicas qualidades que determinam a superioridade» (SUKRA).

A crença corrente na EUROPA de que as monarchias hindús eram despoticas, é uma das fementidas concepções da historiographia orientalista. «Na historia antiga ou moderna da EUROPA não apparece um systema de governo autonomo, municipal ou aldeão, mais bem architectado contra os abusos do poder central, como o concebido pela philosophia politica hindú» (HOWELL, *The History of Aryan Rule in India).*

As formas corporativas foram extremamente variadas: repúblicas aristocraticas ou democraticas *(gana)*, cidades livres, municipalidades, aldeias autonomas *(gão)*, *sanghas* (ordens monasticas), etc. O *gão* tem o seu equivalente na *gens* romana e a *gotra* (familia) corresponde na linguagem do direito europeu, a *domus* romana.

A municipalidade de PATALIPUTRA, a ROMA dos hindús, a capital do grande imperio dos MAURYAS, tinha trinta membros, distribuidos por seis departamentos: artes, turismo, estatistica, commercio, industria e contribuições!

Os mandamentos do *Ahimsâ* (não—violencia ou não — resistencia), em tempo algum, passaram da esphera das chimeras. Em epocha alguma da historia politica e militar da INDIA, constituiram o vinco dominante do pensamento nacional hindú.

Muito ao invéz do que fazem suggerir SCHŒPENHAUER e seus discipulos, o buddhismo não foi

o culto do pacifismo e do quietismo, a exaltação do negativismo e da anniquilação. Buddhistas houve que foram guerreiros, traficantes, politicos e reis. Como os jesuitas na EUROPA, os buddhistas evangelizaram, intrigaram e luziram na côrte, na politica e na religião. Como os Templarios, elles formaram ordens militares na historia medieval na INDIA, na CHINA e no JAPÃO.

SHAKYA-SIMHA o BUDDHA, era dos cem principaes do seculo 6 ou 7 antes de CHRISTO. Mestre de reis e politicos, elle instituiu, não uma religião, mas uma ordem monastica. Apostolo, elle não abdicou dos seus direitos politicos; e comquanto o seu apostolado obtivesse um grande successo, não converteu o paiz n'um mosteiro ou n'um convento. ASOKA o GRANDE (270-230 A. C.), o primeiro dos seus mais devotados propagandistas, foi um notavel conquistador e um dos maiores Cesares do Mundo. A hegemonia hindú extendeu-se, no seu tempo, a toda a ASIA OCCIDENTAL, á GRECIA, á MACEDONIA e ao EGYPTO.

Como os Hellenos e os Europeus contemporaneos, o HINDUSTÃO, ao lado do tracto dos negocios e do cultivo de todo o genero de sciencias e lettras, estabeleceu a devoção do Kshatrianismo, o culto dos heroes.

O seu genio organizador revelou-se egualmente nas multiplas instituições de caridade, collegios, mosteiros, hospitais e poisadas publicas. Os hindús foram os creadores dos primeiros hospitais publicos:

na EUROPA, o primeiro estabelecimento de caridade é contemporaneo de CONSTANTINO (4.º sec. D. C.); na INDIA havia já hospitaes para homens e para os animaes no tempo de ASOKA (3.º sec. A. C.).

A Universidade de NALANDA, no BIHAR, a OXFORD hindustanica, foi o nucleo scientifico, cujos reverberos scintillantes irradiaram durante sete seculos, (do 5.º ao 12.º D. C.), desde o extremo levante da EUROPA até aos confins longinquos da ASIA ORIENTAL.

Não escassearam entre os hindús os congressos, as academias e as encyclopedias. Os *Kumbhâ-mela*, e os *parishats* disputam primazia ás remotas Ligas Amphyctionicas, aos Concilios de TRENTO, ás Conferencias de WESTPHALIA ou aos actuaes congressos scientificos ou sociaes. Os *Sanhitâ* são as suas compilações, as suas encyclopedias.

A INDIA creára, como a EUROPA, uma theoria de Estado, flexivel e progressiva, instituições civis que não receiam confrontar-se com as romanas, obras de arte de que justamente se orgulha a Arte Antiga e agitára os mais oppostos systemas philosophicos.

*

* *

Como a EUROPA, a INDIA, do 8.º seculo ao duodecimo, mergulha-se nas trevas da barbarie, no cahos espantoso das invasões sanguinarias e avas-

salladoras. Mas emquanto a INDIA resiste e emerge salva d'esta confusão e ruina, a GRECIA e ROMA são immoladas para sempre ao invasor triumphante.

Ao dobar do seculo XIII, como a EUROPA, a INDIA esforça-se para sahir da parcellação feudal. Os hindús concentram-se n'um grande imperio, primeiramente no de VIJAYANAGAR e, a seguir no MOGHOL: é a epocha da Renascença.

Com a Renascença, ressurgem os grandes homens, famosos soberanos como CHRISNARÃJA, AKBAR e SAHAJAHAN, eximios artistas, sabios lettrados, ousados estadistas, audazes reformadores e cabos de guerra extraordinarios.

Na epocha (sec. XVII), em que o Rei Sol tronitroava na EUROPA, a INDIA sôb os MOGHOES, a CHINA sôb os MINGS e o JAPÃO sôb os TOKUGAVAS, possuiam um governo, um systema financeiro, um exercito, estradas e correios que egualavam aos dos Estados europeus (MAZELLIÈRE, *La Civilisation Indienne).*

A esse tempo, o despotismo era a unica lei dos Estados europeus e LUIZ XIV era a lei; eram attrabiliarias as suas tributações. A nacionalidade, os direitos do povo e a liberdade de consciencia estavam no mundo dos sonhos. Eram «os dias da servidão sem lealdade, da sensualidade sem amor, da myopia da intelligencia e dos vicios infames»; «a edade de ouro do cobarde, do beato e do escravo». «Os ademanes dos arlequins e os motejos dos bobos regulavam a politica do Estado». Os ladrões e os bandidos infestavam as ruas das cidades; a veníaga e a corrupção campeavam nas altas espheras do poder; as exacções eram crueis e escandalosas (MACAULAY, *History of England).*

Até ao termo do seculo XVIII, «não havia a chimica; a alchimia dominava entre as hypotheses contradictorias do tempo; ainda havia os devotos da pedra philosophal»! «Nas casas burguezas ricas, as cadeiras e as mesas eram de pinho ordinario». Os moveis e os artefactos modernos, polidos e luxuriosos, eram desconhecidos (LEWES, *Life of Goethe).*

Os povos da ASIA, de CHANDRAGUPTA a KANGHI, hindús ou chinezes, não encontrariam na EUROPA opposição essencial, desde o seculo de PERICLES até ao de FREDERICO o Grande.

Qual é, pois, a superioridade, tão ruidosamente reclamada pelos povos euro-americanos?!...

Após o Congresso de VIENNA, em 1812, desenvolvem-se na EUROPA forças novas até ahi ignoradas: a imprensa aperfeiçoada, a machina de vapor, os caminhos de ferro e a telegraphia — que acceleram poderosamente o curso dos acontecimentos e modificam altamente a physionomia do commercio e da industria, da sciencia e da arte, da politica e da estrategia.

Qual o valor em tempo, de toda essa revolução industrial?

Em 1853, o JAPÃO tinha, como a INDIA, a mesma civilisação. Em 1870, foi installada a primeira linha telegraphica entre YOKOHAMA e TOKIO; a primeira

linha ferrea de 18 milhas foi acabada de construir em 1872. Em tres décadas, o Japão apoderava-se de toda a technica industrial e politica européa e, em 1905, esmagava em Porto Arthur e em Tsushima um adversario europeu. Se uma inferioridade existia entre o Occidente e o Oriente em 1853 ou 1867, estava victoriosamente abatida em 1905, evidenciando que a moderna feição industrial e politica não é um milagre da raça branca nem um monopolio do *homo europaeus*.

A historiographia européa é summamente tendenciosa; confronta as superstições do Oriente com o livre exame do Occidente, guardando na penumbra *o racionalismo* do Oriente e as crendices do Occidente; interpreta os dados particulares do Oriente como generalisações, applicando um criterio restrictivo aos dados europeus do mesmo typo; compara as remotas condições do Oriente com os derradeiros acabamentos do Occidente; e, d'este modo, prepara o cavilloso dogma da inferioridade.

A India do seculo XX desafia o insidioso dogma, trazendo como paladinos Ram Mohun Roy, Vivekananda, Mahatma Gandhi, Aurobindo Ghose, Bal Tilak e Benoy Sarkar. São os seus Kant, Hœgel, Montesquieu, Mazzini, Voltaire e Rousseau.

.....

Todos os povos tem os seus periodos aureos, todos tem os seus numes bemfazejos, os seus heroes adorados, as suas tradições preciosas; todos

tem valles frescos e umbrosos, montanhas pittorescas, veigas ferteis, um mar cerúleo e um firmamento estrellado; mas, se ha povo que possa dizer-se eleito, é o povo hindú!

Dos povos antigos, hebreus, assyrios, phenicios, egypcios, gregos e romanos, todos jazem sôb a lousa immensa do silencio, só os hindús se salvam na arca mysteriosa de Noé, do diluvio incommensuravel dos tempos!

CONFRONTO SYNCHRONICO ENTRE A CIVILISAÇÃO EUROPÉA E A CIVILISAÇÃO HINDÚ

Confronto Synchronico entre a Civilisação Européa e a Civilisação Hindú

Os primordios hindús perdem-se em plena lenda. Quinze seculos antes da era de Christo, já entre os picos alterosos do Hymalaia e as cristas alcantiladas dos Ghattes, ao longo do valle ensombrado e fresco do Indo ou da alfombra macia em que serpeia o aprazível Jumna, no recosto das collinas e dos outeiros do Deccam ou entre as margens amenas do Godaveri e Kistna, havia cidades celebradas pelo seu engenho industrial e mercantil, religiões e cultos professados por consideraveis populações e uma sciencia e uma technica, de cujos resultados e productos tiveram conhecimento os Pharaós do Egypto e os reinos famosos assyrio-babilonicos d'entre o Tigre e o Euphrates. Já, por essa longéva madrugada, Dirgatama, Vashista e Viswamitra, os sabios *rishis*, saudavam nas hosannas grandiloquentes dos *Vedas*, Indra, Agni ou Varuna, os *Devas* protectores ou cantavam em de-

leitosas rapsodias o amor e o prazer. Por esse tempo, se memoram e se descrevem nos epicos *itihasas* do *Mahabharata* os primévos feitos nacionais. Das suas angras e enseadas partiam já as naus, transportando as musselinas, as pedrarias e os brocados que resguardavam os sarcophagos dos principes de LUXOR, KARNAK e MEMPHIS.

Com a necessidade de orientar e disciplinar a população que ia já dilatando-se, encadeiam-se, a pouco e pouco, á lyra divina, os *Brahmanas* (rituaes), os *Aranyakas* (soliloquios) e os *Upanishads* (tratados mysticos).

Pelo seculo doze, antes de CHRISTO, após as edades do cobre e do bronze, ha a tomada de LANKA, a TROIA indiana.

Como a *Illiada* de HOMERO, o *Râmâyana* de Valmiki, é uma das grandiosas obras primas do genio humano. É um monumento admiravel e pleno de harmonia, levantado pelos hindús a um heroe bello, luminoso e forte, encarnação completa da mais pura nobreza, expoente maximo de todas as virtudes e de todos os valores da natureza humana, em conflicto com as potencias mysteriosas da noute e do mal.

O rapto da rainha SITÂ e a guerra da sua libertação dos muros temiveis de LANKA, é o thema da immortal epopéa. Ha n'ella como na *Illiada*, a mesma intriga heroica, o mesmo gabo á castidade da mulher e á bravura do homem; o triumpho do heroe e a ruina do inimigo são, como na obra de HOMERO, os motivos culminantes do poema.

SITÂ é, como RAMÂ, uma figura de eterna belleza. Casta e apaixonada como jámais outra mulher, era tão altiva, tão pura e tão terna como a EVA de MILTON ou como as heroinas de SHAKESPEARE.

O esplendor das personagens, a magnanimidade de RAMÂ, a sua divina bondade, a sua paixão inalteravel pela esposa prisioneira e a sua fidelidade ao dever, a belleza olympica e meiga de SITÂ e a sua invencivel castidade, n'um *décor* maravilhoso do murmurio do oceano e da floresta indiana, tornam este poema gigantesco uma symphonia infinda da mais profunda e alta moral.

*

* *

Com o seculo VII antes de CHRISTO, principia uma tal e qual isochronia entre a civilisação hindú e a civilisação européa.

Com a frequencia do poetar e do dizer, os hindús têem affeiçoado, polido e amaciado uma lingua «admiravelmente construida, perfeitamente homogenea, superior a todas as outras». Como na EUROPA d'essa epocha, medra no HINDUSTÃO uma organização patriarchal de familia e da communidade, costumes fixos em relação ao casamento, provavelmente monogamico, crença religiosa e culto communs.

MANÚ ha já cerzido n'uma Biblia sem par, com a sabedoria do tempo, as prescripções mais sublimes

e os pensamentos mais conceituosos, entretecidos com a legislação civil, criminal e religiosa, consagrada pelas instituições da epocha. A doutrina do energismo, da *deificação* da vontade e a dos *mandala* (circulos internacionaes) attingem n'este breviario magestoso culminancias que offuscam os ardis e as audacias dos super-homens do seculo presente.

Como na ITALIA e na GRECIA d'essa remota edade, em que os povos eram apenas confederações de cidades, floresciam na INDIA, numerosas municipalidades, sôb a forma democratica ou aristocratica, entre as quaes sobresahiam MAGADHA, GÁNDHARA, SAKYA, KAMBOJA, MALWA e KOSALA, onde abundavam physicos, cirurgiões, philosophos, publicistas, diplomatas, sophistas e linguistas. Estas municipalidades foram contemporaneas de ESPARTA, ATHENAS, THEBAS e ROMA. A sua extincção com o estabelecimento da dynastia MAURYA (322 A. C.) é isochrona com o desbarato das cidades-estados da GRECIA por PHILIPPE de MACEDONIA na batalha de CHERONEA (338 A. C.)

Com o discorrer dos tempos, com os repetidos certames dialecticos, vão-se parallelamente emancipando os espiritos e desbravando no dédalo das cosmogonias hieraticas o pensamento philosophico.

Com uma boa e discreta eleição da materia prima, uma eschola de arrojados pensadores arranca do viridente tronco dos *Vedas*, os seis grandes *darshanas* ou systemas philosophicos: o *Vedanta* de VIASA

que é o *sutra* classico do pantheismo hindú; o *Mimansa* de JAIMINI; o *Sankhya* de KAPÍLA, o *Yoga* de PANTAJALI; o *Nyáya* de GOTAMA e o *Vaiseshika* de KANADA.

O monismo do *Vedanta* parece-se com o dos Eleatas. A theoria dos atomos de Democrito encontra-se no systema de KANADA.

O *Sankhya* é um systema racionalista, liberto de toda e qualquer theogonia. KAPÍLA invoca a razão humana como o unico fundamento do conhecimento. A sua doutrina de indestructibilidade da materia reconhece-se facilmente na concepção de EMPEDOCLES.

O *Nyáya*, na perspicacia de seus methodos, na classificação das cathegorias das idéas, póde assemelhar-se á eschola aristotelica...

Como ARISTOTELES, o immortal preceptor de ALEXANDRE, KAUTILYA lança, com mão de mestre, nas paginas austeras do *Arthashastra* os preceitos e as regras que são o methodo, o instrumento, o *organon* com que CHANDRAGUPTA, o primeiro imperador hindú, seu pupillo, haveria de alcançar a consolidação do seu nascente imperio.

Aos Imperios Maurya e Gupta correspondem na EUROPA os imperios macedonio e romano. Durante este afamado periodo, avultam na INDIA, doutrinarios politicos como SUKRA e KAMANDAKI, que regulam todas as questões em dia, educação popular e superior, representação parlamentar e instituições municipaes, exercito e marinha, leis sobre familia e sobre

a pobreza, finanças, emigração, censo, jurisprudencia e relações internacionaes; Livios ignorados que escrevem narrações historicas como a *Vishnu-Purâna* e a *Matsya-Purâna*, sobre PATALIPUTRA, a ROMA dos Hindús; Plinios como VÃRÃHAMIHIRA, auctor da encyclopedia *Brihat-Sanhitã* (6.º D. C.); architectos e esculptores, cujo escopro inspirado ergue da pedra monumentos formosissimos como os do PARTHENON de ATHENAS.

Como VIRGILIO que celebra na *Eneida* a grandeza de ROMA no zenith do imperio, assim KALIDAS, o dramaturgo da *Shacuntalá*, exalta no *Raghuwamsha* o successo dos GUPTAS (4.º e 5.º sec. D. C.) no seu auge.

É egual o espirito dos dois poemas. VIRGILIO e KALIDAS lêem o passado no espelho do presente; um e outro immortalizam os seus contemporaneos, emmoldurando-os n'um maravilhoso mythico. O poeta hindú arde no crisol do mais levantado *jingoismo* como o poeta romano.

*

* *

Com o ruir do imperio romano, a EUROPA é um cahos ethnico, uma *cloaca gentium* onde formigam todos os povos e todas as raças. Ao desaggregar-se do imperio Gupta no sexto seculo, o norte da INDIA é séde d'um redemoinho de gentes, emquanto o DECCAM faz barreira firme ao avanço dos barbaros.

Como a EUROPA da meia edade, do seculo VI até

ao seculo XII, a INDIA é um xadrez de innumeros estados guerreiros onde coexistem, face a face, todas as instituições, monarchias, aristocracias e democracias ou instituições livres. Nenhum d'esses systemas domina a sociedade, nenhum prevalece. Ha a mesma mobilidade nos estados, que apparecem e desapparecem; não ha fronteiras, não ha governos, nem ha povos.

O imperio romano legára, na sua queda, á sociedade futura, um regime municipal e familiar e a idéa d'um poder central, sagrado e despotico, principio de ordem e de servidão.

Ao contrario, o imperio Gupta transmitira aos seus successores, além das instituições municipaes e familiares, a idéa d'um poder central, principio de ordem e de unidade nacional, mas sem caracter sagrado e com sancção popular. «Não obstante a preponderancia social da casta sacerdotal, não se constata, diz MASSON-OURSEL, nenhuma inclinação á theocracia; jámais um direito divino foi invocado como o fundamento da auctoridade real. Os doutrinarios politicos hindús conciliam a auctoridade do poder com a soberania do povo» *(La Revue de Synthèse Historique, Paris*, Tom. XXXI).

Foi justamente o regime de servidão que os romanos adoptaram n'uma errada visão, que os forçou á absorpção pelos invasores. Ao contrario, os hindús, identificando-se com a massa humilde do paiz, souberam resistir com vantagem á saca e á resaca das invasões.

Constituira-se mais, á sombra do imperio romano, uma outra sociedade, muito differente no sentido e no objectivo, a Egreja Christã, que tinha jà o seu governo, um clero, uma jerarchia bem ordenada e meios proprios de acção.

De modo egual, o brahmanismo, integrando no seu pantheon todo um céu de deuses aborigenes, primitivos e naturalistas, apoderára-se do pensamento nacional.

É sôb a influencia da Egreja brahmanica, que, no DECCAM, áquem das trincheiras de resistencia e das baterias de assalto aos invasores, desabrochava um renovo de renascimento industrial e scientifico, presagiando uma nova era. SHANKĀRĀCHARYA proclamava n'uma ante-visão assombrosa, como mais tarde S. FRANCISCO DE ASSIS e ABEILARD (sec. XII), a liberdáde do pensamento e conduzia a razão inquiridora aos districtos até então quasi ignotos da logica e da psychologia. Enunciando a suprema hegemonia da sciencia, repudiava toda a figuração idolatrica e afoitava-se a erigir sôbre o solo nivelado a identidade completa das almas humana e divina, ao mesmo tempo que RAMANUJA e KABIR defendiam um deus pessoal, o culto exclusivo de VISHNÚ, o dualismo do Creador e da creatura e a egualdade das castas, substituindo, como mais tarde, LUTHERO e CALVINO, a lingua classica pelas linguas populares.

Mathematicos de superior envergadura, entre os quaes MAHÂVIRA e BHĀSKARA, assentavam os fundamentos das sciencias exactas; creavam as cifras, o systema decimal, a algebra e o calculo differencial. ARYABATTA descobria o systema solar e a precessão dos equinoxios. Artistas desconhecidos inventavam toda a escala musical, muito antes de GUIDO de TOSCANO (995-1050), e uma variedade de notações e signaes para a harmonia polyphonica, emquanto cortezãos inspirados como JAYADEVA e SOMADEVA cantavam, em verso galante e loução, os deleites sensuaes do amor, como no *Gita Govinda*, ou as glorias afamadas dos antepassados, como no *Oceano das ribeiras*.

No sec. XIV, o feudalismo cede o logar aos grandes reinos: VIJAYANAGAR no sul e TOGLACK no norte.

Como a *Divina Comædia* de DANTE e as obras primas da arte gothica, os sanctuarios de MONT-ABÚ, as fortalezas de GWALLIOR, a poesia nobre e heroica de CHAND-BARDAY e dos primeiros escriptores bengalis são os precursores da Renascença.

Com o seculo XVI, entra-se em plena Renascença. A INDIA reconstituiu a unidade, a grandeza e a magnificencia do Imperio Maurya, sôb a dynastia Moghol. O despotismo da Egreja tem dado logar ao despotismo do Estado.

Grandes reformadores religiosos, pantheistas como NANAK e monotheistas como CHAYTANIA, prosadores e poetas de alto merito enchem de brilho e de renovação esta epocha fecunda e scintillante. Emquanto o tamul enriquece a litteratura do sul com as obras dos *sittars*, os mahrattas engrandecem-se com mestres insignes como RAM DĀS e TUKARAM,

os rajputs com BIHARI LAL e TULSI DÃS e os bengalis com CANDI DÃS e MUKUNDA RÃM. Artistas e cantores eminentes, cujos genio imaginoso e opulento não receia confronto com os seus pares europeus, illuminam com fúlgida aureola a grandeza fidalga e magnificente da dynastia moghol.

Mais do que a côrte de LUIZ XIV, a côrte do Grão Moghol era o centro aurifulgente, á sombra do qual se acolhiam, como a um vastissimo alcaçar, generoso e fagueiro, centenas de artistas e escriptores, afim de precatar da interferencia ou capricho da fortuna ou do acaso os thesouros da imaginação e da sciencia. FATEPUR SIKRI engloba, em seu pujante engenho, a universalidade artistica d'esse periodo florente, em que TAJ MAHAL é a cupula culminante.

Floresciam todas as artes: a architectura, a esculptura, a pintura, a musica, a litteratura, epica, lyrica e dramatica, a ode, os contos, o romance e as artes menores: os bordados, as incrustações, os bronzes e os cobres, as faianças, os vitraes, os estofos e os aços.

A INDIA tem, como a EUROPA, a arte jovem e ousada da Renascença, a arte ponderada do seculo XVII e a arte pesada do preciosismo philosophico do sec. XVIII. «Nos verdadeiros representantes da renascença indiana encontram-se as duas qualidades mestras da renascença européa: a honra e o humanismo (MAZELLIÈRE, *La Civilisation Indienne*).

*

* *

É possivel com solidos fundamentos affirmar «que não ha na EUROPA instituição alguma, de DIOCLECIANO a FREDERICO o GRANDE, que não tenha a sua contrapartida na INDIA desde 322 A. C. até 1300 D. C.». «O *liber burgus* das cidades medievaes da EUROPA não é mais extensivo ou intensivo que as liberdades das *shrenis* (corporações). O *Parlamento de Paris* tem o arcaboiço da alta judicatura dos MAURYAS; e os *nervos da Republica*, como BODIN denomina as finanças do Estado, não foram mais centralisadas sôb o *grande monarcha* com a divisa de *l'état c'est moi* que sôb RÃJARÃJA o GRANDE» (BENOY SARKAR, *The Futurism of Young Asia*).

Ha, até ao seculo XVII da era christã, entre as civilisações européa e hindú, um parallelismo surprehendente, cujas phases primaciaes são: a formação de grandes imperios nas regiões maritimas, a demolição d'estes imperios pela invasão dos barbaros da ASIA CENTRAL, a confusão e a desordem demogenica da Edade Media, o regime feudal e o estabelecimento de famosas monarchias absolutas pela união dos invasores e dos invadidos.

Nos seculos XVII e XVIII, as guerras religiosas e a reacção contra o despotismo do Estado geram as confederações democraticas mahratta e shikh. Como a revolução liberal ingleza de 1688, a revo-

lução mahratta teria trasbordado n'um fecundissimo movimento de emancipação e de unificação nacional, se a habil intriga britannica, insinuando-se no estreito espirito dos mahometanos, mais religiosos que patriotas, não sustasse a sua inevitavel eclosão, esmagando-os, uns contra os outros, e assenhoreando-se do paiz.

Assim nasceu a fallencia sem nome, a humilhação sem exemplo, a bancarrota intellectual e moral dos hindús no seculo XIX.

.....

A INDIA do seculo XX se embellece e se exorna pelo exercicio de rútilas virtudes para restaurar o fio maravilhoso da tradição, o *sutra* interrompido do synchronismo historico. Um escól de patriotas e pensadores vibra e afervora a alma nacional. É RAM MOHUN ROY, humanista profundo e precursor da emancipação religiosa; é SWAMI VIVEKANANDA, o exegeta audaz da soberania da razão; é MAHATMA GANDHI, como MAZZINI, o apostolo mystico da unificação nacional; é CHANDRA BOSE, o NEWTON da gravitação biologica; é LOKAMANYA TILAK, como o vigoroso auctor do *Essai sur les moeurs*—o *standard-man* da revolução; é BENOY SARKAR, como o sabio critico do *Esprit des lois*, o interprete sagaz do direito constitucional hindú; é RABINDRA TAGORE, o Mecenas carinhoso das lettras e artes patrias; é toda uma pleiade de estatuarios, a polir, a cinzelar, a alçar a abobada triumphal dos *Estados Unidos da India!*

COEFFICIENTE HINDÚ NA CIVILISAÇÃO EUROPÉA

Coefficiente Hindú na Civilisação Européa

A India é aquelle afortunado paiz, em cujo solo vém filiar-se as artes e as sciencias que as demais civilisações contemporaneas ou vindouras demudaram e aperfeiçoaram. Aquella terra abençoada, em cujo riquissimo peculio ha uma cultura politica, artistica e philosophica, superior na variedade, na harmonia, na opulencia das formas e na audacia das concepções, a todas quantas lhe deparavam os povos coevos, foi o berço de algumas das idéas centraes, que na sciencia, na arte ou nas instituições vieram integrar-se no pensamento hodierno

Como as civilisações posteras que mammaram o leite da infancia no seio uberrimo da sacra madre hindustanica, tambem a India, despidas as faixas infantis, havia adquirido novos elementos, pelo commercio e pela frequencia, do lume incendido pelos povos que, antes d'ella, tinham madrugado para a cultura.

A diuturna communicação da INDIA com o EGYPTO, com a ARABIA e com os centros cosmopolitas das cidades da MESOPOTAMIA, determinára a importação dos cultos, das artes e das idéas que vieram arrear os primeiros arreboes da civilisação hindú. Assigna-la-se, como sendo de origem phenicia, o alphabeto indiano, varios dos conhecimentos astronomicos, infiltrados na tradição hindustanica e diversas das lendas que são o recheio bizarro e pittoresco dos *Vedas* e dos *Iatakas*.

Dos seus thesouros intellectuaes, technicos e religiosos — assim opulentados com a permuta activa e incessante com os povos madrugadores, desde a rudeza primigenia da infancia até aos rútilos lavores da adolescencia—a INDIA repartiu pelas populações européas, em que a luz do entendimento foi mais remissa em despontar, os lanços mais fecundos e vivazes.

Dos gregos, a escola dorica ou italica, em que PYTHAGORAS é o pontifice maximo, colheu no legado hindú as melhores joias do seu systema que é a medulla espinhal do pensamento grego (SCHROEDER, *Pythagores und die Inder)*. A nebulosa transmigração das almas, a theoria dos etheres, as engenhosas congeminações sobre os numeros, a intuição mystica na concepção do Universo e na deducção das verdades moraes denunciam claramente a influição indiana. PYTHAGORAS, o fundador da mathematica na EUROPA, deveu á INDIA o nucleo capital do seu saber: o theorema do quadrado da hypothenusa que

leva o seu nome, a noção das grandezas irracionaes, os symbolos algebricos, o calculo abstracto e, provavelmente, a sua arithmetica vieram dos sabios arcanos do HINDUSTÃO (CHAMBERLAIN, *La Genèse du* XIX *Siècle*, vol. I).

É tão notavel e decisiva a influencia do pythagorismo e, indirectamente, do pensamento hindú, na civilisação contemporanea, que sem a noção do numero, sem a ordem ideal das grandezas mathematicas e sem a regrada disposição do calculo, as leis da queda dos graves, as do pendulo, as da vibração das cordas sonoras e as da reflexão, difracção e dispersão da luz seriam impossiveis.

Sem o pythagorismo, proclama um mathematico notavel, SCHIAPARELLI, não teriam nascido nem KEPLER nem GALILEU nem NEWTON.

É, após PYTHAGORAS que EMPEDOCLES contrapõe á agua de THALES, ao ar de ANAXIMENES e ao fogo de HERACLITO, ao monismo simplista dos physicos da IONIA, a multiplicidade primaria da Natureza. A pluralidade dos elementos primordiaes, a sua composição e decomposição, a synthese e a analyse, a eternidade da materia e a negação da biblica *creatio ex nihilo* são a expressão manifesta do systema racionalista de KAPÍLA.

É com o *Sankhya* hindú que principia verdadeiramente a philosophia scientifica, desembaraçada das tradições mythologicas. È com KAPÍLA que se inicia este grande movimento intellectual, em que a razão procura pelos seus esforços, desajudados de toda

a revelação, desnudar e decifrar os mysterios infinitos do Universo.

A theoria atomica, origem e fundamento da moderna chimica, teve tambem os seus primeiros vagidos na prodigiosa cerebração dos pensadores hindús. DEMOCRITO, que é para a EUROPA o primitivo architecto da doutrina atomica, arrancou á sabedoria indiana os primeiros vinculos do seu engenhoso systema. O *Vaishesika* de KANADA já firmára indestructivelmente o conceito do atomo; — os atomos eram para o immortal sabio da antiguidade hindustanica, «eternos, imperceptiveis aos sentidos e indivisiveis».

KANADA é, com DEMOCRITO, o primeiro fanal accendido para encaminhar e dirigir os investigadores do nosso tempo na trabalhosa comprehensão da sciencia da materia.

Do pythagorismo, a philosophia grega transitou necessariamente para o idealismo da ELÉA. No monismo dos eleatas transluz sensivelmente o monismo vedantico. Como os vedantistas, os eleatas repellem os deuses antropomorphicos, lamentando a theogonia classica «haver deshonrado a divina essencia com os atributos e paixões da humanidade». Como os vedantistas, os eleatas são os audazes constructores do Absoluto, do Brahman universal.

O absoluto dos monistas idealistas inspirou o idealismo transcendente de PLATÃO e o pantheismo dos philosophos modernos. GIORDANO BRUNO, o dominicano racionalista, adversario irreductivel da es-

cholastica, é influenciado pelo pantheismo eleatico, O idealismo de HŒGEL e SCHELLING é herdeiro dilecto do monismo vedantico.

No syncretismo philosophico de ARISTOTELES, o encyclopedico stagirita, encontram-se numerosas suggestões da logica de GOTAMA, que o estatuario da systematica grega nimbou a supremas culminancias.

...Nos ultimos tres seculos que precederam o nascimento de CHRISTO, esta interpenetração da cultura greco-hindú attingiu desusadas porporções.

As universidades de ATHENAS, ALEXANDRIA, TAXILA e PATALIPUTRA, recolhiam no seu seio os sabios de todo o mundo.

Os *litterati*, *bhiksus*, *magi* e *sannyâsins* travavam-se em disertos torneios academicos com os sophistas, mysticos, gnosticos e peripateticos do Occidente.

D'este vasto congresso de todas religiões e dos mais oppostos systemas philosophicos, d'esta amalgama moral do Oriente e do Occidente, brotaram idéas e doutrinas communs: o culto do Infinito, a preparação para a *mukti* (salvação), a crença n'um Deus pessoal, a adoração de um Deus encarnado em homem *(Avatâra)* e a religião de amor *(bhakti)* são o evangelho sagrado dos Christãos como dos Hindús.

O Christianismo como o Pythagorismo e o Platonismo, são talhados na messe opulenta do pensamento hindustanico (LILLIE, *India in Primitive Christianity)*.

*

* *

Ao alvorecer da nova era, a arithmetica gemia de difficuldades. O EGYPTO não se sentira capacitado para imaginar um systema de cifras; os algarismos romanos eram fraco engenho para vastas construcções; e a GRECIA, com as suas quatro notações, não alcançára desvestir-se da formula infantil dos seus calculos. Mais uma vez, o genio hindú surgiu resplandecente e presenteou á humanidade com os desejados algarismos, denominados erradamente *algarismos arabes (Scientia,* BOLONHA, junho de 1921) que LEONARDO de PISA introduziu no seculo XIII, na EUROPA, ao tempo em que JORDANUS SAXO revelava o assombroso compendio da algebra indiana, cujo impulso é assaz significativo na grandiosa evolução do espirito humano.

A litteratura hindú, por sua vez, infiltrando-se lentamente nas lendas e fabulas de BOCCACIO, LA FONTAINE e outros, assumiu um culto marcante no movimento romantico da INGLATERRA e da ALLEMANHA, o caudal plastico e multiplice da arte e da litteratura contemporanea.

A *Shacuntalâ* de Kalidas, o SHAKESPEARE hindú, traduzida, pela primeira vez, para as linguas européas, ao cahir do seculo XVIII, foi para GOETHE, o inspirador genial do romantismo, a «luz sem precedentes», o «sol sem egual», o canon delicado e humanissimo do preludio do *Fausto. Shacuntalâ,* a gemma preciosa do idealismo hindú, foi egualmente a virgem candida e bella da *Thallia* de SCHILLER, a encantada *schöne Weiblichkeit* da tradição germanica.

A *Baghavâta Gitâ* é a cimalha aprumada e magestosa dos arrojados vôos da intuição vedantica. Como os *Pensées* de Pascal, é um hymno imponente e seductor, de extase e de consolação.

Gitâ pela sua concepção da immortalidade da alma, da infinita bondade de Deus, da nullidade da morte e da apparente negação do mal, é um canto vigoroso de embriagadora esperança e de reconfortante consôlo. *Gitâ* foi a alma luminosa da *Imitação de Christo* de THOMAS à KEMPIS, do *In-Memoriam* de TENNYSON. *Gitâ* é a mola galvanizante dos apostolos do dever: CARLYLE, o sabio de CHELSEA e MAZZINI, o genio mystico da restauração da ITALIA; é o espirito subtil e possante do idealismo mystico, do monismo imperativo de KANT, LESSING, HŒGEL, FICHTE e SCHELLING, do neo-pragmatismo americano e do intuicionismo de BERGSON.

O codigo de MANÚ teve um influxo poderoso no pensamento de NIETZSCHE, cujo douto e suggestivo livro *Vill to Power* assume na Europa as honras de decalogo do humanismo e do energismo occidental do seculo XX.

NIETZSCHE exalta a superioridade do livro de MANÚ sobre a Biblia hebraica... No dizer do eminente pensador, o codigo de MANÚ é — ao invez do Evangelho christão — o culto da «*deificação da von-*

tade», o Novo Testamento que ha de trazer a *rehumanização* do Homem (*Vill to Power*, Vol. I, Liv. II).

.....

É á INDIA, — dos povos primévos que pereceram na longa e dolorosa caminhada da Humanidade — que coube o privilegio singular de ser a nação deputada de ter á sua guarda o facho inextinguivel da imaginação e da sciencia para nos allumiar na eterna romagem do nosso espirito.

Na fé d'este dever imperscrutavel de suprema piedade, os hindús d'hoje, andam voejando na arte e no saber do Occidente, como as industriosas abelhas, de flôr em flôr, para destillar o mel de uma cultura universal, afim de a transmittir, accrescentada com os juros crescidos de uma vigorosa e brilhante elaboração, ás gerações do Porvir.

A NACIONALIDADE HINDÚ

A Nacionalidade Hindú

O conceito de nacionalidade é objecto de Interminas disputas. Mme de Stäel, quem primeiro tentou fixar o canon scientifico da nacionalidade, exigia como alicerces essenciaes: os limites naturaes, a communidade de tradições e a identidade de lingua.

Este canon, porém, longe estava de amoldar-se ás necessidades reaes. Na extrema variedade das formas singulares, era difficil, senão impossivel, firmar-se precisamente um modelo, em volta do qual oscillassem as diversas singularidades. D'ahi as mais variadas concepções: se, para varios, os requisitos constitutivos de nacionalidade são a unidade de raça, de costumes, de religião e de lingua, Michelet, pelo contrario, repudia a unidade do sangue e Camille Julian contenta-se com as identidades linguistica, politica e religiosa.

Raras, porém, são as nações que podem assegurar-se do privilegio irrecusavel de tres unidades.

A BELGICA e a SUISSA, duas nacionalidades de irrefragaveis fundamentos, não possuem nem a unidade da lingua nem a da raça; e os limites naturaes da primeira são um ponto de duvida. A ALLEMANHA, que nos legou já um thesouro de bellezas nas suas instituições politicas e sociaes, nas suas obras philosophicas e na sua opulenta, formosa e variada litteratura, não revela unidade da raça nem da religião: o germano é essencialmente polymorpho e divergente. TREITSCHKE attribue ao sangue celta a efflorescencia artistica da ALLEMANHA do SUL como imputa á infusão slava o escrinio politico da ALLEMANHA do NORTE. Os catholicos e os protestantes acotovellam e equivalem-se no tablado nacional germanico.

A AMERICA do NORTE não constitue uma raça. A população d'esta grande nação é uma mescla de inglezes, hollandezes, allemães, suecos, francezes, escocezes e irlandezes, tão dispersivos e antagonicos no caracter da raça, na crença religiosa e nos interesses commerciaes que—assevera LECKI—não se poderia acreditar na possibilidade da sua união nas vesperas da revolução: a agua e o fogo, accentúa BURNABY, não seriam mais heterogeneos que as differentes colonias, povoando a AMERICA do NORTE. (KELCAR, *The Case for Indian Home Rule).* A diversidade da lingua não é menos expressiva. LECKI diz que, vinte annos antes da guerra de libertação, em NOVA-YORK e cercanias, fallavam-se nada menos que dezoito linguas!

O REINO UNIDO da GRÃ-BRETANHA não logrou, até á data, fundir e unificar os inglezes, os escocezes e os irlandezes. A identidade religiosa e politica da INGLATERRA é o drama vivo da dissensão humana. Em 1877, computavam-se em cerca de 122, as egrejas e capellas religiosas discordantes. As dissidencias sectarias entre os catholicos e os protestantes, que outr'ora foram motivo de violentas perseguições — dos protestantes por MARIA STUART, dos catholicos por ISABEL e dos puritanos por JAIME e CARLOS — ainda não estão apagadas.

A monarchia dual da AUSTRIA-HUNGRIA encerrava «uma variedade de raças». Os germanos, os slavos e os magyares eram os principaes e mais proeminentes, aos quaes se poderia juntar um enxame caprichoso de todas as raças e povos da EUROPA Oriental (WILSON, *The State).*

As modernas nacionalidades, producto machiavelico do pacto do VERSAILHES, offuscam pela especiosa anarchia de seus fundamentos as demais parcerias de philosophia politica. A TCHECO-SLOVACHIA e a IUGO-SLAVIA são a composição mais audaz de uma unidade politica, o repudio mais arrojado da doutrina das identidades.

Tão insegura parece aos doutrinarios politicos a theoria da unidade que DUGUIT, simplificando-a discretamente, redûl-a *ao mesmo fundo de necessidades, alliado a um fundo commum de aspirações e tradições.*

Seja como fôr, a feição mais saliente de uma na-

cionalidade é a communidade de tradições, á qual se deve associar a communidade de territorio e de interesses, podendo concorrer, para maior consolidação, a unidade de raça, de lingua, de religião e os limites naturaes.

*

* *

D'entre os monumentos que no orbe talhou o cinzel inimitavel do Creador, a peninsula hindustanica é indisputavelmente uma das obras mais aprimoradas e perfeitas. Se alli ha cerros e montanhas que rompem, aqui e além, com os seus picos inaccessiveis a região das nuvens, tambem lá ha planuras e valles apraziveis e amenos. Se aqui a terra é torrada pelo ardor dos tropicos ou congelada pelos frios hyperboreos, acolá o clima é doce e amoravel e além uma deliciosa paizagem refrigera os calidos estios.

Se, em muitas das suas regiões, o solo é ingrato e a natureza recusa a sua benção fecunda aos herdeiros dos Aryas, em outras, a vegetação é luxuriante e um painel de eden, ridente e formosissimo, nos embriaga os sentidos.

A peninsula indiana é, pela disposição harmonica dos seus relevos orographicos, pelo recórte regrado e rythmico dos seus contornos, pela variedade do clima, pela harmonia da uberdade e pelo littoral

sereno que lhe dilata o horizonte, é, sem duvida, uma unidade geographica predestinada a servir de morada a um povo ungido.

A INDIA é, com effeito, o berço de um povo que no seu seio cresceu e prosperou desde as primeiras edades e librando-se por uma creação propria e espontanea aos vôos mais aventurosos nas azas do ideal, poliu e informou uma tradição que logrou sobreviver aos cataclysmos seculares da evolução da Humanidade.

Nos *Vedas* ou nas *Institutas*, nos *Puranas*, nas epopéas, na lenda, na canção e no drama, a INDIA é uma tradição unitaria, uma continuidade ininterrupta. «É sobre esta litteratura e sobre a tradição que ella integra como um thesouro sagrado, que os cimentos da Nacionalidade Hindú estão indestructivelmente assentes».

Paiz unico no pensamento religioso, os numes invocados nas orações são de todos os pontos da INDIA. Os logares sagrados vêem de HARDWAR a KANCHI, de BADARIKEDARNATH a RAMESHWARA e de DEVARAKA a JAGANATH e as peregrinações dirigem-se indistinctamente aos cantos mais variados da peninsula. MOOKERJI, *Fundamental Unity in India*. «Pois se a religião é um dos elementos mais robustos para a constituição da nacionalidade, este elemento existe na INDIA. Sir SEELEY, *Expansion of England*.

A tradição da unidade politica não é egualmente extranha á consciencia collectiva hindú. Mais de

uma vez, a INDIA coube sôb um docel imperial: o imperio Maurya, no periodo de ASOKA (270-230 A. C.), comprehendia o HINDUKUSH, o AFGHANISTAN, grande parte do BELUCHISTAN, todo o SINDH, KASHMIR e NEPAL pelo noroeste, BENGALA até ás embocaduras do GANGES pelo leste e dilatava-se pelo sul até aos rios PALAR e GODAVERI.

No seculo XVI, o imperio moghol extendeu-se sobre todo o vasto continente. «Foi um dos mais extensos e dos mais magnificentes do mundo, sem par, na EUROPA». MACAULAY, *Lord Clive.*

A seguir, os mahrattas, de novo vieram unificar pela terceira vez quasi toda a peninsula. «Um caudilho, de glorioso nome, SHIVAJI, surgiu no decimo setimo seculo e apenas com um ou dois fortes nos planaltos por detraz de BOMBAIM, lançou as bases de um poderoso nucleo de nacionalidade que um seculo depois, prendeu sôb seu dominio quasi todo o mundo indiano» (SEELEY, liv. cit.).

«A INDIA, cercada como é pelo mar e por montanhas, é, sem disputa, uma unidade geographica natural, designada por um e unico nome e com uma perfeita homogeneidade de civilisação, não obstante algumas classes terem lá penetrado em periodos varios da sua longa historia». VINCENT SMITH, *Early History of India.*

Ha, é certo, um tenaz differendo religioso entre os hindús e os mahometanos; mas este antagonismo da fé é insignificante de organismo a organismo: ha uma grande interpenetração na linguagem, na musica, na pintura, na architectura e nos usos e costumes.

As irreductibilidades religiosas ou politicas não são, de resto, propriedade privativa dos hindús ou dos mahometanos; os radicaes e os conservadores, os monarchicos e os republicanos, francezes, allemães ou italianos, os separatistas catalães ou irlandezes levam as suas divergencias a frequentes *vias de facto* e a repetidos homicidios. As nacionalidades européas exhibem um rumor permanente de dissolução: as intrigas sectarias, as conspirações e as gréves, a anarchia e o assassinato politico são seus desportos favoritos.

As castas não tem o valor dispersivo que se lhes attribue nem são motivo de aridez patriotica. Se, por vezes, a casta — instituição hoje caduca e archaica — foi a causa de calamitosos eventos; sôb o azorrague ou debaixo do cutello do algoz, sôb as ruinas da sua gloria ou entre as labaredas do terror, foi quem rugiu e affirmou a tradição nacional!...

Os numerosos e minusculos estados que hoje pullulam na INDIA não são mais vivazes que os innumeros principados e reinos em que se multipartiam a ITALIA e a ALLEMANHA antes da união, nem são mais robustos e apegados ao passado que as seitas e capellinhas, em que se digladiavam, até ha pouco, os modelares cidadãos do Reino-Unido.

O anceio presente pela unificação é uma tendencia historica do povo hindú: se, por vezes, as manifestações d'este desejo ardente, d'este lume

patriotico, fundo e chammejante, não irradiam a mesma unidade, todas revelam o mesmo tormento, todas provam a mesma aspiração. Se no fragor da lucta espuma alguma nuvem de intrigas, ciumes ou animosidades, são da condição humana, eguaes ás que brotam, como *faits divers*, nos povos livres e independentes — não só de paiz a paiz, de provincia a provincia, mas ainda, de partido a partido e de individuo a individuo.

*

* *

A INDIA é, atravez da sua historia, pela incessante laboração do seu genio, uma corrente viva e continua, onde crepita a alma de uma nação e para a qual se voltam, como as plantas para o sol, os espiritos e os corações de um povo. «A multiplicidade das manifestações (d'esse genio) e a *sua fundamental unidade* dão á INDIA o direito de figurar na primeira fileira na historia das Nações Civilisadas. A sua civilisação, espontanea e original, decorre continuamente, por sobre os ultimos 40 seculos, sem interrupção nem desvio. Incessantemente, em contacto com elementos estrangeiros, que forcejam por estrangulal-a, ella perseverou victoriosamente, absorvendo-os, assimilando-os e enriquecendo-se». SILVAIN LEVY, *La Grande Encyclopédie*.

Em plena adolescencia da consciencia civica, a

HINDUSTANIA d'hoje disputa os seus direitos de nação, consagrados por BERNARD SHAW, celebre publicista britannico, nas linhas memoraveis que seguem:

«Todas as nações soffreram a conquista; todos os povos têm sido submettidos a tyrannias que levariam á insurreição os mais mansos cordeirinhos. Nada conheço na historia da INDIA que não tenha parallelo na da EUROPA. O polaco, o mais branco e o mais bello e heroico dos europeus, já mordeu o pó no leste como o romantico irlandez no oeste. A ALLEMANHA deu já mostras de desintegração com atrocidades e guerras intestinas taes que a INDIA, na peor hypothese, jámais póde esperar exceder. Se a INDIA é incapaz de governar-se por si, todas as demais nações o são egualmente».

A DOMINAÇÃO INGLEZA

A Dominação Ingleza

I

No anno do Senhor de 1613, humildemente aportou á India, sôb a protecção da bandeira ingleza um reduzido grupo de pacificos mercadores; vinham mercadejar com um sem-numero de maravilhas que o engenho hindú elevára ao maximo cultivo e apuro e cuja formosura, riqueza e esplendor disputavam o louvor universal.

Generosamente os acolheu nos seus portos o Imperador Jehangir e com aquella prodiga e imprevidente hospitalidade — o gusano inexoravel da dissolução nacional — auctorisou-lhes a fundação de feitorias, com a lethal permissão de poderem levantar muralhas e fossos em volta das suas installações.

Por esse tempo, era a India — segundo deixaram escripto Bernier e Tavernier, embaixadores dos Reis da França na Côrte Moghol — um abysmo do ouro e da prata de todo o mundo, onde abundava uma multidão de preciosidades, em que não

se sabia o que mais admirar, se a opulencia dos ornatos, se as minucias de uma perfeita execução, se a profusão e phantasia dos modelos. «Pedras preciosas de toda a sorte, perolas em prodigiosa quantidade», bordados e sedas variegadas, tecidos de ouro e prata, brocados e infinitas obras primas de luxuria e de sensual enternecimento obumbravam os olhos cobiçosos dos mercadores e visitantes estrangeiros.

A fortuna publica ascendia em bem-estar e prosperidade com tal exuberancia e expansão, que a arte multiplice exhibia-se, em cada cidade e em cada burgo, nos *viharas* e nos *mahals*, n'uma abundancia proteiforme. KASSIMBAZAR, «uma aldeia do reino de BENGALA» exportava annualmente 22.000 fardos de sêda, do peso de 2.200.000 libras, de 16 onças cada libra! E SURRATE, cidade de terceira importancia, era um emporio assombroso, onde a gente rival e aventurosa dos mercadores europeus vinha abastecer-se d'aquelles sumptuosos e inimitaveis primores de traça e colorido, que a moderna industria desesperando de imitar, se empenha baldadamente em exceder.

...Em 1613, os inglezes erigiam sôb a sombra paranympha de um *firman* imperial, as primeiras feitorias em SURRATE, CAMBAYA e AHMEDABAD... Novas concessões seguiram ás primeiras e outras feitorias foram levantadas na orla oriental. A's feitorias fizeram os inglezes succeder os fortes, com o pretexto habil e perfido de defesa, antevendo já que o

decurso dos negocios lhes traria ao lume da opportunidade uma occasião azada para se insinuarem nas luctas internas... Ao dealbar do seculo XVIII, os inglezes eram já senhores de um grande pedaço da terra firme e detinham quatro magnificos fortes, entre os quaes se destacavam as futuras cidades de BOMBAIM, MADRASTA e CALCUTTÁ.

Em 1707 morria AURANGZEB, o execrado imperador moghol, exhausto de lucta e abandonado dos seus; a anarchia e as rivalidades entre os generaes convertiam o maravilhoso imperio n'um campo de angustiosas pelejas, em que uns procuravam conservar intacta a herança do preterito e outros buscavam abrir e retalhar na tunica da patria novos dominios ás suas ambições abominaveis e novos louros aos seus impetos guerreiros. Surgiu, então, para os inglezes a opportunidade de ouro e, á força de prevaricação e de dolo, subornando e intrigando, souberam crescer em favor e valimento no espirito imbecil e fraco dos successores moghoes.

Adornando-se assim, com a qualidade de nação indiana, fortalecendo-se e opulentando-se de tropas e de thesouros com a graça do imperio em desaggregação e immiscuindo-se nos prélios intestinos, para prover á defesa dos seus protectores, quando os principes moghoes começavam a estremecer nos seus solios aurifulgentes e o reino mahratta, guiado por genios militares, voava á conquista e á unificação da INDIA — os inglezes, «faltando á fé dos tratados», falseando, forjando ou interpretando-os

capciosamente e «fomentando conflictos entre os principes rivaes, por meio de diplomacias secretas», emprehenderam com raro exito o esmagamento dos exercitos competidores, uns de encontro aos outros, e apoderaram-se da peninsula indiana.

Clive, «réu de actos que seriam impossiveis sem a quebra das mais sagradas leis que regulam as relações entre individuos e entre Estados» e Warren Hastings, cuja memoria se não recorda, sem um fremito de indignação, sem pavor e sem repulsa (Macaulay, *Essays)* — sem a espada de um novo Alexandre nem a audacia de um Napoleão, apenas com o brandão incendiario da intriga e da zizania e com o facho illuminador do suborno e da fraude, anniquilaram reinos seculares, desmantelaram cidades e villas prenhes de riquezas, e assolaram campos e vergeis, outr'ora tão virentes e tão rendosos.

A dominação britannica é uma lastimosa trama de «intrigas e de crimes» urdida por homens de genio, em que «a ausencia de escrupulos, a mentira, a lisonja hypocrita, a fraude e a contrafacção de documentos» foram armas eminentes e cujo corollario, odiento e implacavel, é «a penuria sem parallelo de quarenta milhões de homens», submettidos a uma tyrannia sem precedentes, a um despotismo barbaro e oppressivo (Macaulay, liv. cit.).

Desde 1757, em que Clive, trazendo a soldo os proprios soldados indianos, como Napoleão os italianos e os bavaros na conquista da Italia e da

Allemanha—apossou-se de Bengala, Orissa e Bihar, uma espoliação methodica e organizada tem sangrado a desventurada patria dos Guptas, para alimentar o insaciavel John Bull e *sua ilha.* «Drenou-se largamente a sua riqueza e as suas energias foram destruidas por um sordido systema de leis, pelas quaes os interesses de milhões foram dados em holocausto aos intereses de uns poucos. O gradual empobrecimento do povo e do paiz pela administração britannica, produziu a fallencia dos grandes mercadores indianos», John Shore, *Notes on Indian Affairs.*

Em 1790, Lord Cornwallis, apontando as causas do enorme depauperamento do paiz, diz: «A consequencia da pesada drenagem da riqueza e da remessa das fortunas particulares para a Inglaterra foi e é a grande rarefacção da moeda e o langor da agricultura e do commercio». Em 1816, Montgomerie Martin accrescenta: «O dreno annual de Lb. 3.000:000 subiu em 30 anos, sem modificação dos interesses nativos, á elevada somma de Lb. 724.000:000». E, em 1873, Mr. Pedder escreve que, se fôsse livre a opinião, seria geral assentimento que o povo indiano vae velozmente de mal a peor (Kelcar, *The Case for Indian Home Rule).*

A emasculação economica, physica e politica é a chave mestra da dominação britannica. Não só arruinou e reduziu a pó e cinza todas as industrias nativas com legislações crueis que como «o Indian Act de 1896 não tem par em nenhum paiz civilisado

nos tempos modernos», como confiscando todas as liberdades publicas e todos os direitos civicos, transformou os heroes e pensadores d'outros tempos em *párias*, em *tchándalas* na sua propria terra!

A larga drenagem da riqueza do paiz para o estrangeiro, o exhorbitante custo da burocracia britannica, a enorme despesa militar, o sacrificio total das industrias nacionaes, os impostos desalmados, os monopolios feudaes, os gastos perdularios com os caminhos de ferro estrategicos, o insulto da prohibição do porte de armas, a oppressão da imprensa e a exclusão humilhante dos filhos do paiz, dos altos cargos do exercito e da instrucção, é o summario das graças da iniqua administração ingleza na INDIA.

Se muita gente julga que a administração ingleza é das melhores do mundo, é porque desconhece que um habil e subtil systema de terrorismo e de privação de todo o poder de protesto e de defesa têm deformado o povo indiano, forçando-o á simulação habitual. MAHATMA GANDHI nas suas declarações diante do tribunal de AHMEDABAD, *Young India*, 23, Março, 1923.

No orçamento de 1923-24, o JAPÃO destina para o seu exercito 205:000.000 yens ou, cifra redonda, 310 milhões de rupias (moeda indiana) emquanto a INDIA gasta com um exercito mercenario, reservado apenas a garantir a ordem e o dominio inglez, *620* milhões de rupias, o dobro do que dispende o JAPÃO, uma das potencias militares de primeira categoria. O primeiro ministro japonez *ganha 18:000 Rps* e os outros ministros *12:000 Rps*, por anno; ao passo que os simples ministros provinciaes de BENGALA levantam *64:000 Rps* por anno. A FRANÇA consagrou em 1922 aos serviços militares 20 % das suas receitas, a INGLATERRA 16 %, os ESTADOS UNIDOS 18 %, ao passo que a INDIA supportou para os mesmos serviços o sacrificio enorme de 60 % do seu rendimento.

«O proposito unico da administração ingleza é salvaguardar a soberania britannica. A Educação esforça-se por anglizar a INDIA. As Leis têm um constante escopo: firmar e extender a influencia da INGLATERRA. A receita publica queima-se no temerario objectivo de assegurar o luxo arrogante da burocracia ingleza e o exercito e a politica para prolongar indefinidamente a servidão nacional» (*Young India*, 25, Maio, 1922).

*

* *

Ha no fundo, de todas dominações, egual má fé e a mesma sêde de espoliação: assim são a exploração da INDO-CHINA pela FRANÇA e o mercantilismo hollandez em JAVA; são assim as influencias das potencias no imperio chinez ou na ASIA MENOR; e seria difficil distinguir na jovem PERSIA os maleficios da RUSSIA Czarista dos beneficios da liberal e generosa INGLATERRA!

LEROY-BEAULIEU, um dos corypheus illustres do

pensamento contemporaneo define e denuncia inilludivelmente esta má fé nos seguintes e suggestivos trechos (e note-se LEROY-BEAULIEU é francez): «A INGLATERRA deve ser prudente na outorga de direitos politicos ou administrativos aos indigenas para evitar dispertar n'elles um sentimento de nacionalidade... Os inglezes devem esforçar-se por manter as distincções entre as diversas provincias e não fazer desapparecer os differendos raciaes» *(De la Colonisation chez les peuples modernes)*. Symbolicas palavras!...

...A despeito d'estes prudentes ardis, a Jovem INDIA apercebeu-se a tempo da verdadeira situação. Ella comprehendeu já que administrar a sua casa e governar o seu paiz é o seu primeiro direito, inviolavel e inalienavel; e considera um dever de honra resgatal-o a todo o preço!

Uma vaga de descontentamento, crescente e vigorosa, se levanta e espedaça as cadeias em que a tinham algemado e, vencendo o influxo dos encantos, reivindica com galhardia os seus fóros ultrajados e proclama sobre os seus elos, quebrados e dispersos, o imperio e a soberania das leis naturaes... JOHN BULL recúa e encolhe... mas é tarde: a onda de uma tumultuosa fermentação arremessa-se violenta contra a muralha do preconceito inglez e prepara-se para erigir sobre o dominio do artificio e do arbitrio a acrópole sagrada da Liberdade nacional.

II

Uma sacrilega e ambiciosa tavolagem havia arrojado os destinos do paiz ás mãos dos inglezes. Nunca as paixões se tinham incendido mais implacaveis e ardentes, como que apostadas a ajudar a fortuna do estrangeiro e a servidão da nação. A *Companhia das Indias*, arrrogante pela victoria e confiada nas suas penetrantes insidias, na leviandade e no desanimo covarde dos adversarios, assolára as cidades, talára os campos e tornára cada vez mais intractaveis e rebeldes á unidade e á concordia os estados rivaes que contendiam pela hegemonia e principado. A insolencia do dominador infamava a liberdade nacional, as cruezas ferviam, o saque e a corrupção devoravam a herança patria... quando entre as ruinas fumegantes se presagiou a tempestade. Surgiu, então, o *Charter Act* de 1833, proclamando a egualdade de todos os subditos, fossem europeus, fossem indianos: — «nenhum nativo seria,

por motivo de sua religião, nascimento, descendencia ou côr, excluido de qualquer posto, officio ou emprego da mesma Companhia»...

...Passam annos, dez, vinte annos; ao pensamento nobre da proclamação antepõe-se a cobiça e a voracidade, ao amor da justiça o egoismo audacioso e inexoravel da nação britannica! As trevas da espoliação engolfam, sem tregua nem repouso, o povo subjugado na mais caliginosa miseria. O terror e a ferocidade caminham de braço para renovar as tyrannias ignominiosas dos proconsules romanos. E' expropriada a provincia de SATARÁ em 1849, JHANSI e NAGPUR em 1853, OUDH em 1857. «Era necssario supprimir na INDIA toda a elevação d'espirito, toda a independencia de pensamento que dá muitas vezes a posse de uma grande fortuna»...

Estala então em 1857 um desordenado e sangrento motim, nomeado pela importancia numerica dos seus protagonistas, a revolta dos sipaes.

...A revolta é suffocada e o panno desce sobre o primeiro acto. A rainha da INGLATERRA penitenceia-se dos erros e crimes dos «maus rapazes da familia». A *Companhia das Indias* é dissolvida e o continente indiano passa á administração directa da Corôa britannica.

Em 1858, a Rainha VICTORIA renova a proclamação de 1833, augmentada e accrescida de mais seductoras promessas: «Respeitaremos os direitos, a dignidade e a honra dos Principes Nativos como a nossa propria». «Consignaremos na INDIA aos nativos os mesmos direitos e deveres que aos outros subditos»... E depois de annunciar, entre coisas bonitas e amimadoras, que tomará em devida estima os costumes e os habitos do paiz e a administração se carreará no sentido do bem-estar de todos os subditos, encerra a sua famosa epistola com esta girandola de perolas: «a sua prosperidade será a nossa fortaleza, o seu contentamento a nossa segurança e a sua gratidão a nossa melhor recompensa»! Magicas palavras que deviam ter feito dobrar os joelhos de reverente enternecimento aos pusillanimes espiritos d'esse occaso nacional!

...Entretanto, para melhor garantia e estabilidade do imperioso dominador, a INDIA é alliviada de toda a especie de armamento, compellida a entregar todas as armas, ainda mesmo as necessarias para a defesa individual e supprimido todo o treino militar.

Os indianos são excluidos dos altos postos militares e as melhores classes — «cujos homens são altos, bravos e temerarios como os europeus» — capciosamente affastadas dos mais humildes logares do exercito. O recrutamento de soldados é feito entre os vadios e famintos fronteiriços, sem tradições nem sentimentos patrioticos e a estes mesmo é vedada a instrucção de artilharia! Assim se obtém um exercito mercenario e docil, mais accommodado aos interesses dos oppressores e pago com lingua de palmo pelo paiz empobrecido e inerme!

Por todo o immenso territorio indiano é lançada uma vasta e luxuosa rêde de caminhos de ferro no

arrojado e funesto proposito de ir arrancar aos mais escusos escaninhos as materias primas, em detrimento das industrias nativas, e de assegurar uma rapida convergencia de tropas em caso de uma legitima rebellião — esplendidamente remunerados pela fome e angustia de uma nação derrocada e indefesa! Caminhos de ferro que «em muitos casos não pagam as despezas da sua execução e cujas perdas galgam, como na *N. W. Railway*, a significativa exhorbitancia de dezenas de milhões de libras». (H. COTTON, *New India*, KELCAR, *Indian Home Rule)!*

Enlaçadas n'uma cerrada teia de leis severissimas, as industrias nativas sossobram exanimes, para dar logar ao industrialismo estrangeiro. A materia prima vae em massa alimentar as florescentes fabricas inglezas. Assim a exportação annual de artigos manufacturados da INDIA para a INGLATERRA, que no alvorecer do seculo XVIII, subia de milhão e meio de libras, estava invertida, ao entardecer do seculo XIX, em desfavor da INDIA, no valor estupendo de 28 milhões! A drenagem do ouro indiano ascende nos ultimos quarenta annos que precederam o anno de 1905, á cifra esmagadora de mil milhões de libras!

Este formidavel saque da economia publica, que projecta uma viva luz sobre a festejada gerencia ingleza na INDIA, patenteia-se em ondas torrentosas da mais negra miseria, que semeiam, durante um seculo, o lucto e a morte no coração da patria.

... Em 1770, sobrevém a primeira crise de fome em BENGALA, arrastando para o tumulo dez milhões

de individuos. Seguem-se successivas crises a curtas accalmias; o estrago de vidas é brutal, atterrador, como as pragas do velho EGYPTO de que ainda estremecem as paginas da Biblia. E a população, sem um farrapo para se cobrir, sem uma codea de pão para se confortar, sem amparo e sem esperança, cahe aos montões, em plena rua, desfallecida, morta!

De 1770 a 1900, a administração britannica, usando com vagar e methodo os seus gabados processos de dominação, consegue esta coisa admiravel: contemplar a INDIA com vinte e duas pragas de fome em que deixam a vida, sem remedio que lhes valha, sem piedade que os soccorra, dezenas de milhões de individuos!

E, suprema ironia!—é entre o tumultuar confuso d'este momento de angustia, por sobre o entulho immenso da lama e da miseria publica que LORD LYTTON, denuncia n'um desabafo confidencial, o logro vil das solemnissimas promessas da Rainha. «Todos nós sabemos, escreve o Vice-rei LORD LITTON, que estas pretenções e esperanças (dos indianos) não poderão nem serão jámais satisfeitas. Tendo nós de escolher entre a defesa e a fraude, temos preferido o caminho menos digno»... «E, pois que estou escrevendo confidencialmente, não hesito em affirmar que os governos da INGLATERRA e da INDIA me parecem ao presente, incapazes de responder satisfactoriamente á accusação de terem procurado por todos os meios illudir o cumprimento das promessas feitas!»

Em 1903, cêrca de cincoenta annos depois, LORD CURZON repudia, sem rubor e sem hesitação, a comparticipação dos indianos na alta gerencia do paiz e inaugura uma nova epocha de oppressão, instituindo pelos *Secret Bills* o arbitrio e a denuncia sem provas, em fundamento de toda a justiça — dementada inversão de toda a jurisprudencia moderna!...

Recrudesce a agitação, ha tumulto, as bombas rebentam audazes e ameaçadoras. LORD CURZON é substituido e uma nova proclamação de concordia se cicia aos ouvidos leaes dos hindús: de novo se lhes annuncia que «os recursos do paiz serão applicados ao bem-estar dos seus habitantes e que a INDIA será governada segundo o desejo dos indianos e no sentido dos seus interesses».

Decorrem annos, mais annos, *plus ça change, plus c'est la même chose*—e tudo continua como d'antes. Em todos os departamentos do Estado, na direcção e na fiscalisação dos exercitos, na distribuição da receita, nas casas de moeda, é vedado aos indianos o ingresso nos cargos superiores!

Ha 150 annos que a INGLATERRA providenceia generosamente pela educação dos indianos e quatro aldeias sobre cinco não teem uma eschola e sete creanças sobre oito não sabem lêr! A mortalidade augmenta, de anno para anno, em 26 % e as liberdades publicas são sopeadas sob a ferrea disciplina do despotismo dominante, ao mesmo passo que os encargos do thesouro nacional, a favor da INGLATERRA, rompem as alturas inaccessiveis de quatrocentos milhões de libras. *(Estatisticas de 1916)*.

Em 1914, o delirio da guerra do Direito seduzira a boa-fé dos hindús: o generoso ideal esquentava a cabeça de todos os povos. Facil foi ao governo inglez garantir-se da fidelidade dos indianos acenando-lhes com ridentes promessas.

Em agosto de 1917, para lhes fazer a bôcca doce, MONTAGU, secretario d'Estado para a INDIA, assegurava aos hindús um governo responsavel e, depois de uma consulta ao paiz, assignava, em julho de 1918, com LORD CHELMSFORD, vice-rei, o relatorio official da reforma constitucional.

Pouco antes, em 2 d'abril, LLOYD GEORGE havia dirigido um appello ao povo da INDIA — estavam os exercitos alliados n'um dos seus periodos mais attribulados — e a Conferencia da Guerra, reunida em DELHI, no fim do mesmo mez, entremostrava a proxima independencia da INDIA. Mais uma vez a INDIA, ludibriada na sua inexgotavel sinceridade accorreu em massa e forneceu 985.000 homens e larguissimos sacrificios e esperou pacientemente o premio da sua lealdade.

Para o fim do anno, o perigo estava conjurado e os serviços prestados, votados a um cauteloso esquecimento! Concluido o armisticio, longe de dar cumprimento aos accordos, o governo inglez, fiel á sua tradição, começou por restringir as liberdades existentes. E em fevereiro de 1919, com a renovação dos *Rowlatt Bills* — que restauravam a policia

secreta, a censura e as demais chicanas da guerra — desmascarou-se insolentemente.

Cahira o panno. A comedia estava finda. Nada havia a esperar do dominador para o dominado senão a miseria, o opprobrio e esta comedia impudica de promessas desfeitas. Era forçoso demolir o alcaçar do tyranno para compor com as pedras soltas e as traves em hastilhas o domicilio da nação triumphante. Desde então, a INDIA concentra-se, com disciplinada tenacidade e implacavel irreverencia para o derradeiro assedio.

A REACÇÃO NACIONAL

A Reacção Nacional

Ao amanhecer do seculo XIX, um fatal destino — enigma cruel na vida dos povos — principiára a devastar a existencia nacional e a sua estrella, aquella luminosa estrella que durante seculos guiára o povo hindú a altos designios entrava no seu declinio. Em 1819, a confederação Mahratta, a grande Confederação Mahratta, que durante um seculo em vôos arrojados, entre clareiras de bravura, se aventurára a uma imperial hegemonia, desfallecia e sossobrava; e em 1849 outra confederação, a valente e altiva Confederação Shikh, apertava de chofre os seus extensos arraiaes para cahir n'um lastimoso deliquio: a muralha heroica que se oppuzéra tenazmente aos assaltos inglezes, se quebrava diante da argucia e da insidia... Por fim, em 1857, após uma derradeira tentativa temeraria e descoordenada, affogada em sangue e deshonra, a alma nacional, como que cansada e alquebrada da lucta pertinaz e diuturna a que

por seculos se abalançára contra os seus inexgotaveis adversarios, emmudeceu n'um crepusculo sinistro e humilhante.

Perdêra-se tudo: a liberdade e a honra, o paiz e os haveres. Um amargo desalento apoderára-se do malfadado povo e, em logar da fecunda e maravilhosa fabrica de riquezas, se elevava na terra tão longamente bemaventurada um tenebroso cemiterio, immovel e apavorante.

Sôb pesados onus, as industrias feneciam, para se erguerem, em seu logar, os avaros monopolios estrangeiros. Dos aureos thesouros, refulgentes de pedrarias, todos embarcavam para a INGLATERRA e, d'este modo, as famosas e celebradas maravilhas da industria e do trabalho, desappareciam a caminho da EUROPA.

Drenadas, assim, as fontes da seiva nacional e sequestradas ardilosamente as classes ricas e nobres da gerencia dos negocios publicos, extremára-se a emasculação physica e economica do paiz, assegurando com chave perfeita o exterminio de uma patria.

Foi, então, que d'entre os escombros gloriosos, polluidos pelos miasmas de dissolvencia moral, em que cada qual, com as armas mais vis se esforçava, por lisongear o poderoso dominador, surgiram aqui e além, vozes altivas, aquecidas pela chamma da revolta, que affrontando a tutela infamante, ergueram, após uma atormentada gestação, os primeiros alicerces da emancipação.

Foi em Dezembro de 1884. Dezessete homens venerandos, zelando a liberdade como a suprema bemaventurança social e respirando um horror nativo á servidão politica e intellectual que o espirito hindú do tempo resumbrava em todos os seus habitos e pensamentos, encontraram-se em ADYAR (MADRASTA) e ahi nasceu n'uma austera simplicidade o primeiro bosquejo do que é hoje o grande Congresso Nacional, a assembléa maxima da Nação Indiana.

D'então para cá, que prodigioso trabalho, que sabia organização, quanta perseverança e que eloquentes sacrificios para pôr de pé, n'uma robusta renascença, os desordenados restos de uma patria!

*

* *

De facto, tão bem e com tanta sabedoria elles trabalharam que quarenta annos decorridos, o timido anceio de poucos desabrocha n'uma irrepremivel torrente de progresso, inspirado e animado pelo sacro fogo da liberdade: o *swaraj* estremece toda a INDIA e irradia, como um rastilho, pelos cantos mais ignorados e mais remotos; dos palacios impenetraveis do rajah communica-se á choça do misero *tchándala* e concita e encaminha, ainda os mais commedidos, a cerrarem fileiras para enfrentar e repellir as peias da servidão envilecente.

Em 1905, veiu o primeiro grande impulso. A victoria do JAPÃO sobre a RUSSIA, anniquilando inopinadamente a superstição da superioridade européa, arrancou para a agitação politica, um vigoroso escól de pensadores que transpondo ousadamente o apertado ambito da escola orientalista, talharam nos monumentos da antiguidade nativa, os cimentos de nova nacionalidade. A divisão de BENGALA, os arbitrios do poder, a brutal repressão do nascente sentimento nacional, tentada por LORD CURZON, para restabelecer o cesarismo antigo, provocaram um esplendido movimento de explosão patriotica. Pela primeira vez, após o jugo britannico, a INDIA, dominando a inercia sensual e a emulação da casta e da crença, deu as mãos n'um bello *élan* de solidariedade, formulando, com admiravel intuição, n'uma equação audaz, o evangelho politico do pensamento nacional: *swadeshi* e *swaraj*, isto é, o paiz deve bastar-se a si proprio e governar por si os seus destinos. *Swadeshi* seria a nacionalisação da intelligencia e do trabalho pela restauração das suas industrias e da sua tradição moral e pelo rejuvenescimento das artes e das lettras; e *swaraj* a integração das classes e das crenças n'um todo solidario e das leis e instituições nos adytos dos direitos e interesses nativos....

Formula vigorosa que projecta no eclipse nacional uma viva claridade. E, desde então, o genio hindú, immobilizado pela oppressão, brota viril, exuberante, irresistivel e despindo as vestiduras servis, se arroja galhardamente na palestra de uma civilisação fecunda e expansiva para ir occupar a curto praso, «um logar entre as grandes nações do Mundo» (*The Times*, Julho, 29, 1924).

Até então, a multidão, prostrada pelo fanatismo e turbada pelo drama intenso das idéas e dos factos occidentaes, olhava LONDRES como o templo mais formoso da razão e da justiça e o *Sarkar* inglez como o seu necessario patrono e bemfeitor... Os tempos mudaram e a INDIA, amadurecida de desillusões, volveu os olhos para os seus chefes naturaes. Hoje os *leaders* nativos detêem nas suas mãos possantes o real sceptro da opinião publica. CALCUTTÁ é, para a presidencia de BENGALA, mais do que PARIS, para a FRANÇA. MADRASTA e BOMBAIM são, como CALCUTTÁ, fócos resplandecentes de luz, que alimentam de seu calôr intellectual o ardor civico da Nação, insoffrida e rebellada contra o dominio estrangeiro.

«A INDIA — confessava recentemente na sua visita á terra natal ALBANO TEIXEIRA, padre catholico e consul portuguez em CALCUTTÁ — é hoje um paiz, perfeitamente á altura dos mais cultos paizes civilisados, europeus ou americanos. As grandes cidades, BOMBAIM, MADRASTA e CALCUTTÁ, são centros de população sob todos os aspectos equiparados a PARIS ou LONDRES. A classe culta é numerosissima e muito notavel pela intelligencia e pelo saber». *A Epocha*, LISBOA, 10-VII-22.

A garantia formal de um estatuto de egualdade

dentro do Imperio inglez havia applacado a agitação politica. O *Rowlatt Act*, após o armisticio, repudiando com desdém e arrogancia, os serviços inestimaveis que com nobre lealdade os hindús haviam accumulado durante a guerra — desencadeou a tempestade. MAHATMA GANDHI tomou as redeas do protesto. E para têr de suas mãos essa indómita ancia de liberdade de todo um immenso povo, enclausurado no estreito recinto do arbitrio, iniciou um ensaio de revolta, no dia 6 de abril de 1919, com um dia de oração e jejum, com um *hartal* (cessação de trabalho) por toda a INDIA.

O exito surprehendeu todas as previsões e marcou uma data culminante no caminho da jornada impetuosa de libertação.

Seguiram-se os tragicos successos de PANJAB, desde o massacre de mulheres e creanças indefesas, em JALLIANWALA BAGH, pelas metralhadoras do general DYER até ás humilhações mais infamantes, desde os açoites publicos até ao arrasto pelas ruas. A violação descarada dos compromissos solemnes tomados pelo chefe do governo inglez, a proposito do problema do caliphado e do *home-rule*, e a impunidade jactanciosa dos crimes de AMRITSAR, terminaram por abalar os ultimos liames de fidelidade á GRÃ-BRETANHA.

No dia 1.º de agosto de 1920, foi proclamado o movimento de *não-cooperação*: o abandono rigoroso de todos os empregos, escholas, tribunaes, mercês honorificas e titulos do Estado; a não participação

nas recepções officiaes e nos emprestimos do Estado e a guerra systematica aos tecidos e mercadorias estrangeiras, emquanto n'um sabio espirito de reconstrucção se incitava á unidade de todas as crenças, á integração regular dos *parias* na collectividade, ao alistamento de voluntarios ao serviço nacional, á fundação de escholas, universidades e obras de assistencia social e á restauração das antigas industrias nativas.

Foi um impulso vigoroso, e o exito fecundo e brilhante. Centenas de magistrados e advogados abandonaram as suas privilegiadas posições. Milhares de estudantes foram retirados dos collegios e universidades do Estado e os tribunaes foram desamparados. Lançaram-se os lineamentos de uma vasta organisação de escholas e de industrias para o rapido levantamento moral e economico da Nação, presa de angustia e de penuria.

O emprestimo da liberdade, o *Tilak Swarajya Fund*, alcançou desde logo um successo triumphante e a solidariedade de todas as crenças uma evolução soberba e nunca imaginada.

Bem depressa a chamma da revolução medrava á maravilha, marcando aqui e além, largos rastros de sangue e o governo sentia-se estremecer: o verdadeiro Estado da INDIA contrapunha-se, em aberta rebellião, ao governo britannico.

A repressão começou no fim de março de 1921 e ceifou com implacavel severidade até ao fim do anno. As prisões fôram aos milhares: não houve

provincia nem burgo mais humilde que não ajudasse a engrossar o caudal indomavel da liberdade e não illuminasse a sua historia com as palmas da heroicidade.

... Em novembro de 1921, faz a sua entrada na INDIA o principe de GALLES. Um *hartal* formidavel, silencioso e impressionante, denuncía aos inglezes o divorcio formal entre os dominantes e os dominados e a quebra irrevogavel do velho encanto da argucia britannica. E n'estas horas turvadas, com a gravidade solemne dos Estados Geraes de 1789, inaugura-se o Congresso Nacional de toda a INDIA, que investe MAHATMA GANDHI de plena auctoridade para dirigir os destinos do paiz.

MAHATMA GANDHI era n'esse momento emocionante o arbitro incontestado da Nação e d'elle dependia transformar n'uma labareda sangrenta e tumultuaria o ardor bellico do civismo de um povo.

Mas o piloto não quiz... A prisão em massa de todos os chefes nacionaes affrouxou um pouco a marcha da revolta e a discordancia modificou a tactica ...

A libertação sem condições de GANDHI, as conferencias de AHMEDABAD e SIRANJGANJ e o accordo do ultimo Congresso de BELGÃO prenunciam que ella vae retomar o vigor e que a INDIA está decidida a despedaçar as algemas da servidão e tomar em suas mãos os seus destinos.

A INGLATERRA mobiliza e dispõe as suas baterias.

A batalha que ora desvela as primeiras escaramuças será a mais memoravel da historia da Liberdade e do seu resultado dependerá o futuro curso da Civilisação e da Humanidade.

AS IDÉAS POLITICAS E SOCIAES

As Idéas Politicas e Sociaes

A indisciplina e a rebellião intellectual, gerada pela explosão patriortica de 1905, teve na servidão espiritual da India uma salutar acção e operou no pensamento hindustanico uma tão fecunda como necessaria transformação.

A communhão intima de uma *élite* hindú com os *representive-men* das raças dominantes e a sua iniciação nos segredos mysticos das chancellarias, permittindo-lhe aquilatar em seu preço verdadeiro o tendencioso dogmatismo das grandes potencias, conduziu-a a vigorosas e incontrastaveis deducções: os vultos eminentes, a quem cabe dirigir e aclarar com as luzes do seu talento os destinos politicos do mundo, não excedem na sua capacidade mental e moral a tantos dos seus compatriotas que labutam obscuramente, sem as palmas da celebridade nem os louros do poder; as emulações e as discordias intestinas de crença, de classe ou de partido

que são a ordem do dia nos povos progressivos, não são menos fundas nem menos perniciosas que as que agitam o seu paiz; ha na INDIA homens aptos a decifrar os mysterios da industria ou da arte, da sciencia ou da politica com a mesma proficiencia que os seus contemporaneos da EUROPA, da AMERICA ou do JAPÃO.

Como postulado logico d'estas severas conclusões nasceu o anhelo ardente de liberdade, a ambição insoffrida de uma democracia livre e independente para o seu paiz.

Este designio secreto dos estadistas e politicos hindús, embora não attrahisse desde logo o affecto das multidões nem lograsse assoldadar entre as classes populares os seus mais enthusiasticos defensores, foi uma fonte fertil de differenciação politica...

A INDIA estava desarmada e uma lucta pelas armas com um inimigo, atulhado de granadas e *tanks*, aviões e munições do mais moderno feitio e calibre, seria uma rematada loucura.

Extremam-se desde então os campos, divergem os methodos como os objectivos. D'um lado, acolhem-se os que mais cautelosos e menos audazes se contentam com um estatuto de egualdade a dentro do Imperio Britanico, um regime de *self-dominion*, á semelhança do do CANADÁ ou da AUSTRALIA, e tem a vã ilusão de attingi-lo com a cooperação ingleza e pelos meios constitucionaes, n'um breve espaço de tempo: são os *moderados* ou *constitucionalistas*. Até á sua morte, sôb a sabia e firme direcção do eminente politico e acendrado patriota G. K GOKHALE, hoje têem como *leaders*, duas figuras de incontestavel merecimento, SRINAVASSA SASTRI e Dr. H. S. GOUR.

D'outro lado, alinham-se em cerrada e aguerrida hoste os que fremem de alegria para disputar com duro labor a liberdade e a independencia. Porque a liberdade, o direito mais nobre e mais altivo, não se adquire por concessão ou favor do tyranno, conquista-se, palmo a palmo, em ardua peleja, pela organização, pela audacia, pelo sacrificio e pelo heroismo. É o que se propõem os *nacionalistas*.

BAL GANGADHAR TILAK tivera largos annos de sua mão vigorosa e patriotica a incerta balança da opinião nacional, na sua lucta pertinaz e diuturna contra o ignobil imperio da servidão.

Intelligencia robusta, caracter de aço, vontade inquebrantavel, propenso por indole nativa ás mais argutas cogitações da politica, era diserto e culto, e foi, emquanto vivo, o chefe incontestado do nascente partido nacionalista. Após a sua prematura morte, assumiu o mando supremo MAHATMA GANDHI e adoptou como methodo de combate a trilogia revolucionaria e audaciosa da *Não Cooperação, Boycottage e Desobediencia Civil* (não-obediencia ás leis e não-pagamento das contribuições).

O appelo foi ouvido e acclamado com arrebatamento; e a INDIA serva e decadente, achou de novo o segredo do seu antigo poder.

Mas MAHATMA GANDHI, espirito luminoso, espar-

zindo com mão liberalissima os germens de uma nova ethologia, tinha a paixão da verdade e era de uma sinceridade immaculada. Inflexivel adversario de toda a violencia, impunha como condição severa para a requesta da liberdade a não-violencia extreme e uma unidade forte de todas as crenças e classes.

Ora a abstenção da violencia em tão lata amplitude seria apenas uma esplendida aspiração, n'uma turba irrequieta e voltária de milhões de homens. A união solida e segura das crenças e classes antagonicas exigia um prolongado treino, inteligente e austero. E a desobediencia civil em massa, a fiação manual e o uso do *khaddi*, (tecido nacional) amplo, extenso, com a grandeza sonhada por MAHATMA GANDHI, como meio rigido e exclusivo de alcançar o *swaraj*, ficariam sómente como visão grandiosa e arrojada do seu famoso ideador,

A multidão alvoroçada e sedenta de liberdade instava por acção célere e decisiva. «É preciso aconselhar um plano de trabalho que levante as energias do paiz». «Faz-se necessario pôrmo-nos em contacto com os devotos da liberdade em todo o mundo». «Os methodos de revolução não são unicos e inalteraveis. «Ha sempre em todas as revoluções, violentas ou não, mudanças; e é com taes mudanças que melhor se serve o ideal». C. R. DAS, no Congresso de Gaya, 1922.

Era a dissidencia. Por uma banda, os que permanecendo fieis a GANDHI e adhesos á chimera transcendente da santificação social, pugnam pela recusa de toda a cooperação com o estrangeiro: são os *não-cooperacionistas intransigentes*. Por outra banda, os que, sem preocupações excessivas de doutrina, com um opportunismo practico e realista, buscam expugnar a cidadella inimiga em todos os campos e pelos meios mais efficazes, constitucionaes ou não-constitucionaes, pacificos ou violentos: são os *swarajistas*.

Herdeiros legitimos dos processos de acção do primitivo nacionalismo, LOKAMANYA TILAK é o modelo e o espelho a que compõem o seu pensamento politico.

CHITTA RANJAN DAS, (a) politico habilissimo, ora-

(a) Acaba de morrer subitamente em 16 de Junho em DARJEELING no momento em que ia, alfim, assistir ao triumpho de um dos seus caros objectivos: a morte da *dyarchia*. O regimen constitucional que, ao presente, disfructa a INDIA é conhecido com o nome curioso de *dyarchia*. Os assumptos publicos são divididos em duas categorias: os *reservados* que são da attribuição exclusiva do governo inglez ou do vice-rei, e os *transferidos* cuja resolução é da exclusiva competencia das assembléas legislativas. CHITTA RANJAN DAS, separando-se do movimento não cooperacionista, concorreu com os seus partidarios ao suffragio eleitoral e ganhou em algumas provincias as maiorias. Mas em BENGALA, não tendo alcançado maioria, soube com o seu talento e com o seu grande prestigio, attrahir os independentes e bater mais de uma vez o governo, obrigando-o a encerrar o conselho legislativo por tempo indeterminado.

Patriota inconcusso e apostolo extremado das reivindicações

dor de largos recursos e legista consumado, e MOTILAL NEHRU, parlamentar elegante e arguto e tactico vigoroso, são os caudilhos brilhantes e implacaveis que enfeixam n'este momento nas suas mãos seguras os anceios mal soffridos de um povo de milhões, inquieto e rebellado.

*

* *

Simultaneamente, uma agitação intensa e crescente, a um tempo demolidora e reconstructiva, abala a iniqua estratificação social hindú.

Empenha-se o pensamento nacional no combate systematico e acertado a todas as superstições da religião ou da tradição, a todo o despotismo interno

nacionaes, abandonou o exercicio da sua profissão de advogado que lhe rendia o melhor das suas 40.000 libras annuaes para acompanhar o movimento de não-cooperação, recusou systematicamente o logar de 1.º ministro de BENGALA para fazer naufragar o actual systema da dyarchia e, ultimamente n'um rasgo de acendrado amor patrio legou toda a sua fortuna particular, estimada em 400.000 dollars, ao fundo da causa nacional.

Duas vezes presidente do Congresso Nacional, foi o fundador das milicias voluntarias e era o 1.º *Mayor* de CALCUTTÁ.

Com o seu inopinado desaparecimento que enche de pranto e dôr a alma nacional, a INDIA perde um dos seus homens publicos mais esclarecidos e mais respeitados e BENGALA o seu *leader* venerado.

ou externo e a toda e qualquer vassallagem em arte ou em sciencia.

A instituição privilegiada da casta vacilla. Duas das mais vastas e sãs aggremiações, o *Hindú Mahasabbha* e o *Brahmo Samaj*, pleiteiam pela sua abolição. «O novo despertar da INDIA não desabrochará em toda a sua pujança se tolerarmos o velho peccado da casta». Prof. VASWANI, *The Secret of Asia.*

JADUNATH SARKAR e RABINDRANATH TAGORE, confrangidos pelos dolorosos sucessos da queda do imperio mahratta, convidam insistentemente as *élites* indianas, a substituir a heterogeneidade das castas, das facções e dos ritos religiosos, pela união e concordia da plebe nacional. PATEL (a) e CHITTA RANJAN DAS consideram a suppressão dos particularismos tradicionais o instrumento predominante da liberdade e do *swaraj.*

Apenas MAHATMA GANDHI, preso ao idealismo e á tradição védica, não repelle a casta, mas interpreta-a no seu primitivo e benefico sentido: «O *Varnashrama* (Disciplina das castas) é inherente á natureza humana, o Hinduismo sómente o systematizou»... «É contra o genio do Hinduismo que um homem se reserve uma situação privilegiada ou destine a outros um logar mais baixo». O brahmane

(a) É um dos mais fervorosos apostolos de reformas sociaes. É o 1.º Presidente eleito da Assembléa Legislativa da INDIA.

que pretendesse a superioridade por causa do seu saber, teria desde esse momento decahido da sua linhagem...». «O *Varnashrama* têm como razão de ser a economia da energia social (a sua boa distribuição)...». *Young India* (a), 8-12-1920 e 6-10-1921).

Mas o golpe de morte vém-lhe do *bill* do dr. GOUR, legalizando, *ex aequo jure*, os casamentos condemnados pela casta.

O repudio formal da intangibilidade e a integração plena dos *párias* na irmandade nacional, teve successivas e brilhantes consagrações, em que o ardente apostolado de GANDHI escreveu a pagina mais commovente.

A emancipação da mulher entra n'um dia-a-dia auspicioso. As mulheres encontram em GANDHI um paladino apaixonado. «O sexo feminino não é o sexo fraco, é o mais nobre dos dois pelo seu poder de sacrificio de soffrimento silencioso, de humildade, de fé e de conhecimento. A intuição da mulher ultrapassa muitas vezes a arrogante pretenção do homem a um saber superior...». (*Young India*, 15-9-21).

Varios dos Estados autonomos, entre os quaes MYSORE e RAJKOT são os pioneiros, e os conselhos

(a) HEBDOMADARIO, orgão de MAHATMA GANDHI. É editado em inglez, gujarathi e hindi e impresso em AHMEDABAD. Os artigos fundamentaes do evangelho social e politico de GANDHI foram colligidos em volume e publicados em inglez com o nome de *Young India* e transladados para francez com o de *La Jeune Inde* (edição STOKES, PARIS).

legislativos de BOMBAIM, MADRASTA e das Provincias Unidas alargaram já para a mulher o direito do voto politico.

A Universidade Feminina de POONA, a *Seva Sedan* de BOMBAIM, a *Mahila Karmi Samsad* de CALCUTTÁ e a Associação das Mulheres Indianas, em que ha senhoras de nomeada mundial, como PARWATIBAI ATHAVALEE RAMABAI RANADE, esforçam-se por exaltar o nivel moral do seu sexo, instruindo e treinando a mulher para auferir a sua independencia economica.

As questões da edade nubil, da livre escolha do consorte e do casamento das viuvas estão na ordem do dia nas assembléas e conferencias hindús. A *Vidhava Vivah Sahaik Sabbha* de LAHORE, associação mixta, propõe-se encorajar o consorcio das viuvas, para o que dispõe d'um excellente estabelecimento para as recolher e um orgão na imprensa para sua defesa.

A assistencia á pobreza e á invalidez, a guerra intransigente ao alcool e á cocaina, a protecção ao operario prendem ostensivamente os procuradores da restauração nacional.

A propria união hindú-mussulmana, incessantemente ameaçada por antigas emulações, desconfianças e suspeitas mutuas, está fazendo em pouco tempo rapidos progressos.

Os representantes de *Jamait-ul-Ulema* e do *Hindu Mahasabbha* encontraram-se, em dezembro de 1923, n'um espirito eminente de bom desejo e con-

ciliação e elaboraram uma proclamação que será o abençoado alicerce da confraternisação entre as duas communidades. Este manifesto, subscripto pelos principaes *Ulemas*, *Pandits* e demais *leaders* politicos do paiz, censura severamente todo o ataque contra a pessoa, propriedade, honra da mulher, de membro de qualquer communidade ou contra os logares santos e incita á defeza da victima, seja qual fôr a seita ou communidade do atacante.

Em Setembro de 1924, na Conferencia de DELHI, foi proclamada, sôb proposta de MAHOMED ALI, um dos mais fogosos Maulanas mahometanos, a liberdade religiosa e a tolerancia reciproca e foi approvada por acclamação a seguinte resolução de SHAUKAT ALI, outro vigoroso e exaltado chefe mahometano:

«Esta conferencia deplora as dissensões e as disputas entre os mahometanos e os hindús em varias regiões da INDIA, resultando d'ahi perda de vidas, incendios, pilhagem de propriedade e desacato dos templos. A Conferencia considera taes actos como barbaros e offerece a sua calorosa sympathia ás victimas. Esta Conferencia pensa que é contrario á lei e á religião qualquer individuo fazer justiça por suas proprias mãos. A Conferencia entende que todas as discordias, seja qual fôr a sua natureza, devem ser submettidas á arbitragem e, em caso impossivel, a um tribunal de justiça»...

O germen fecundo de uma nova nacionalidade medra n'uma robusta gestação e as idéas politicas

e sociaes se afervoram para grangear n'um rapido decurso uma solida constituição.

A INDIA despe, ao alvorecer da liberdade, a folhagem secca e maculada da oppressão sinistra para vestir as louçainhas viçosas e perfumadas de uma aureolada adolescencia.

AS IDÉAS RELIGIOSAS

As Idéas Religiosas

Todo o systema religioso, quer seja audaz e eminente, quer seja timida e indecisa a sua concepção ácerca do homem e da Divindade e das suas relações com o Universo, comprehende no copioso ou escasso peculio das suas affirmações um corpo de especulações metaphysicas, que são os dogmas theologicos, um codigo de noções e praticas liturgicas, muitas d'ellas abertamente adversas á evidencia dos sentidos e á analyse da razão, e um canon de preceitos e sancções moraes.

Em regra, as altas cogitações metaphysicas são apenas intelligiveis n'um circulo estreito de enthusiasticos cultores, monopolio de talentos superiores, sem nenhum caracter exoterico, sem condições de divulgação verdadeiramente popular. O vulgo, fiel á tradição, consocía na simplicidade infantil do seu entendimento com as prescripções moraes mais altas as crenças mais grosseiras e as praticas mais

inverosimeis. Assim todas as religiões têem, os seus Messias, os seus santos e thaumaturgos, as suas imagens e fetiches, os seus ritos e preceitos dieteticos; todas encommendam á fraca humanidade para a sua final emancipação as mesmas offerendas, os mesmos jejuns e ascéses, os mesmos hymnos e orações e os mesmos mandamentos da vida moral e pratica. A philosophia do Infinito e a da origem e destino do homem são sempre as theses predilectas. As doutrinas de *Avatâra* (da deificação do homem), da immortalidade da alma e da salvação são communs a todos os credos religiosos. Em toda a parte, o espirito humano, interrogando-se a si proprio e ao universo ácerca do que é mais defeso e recatado no obscuro sanctuario da natureza, se compraz nas mesmas arrojadas e nebulosas soluções.

Nunca em tempo ou povo algum da antiguidade foi, porém, mais completa e mais exuberante que na INDIA, a alliança dos mythos nacionaes e collectivos com a mais larga emancipação da razão individual. D'esta união entre os mais altos arrojos do pensamento reflectido, os textos dogmaticos da fé e os mais variados e primitivos mythos populares, nasceu o desordenado edificio do moderno hinduismo, que abrange desde o mais sombrio antropomorphismo divinizado pelo espirito imaginoso e pittoresco das populações simplistas e primitivas, em que ha deuses multiplices e ritos escabrosos e

abstrusos, até ao mais luminoso pantheismo e ao mais puro e ideal monotheismo.

O hinduismo, na realidade, não é um systema nem uma religião; é uma lastimosa reconciliação nacionalista entre o mais illuminado pensamento religioso que é o genuino brahmanismo, e os cultos embryonarios e naturalistas dos aborigenes.

Seja, porém, qual fôr a seita, *washnavas*, *shaivas*, *shiks*, *shaktas*, *bhauddas*, *djainas* ou *brahmos*, é egual o alvo derradeiro—a libertação *(moksha)* e a união com Deus no *Mahanirvana* (grande extinção, —e é o brahmanismo o seio, a alma *mater*, a fonte prodigiosa d'onde emanam as admiraveis e opulentas creações ethicas e religiosas hindús.

«O brahman dos sabios hindús é indiscutivelmente o pensamento religioso mais poderoso de todos os tempos» (Chamberlain, *La Genèse du XIXme Siècle*, tom. I). Nem o christianismo nem o islamismo levantaram a tão alto as suas cogitações ácerca do absoluto, nem excederam a grave e severa compostura da doutrina brahmanica.

Dr. RHYS DAVIDS, mestre na litteratura pali, auctoridade sem par no estudo comparado do buddhismo e do christianismo assevera algures: Não será muito affirmar que quasi todo o ensino moral dos Evangelhos, áparte os dogmas, encontra-se nos escriptos buddhicos, alguns seculos anteriores; que, por exemplo, os conceitos philosophicos e moraes revelados no Sermão da Montanha, excepção feita dos dogmas theogonicos, deparam-se ainda hoje

nos Yatakas». E continua, n'outro logar, o erudito professor: «Não ha muito da metaphysica e da psychologia de GAUTAMA que não se encontre n'um ou n'outro dos systemas orthodoxos; uma grande parte da pregação moral de BUDDHA é extrahida dos mais velhos e primitivos livros hindús». BUDDHA, ao invéz d'uma concepção extravagante da phantasia européa, não foi um inimigo do brahmanismo. «GAUTAMA nasceu, viveu e morreu hindú». Como duas irmãs que têem o mesmo berço e se vão depois na vida affastando mais e mais, irreconciliaveis e hostis, o hinduismo e o buddhismo na antiguidade germinam do mesmo grão brahmanico para, a pouco e pouco, se apartarem contrapondo-se. Mas desnudados das incrustações formalistas, accumuladas durante seculos e desembaraçados dos liames tradicionaes, do privilegio mystico das castas, da superstição intoleravel da intangibilidade, das cerimonias tantricas e do ritual intrigado e pueril, o hinduismo e o buddhismo apparecem-nos confundidos no seu termo derradeiro, na sua aspiração suprema. A *mukti* brahmanica ou o *nirvana* buddhico conduzem, por veredas diversas, á mesma summa bemaventurança, á *moksha*, á completa libertação do espirito, á reversão da alma humana á sua natureza verdadeira. Apenas o *Brahma-vidya* (culto de Brahma, o Ser Infinito) propõe-se alcançá-la pela pratica abnegada do dever e pelo esforço persistente e sublimado do raciocinio, emquanto BUDDHA, perplexo e enleado pela perspectiva angustiosa e

indestructivel da *dukka*, da miseria d'este mundo, se desvanece perante a idéa negativa da renuncia e da anniquilação.

Não obstante a multiplicidade formal das seitas hieraticas, os hindús estremecem a idéa da Unidade universal.

É esta a idéa-mãe de todas as reformas religiosas na INDIA. A ella se devotaram, em seculos remotos, SHANKARA, KABIR, NANAK e CHAYTANIA, aguias eminentes, cujos vôos dialecticos altearam o pensamento a mais aereas e desusadas regiões intellectuaes.

*

* *

No seculo 16, surgira, a aggravar a dispersão, uma nova religião, que pleiteava pelo primado: era o islamismo. NANAK (1469-1558) aventurou-se a fundir n'um só corpo os systemas inconciliaveis e antagonicos, afim de dar á fé nacional a sua pristina pureza e á nação a unidade politica e a vitalidade juvenil dos povos invasores. Assim fundou o *sikhismo* que a *Encyclopedia Britannica* define d'est'arte: doutrina de um Deus unico, que não é Allah nem Rāma, mas só Deus; nem Deus, das Mahometanos nem dos Hindús, mas Deus Universal, de toda a Humanidade e de todas as religiões, sem idolos, sem encarnações, sem castas, nem previlegios.

A sua penetração foi, porém, reduzida e, a despeito do seu vigor moral e systematico, não soube realisar a missão temeraria e delicada que se impuzéra.

...Decorreram seculos; as mais absurdas e pueris lendas profanaram cada vez mais o sagrado legado do brahmanismo. RAM MOHUN ROY (1774-1833), um dos engenhos mais robustos da NOVA INDIA, com a intenção de expurgar a religião nacional da hoste numerosa dos *Devas* que a enchiam de trevas e de ficções anachronicas e obscuras instituiu o *Brahmâ-samaj*, assembléa dos que crêem n'um só Deus. Philosopho, theologo, prosador e poeta, conhecendo a fundo as Escripturas Sacras hindús, versado no Alcorão, no Zend-Avesta e na Biblia, em contacto com os *sufis* persas, com os monjes buddhistas e com os missionarios de CHRISTO, RAM MOHUN ROY tinha um saber verdadeiramente encyclopedico. Regeitou os idolos, as castas e a concremação das viuvas. Affirmou a sua fé em Brahman como unico Deus eterno e perfeito, creador do Universo, cuja adoração era necessaria para a salvação final.

A sua philosophia é inspirada no monismo dos *Upanishads* e no theismo de *Bhagavât-Gitâ*. A adoração consiste não no abandono do mundo nem na meditação extatica ou em sacrificios e cerimonias mais ou menos orthodoxas, mas no amor de Deus e na pratica activa e constante do dever.

O pensador bengali vivificou o dogma fundamental da philosophia theologica dos hindús, que na Edade Media não tinha podido ter accesso no animo popular. Nota-se um progresso admiravel no caminho de desvestir da folhagem maculada das superstições o corpo da religião nacional. Inaugurou-se de novo, após seculos, o cyclo das reconquistas das ovelhas tresmalhadas á fé avoenga A agitação *suddhi* (purificação) toma viva intensidade; lançam-se fundamentos a uma conspicua instituição *The All India Hindu Mahasabha*, afim de recolher o espolio disperso e truncado na bancarrota moral e politica dos ultimos seculos.

O *Hindu Mahasabha* é um novo e ousado tentame para elevar acima das infinitas dissenções sectarias e jungir n'uma forte comprehensão da solidariedade, da mutua tolerancia e estreita confraternisação, as classes discordes e hostis.

Ao mesmo tempo, sôb a inspiração energica de RAMAKRISHNA e VIVEKANANDA, espiritos eminentes da Moderna INDIA, se renova com maior tenacidade e melhor agouro a doutrina professada e evangelizada por KABIR e NANAK de affundir o hinduismo e o islamismo n'um novo e audacioso systema religioso que podesse ser a synthese fecunda e luminosa das praticas egualitarias do Islam e dos principios universalistas do *Vedanta* e a chave segura e inabalavel da união nacional.

Este pensamento religioso encontra em MAHATMA GANDHI *o gurú* providencial e ambicionado. Mais universalista que os seus audazes predecessores e

destituido de todo o fanatismo, o grande apostolo hindú não reconhece á sua religião outros limites que os oppostos pela razão livre e desempenada. «Eu não faço da religião um fetiche; não perdoarei mal algum em seu nome sagrado». «Eu não receio regeitar a divindade das mais veneraveis *Shastras* se ellas não convencem a minha razão». «Recuso-me a acceitar a interpretação mais sabia se repugna á razão e ao senso moral». *(Young India,* Julho e Outubro e 1920 e Outubro de 1921). «Não creio na divindade exclusiva das Vedas. Creio que a Biblia, o Alcorão e o Zend-Avesta são tão divinamente inspirados como os Vedas» *(Hind Swaraj).*

...E é com esta destemida galhardia e nobilissima tolerancia que MAHATMA GANDHI mette alicerces na Universidade Nacional de Gujarat aos primeiros lineamentos de uma nova ethica religiosa que volva a atar n'uma indissoluvel unidade as reliquias dispersas do genio hindú e a experiencia universal. E' com tão levantada preoccupação que se propõe exprobrar os abusos e os preconceitos que têm deshonrado o culto brahmanico, para fazer brotar da multiplicidade religiosa do seculo presente a unidade e a verdade incontrastavel da metaphysica vedantica.

As idéas religiosas passam n'este momento ante o sopro depurador de um inexoravel criticismo. A reacção intellectual contra o despotismo da tradição medieval attinge um vivo acume. O espirito

hindú, até aqui enjaulado, encaminha-se livre e inquiridor n'uma nova direcção, regeitando como falsas ou de má lei as noções manifestamente contrarias ao consenso da razão e emancipando-se inteiramente do jugo tradicional.

A EDUCAÇÃO PUBLICA

A Educação Publica

A ignorancia e a deseducação são o estratagema engenhoso, o talisman subtil da dominação extranha na peninsula indica.

Nas vesperas sombrias de 1789, quando a tyrannia, infesta á multidão e á cultura, inclinava para o horizonte, para que surgisse radiante a liberdade, e a educação publica vogava na Europa na infancia das indagações pedagogicas, já a India se esmerára n'um methodo de ensino publico, perfeitamente instrumentado para a diffusão da instrucção elementar.

Cada aldeia ostentava a sua escola ou *maktab*, onde um systema de monitores, habilmente imaginado, fazendo de cada estudante, por turnos, mestre e alumno, tornava, sem ser menos proficua, pouco onerosa a divulgação da instrucção. O systema *monitorial* ou *de instrucção mutua*, ao presente conhecido como o de Bell-Lancaster, descobriu-o Andrew Bell (1755-1823 em Madrasta *(Mutual*

Tuition) e logrou installa-lo na EUROPA em 1798, antecedendo de alguns annos PESTALOZZI na fundação da sua escola em YVERDUN.

Na carencia de methodos pedagogicos n'esse tempo pouco remoto, em FRANÇA «a educação do povo era lettra morta»... Aqui e além, o cura e os irmãos *Ignorantium* juntavam as creanças e ensinavam-lhes a recitar o cathecismo ou a solettrar o credo e o padre-nosso». As escolas publicas eram desconhecidas (ARTHUR YOUNG, *Travels in France).* Ainda em 1833, segundo um inquerito official, «a ignorancia era geral... O mestre exercia todos os officios; era jornaleiro, sapateiro e guardião. A esposa substituia-o no mestrado, quando aquelle ia para o campo caçar»!

Na INGLATERRA, na mesma epocha, segundo escreve o Prof. THOROLD ROGERS, apenas um homem sobre dez e uma mulher sobre vinte saberiam lêr e escrever *(British Citizen).* Nos ESTADOS UNIDOS da AMERICA, em 1812, «não havia orientação pedagogica nem instituição publica para a formação do professorado».

No decurso de um seculo a educação elementar n'estes paizes, posta ao serviço do povo, insubordinada ás exigencias egotistas de uma plutocracia, compulsoria e gratuitamente, é quasi universal, emquanto, na INDIA, intimada aos odiosos interesses do despotismo que a domina, rasteja ainda, segundo o censo de 1911, n'uma reduzida percentagem de seis por cento da vasta mole da população!

Subvertido o systema nacional de educação e sopeadas a usança e a tradição, largos annos gastou o fero usurpador para incubar nos recessos dos seus cenaculos politicos a trama de um plano machiavelico de deformação do espirito hindú. E só em 1857, a seguir a um famoso despacho de Sir CHARLES WOOD se deram os primeiros passos para debuxar com a dissolução do pensamento nacional, um mitigado derramamento de instrucção.

Instituiram-se os nucleos universitarios de CALCUTTÁ, BOMBAIM e MADRASTA, espalharam-se com maliciosa avareza algumas escolas primarias e contribuiu-se com intelligente disfarce para a fundação da Universidade hindú-mussulmana de ALIGARH, centro de cultura islamica, da Universidade hindú de BENARES, das escolas do Arya Samaj e da Academia Hindú de DAULATPUR.

Não obstante estas vagas instituições, almotaçadas pela intervenção da burocracia britannica, em 1916, cincoenta annos após os principios generosos do direito e da justiça, enunciados por CHARLES WOOD, havia apenas uma escola primaria por cada cinco aldeias, longos districtos sem uma escola secundaria e provincias extensissimas sem uma unica universidade! Não existia um instituto technico capaz, a não contarmos com dois ou trez collegios agricolas. O ensino profissional era debil e desprovido de meios efficientes e o da lingua e litteratura nacional, sequestrado e desdenhado!

Dentro do mesmo periodo de tempo, o JAPÃO,

menos rico em recursos naturaes e com uma capacidade de trabalho, não superior á dos indianos, fez taes progressos de educação geral e cultura technica que os seus diplomados rivalizam com os melhores da EUROPA, os seus mestres e lettrados usufruem uma reputação universal e o JAPÃO é uma das primeiras potencias...

E' que o JAPÃO era livre e poude dar ao seu desenvolvimento o melhor quinhão do seu espolio e desabrochar em toda a plenitude as suas energias politicas e as suas virtudes militares, emquanto na INDIA serva e algemada, á implacavel ALBION sobejava argucia e arrojo para destinar a mais avara quota á melhoria moral e politica do paiz, reservando a partilha mais granada a assegurar, não em proveito dos subditos, antes em proprio beneficio, a servidão nacional... Ainda no orçamento de despezas a que me reporto (1918-1919), emquanto se retira para a educação publica a minguada quantia de 7 a 8 % de toda uma receita de centenas de milhões, reverte para o exercito que infama a nação e arrebata aos hindús a propria liberdade, a prodiga percentagem de 59 %!

N'esta angustiosa e intoleravel perspectiva surgem em 1905 as idéas revolucionarias que abrem o cyclo ás reformas que vem alargando mais e mais a sua triumphal dominação.

Foi tão grande, tão energico, tão irresistivel o impulso das idéas de 1906, que ao termo incompleto

de quatro lustros se ergue altivo e desempenado o edificio intellectual da Nação.

A mentalidade está mudada; a livre critica toma logar no espirito do estudante e do professor e a educação se encarreira no caminho da exaltação dos valores patrios. Escolas elementares gerais ou technicas, medias e superiores, lançadas com capricho, multiplicam-se por todas as provincias, a expensas particulares, e sobrepassam as do Estado.

O Conselho Nacional de Educação de BENGALA, forte nucleo universitario, á sombra generosa de RASH BEHARI GHOSE, SURYAKANTA ACHÂRYA e outros ricos doadores, tem collegios, hospedarias, hoteis, laboratorios e officinas em JODABPUR.

A *Shantiniketan* de BHOLPUR, inspirada e tutelada pelo genio poetico e philosophico de RABINDRANATH TAGORE, amplia-se n'uma viridente universidade internacional *(Visva-Bharati)* onde se dão *rendez-vous* as duas culturas desavindas, a occidental e a oriental, e onde a tradição e as linguas nacionais têem um consagrado altar.

MAHATMA GANDHI, irreconciliavel adversario da ethica mundana da civilisação européa lança os fundamentos de uma nova universidade em AHMEDABAD. O *Satyagrah Ashram* (mosteiro da verdade) é o instituto monastico d'onde GANDHI, como CHRISTO ou SANTO IGNACIO de LOYOLA, propõe-se fazer sahir, educada no evangelho da verdade e do amor e armada de uma disciplina de ferro, uma legião ardente de apostolos que vão pelo mundo, rompendo as

algemas da moral contemporanea, accommodada ás exigencias, ás occasiões e ás utilidades egoistas, instituir em seu logar por obra da sua radical refundição uma ethica nova e original, esclarecida pela experiencia dos seculos.

MYSORE possue uma bem medrada universidade. POONA acaba de inaugurar uma, HYDERABAD outra e BARODA e TRAVANCORE estão desvelando-se noite e dia para lhes apanhar o passo. A diffusão universitaria transcende as fronteiras vedadas; a avidez de instrucção é ascencional, mesmo tumultuaria. A população masculina no ensino secundario tem um coefficiente excedente ao da INGLATERRA e egual ao da ALLEMANHA antes da guerra; as inscripções universitarias em BENGALA ultrapassam dez vezes as da INGLATERRA (R. WILLIAMS, *India in 1919).*

O pensamento indiano revolve se em incendidas requestas e agita-se n'uma tumultuosa fermentação. E de volta com as doutrinas arrojadas e na apparencia subversivas que vem levedando, diffunde entre as multidões os germens de genuina liberdade e de franca insurreição contra o dogmatismo tradicional.

Desbravado por esta guisa o terreno intellectual, digladiam-se em campo raso trez correntes ethicas que demandam o predominio. A que terça as armas pela cultura européa, propugnando que a INDIA deve á semelhança do Japão copiar e imitar servilmente o Occidente. Como fervorosos patronos, conta duas figuras de alto merecimento, dr. H. S. GOUR e CHINTAMANI, e como modelo e espelho as universidades inglezas de DACCA, CALCUTTÁ e BOMBAIM.

A segunda é a dos que, repudiando após uma severa e vigorosa analyse as carnaes deleitações da moral occidental, intentam fundar uma ethica mais fecunda e mais universal, affirmação real e austera do direito e da justiça, amalgamando no crisol do sacrificio e do amor o *Dharma* dos hindús e o Islam dos mahometanos. O seu pontifice imaginoso e eminente é MAHATMA GANDHI e a sua escola-typo o *Ashram* de SABARMATI, onde por meio do hindustani, lingua nacional da NOVA INDIA, estudantes e mestres procuram interpretar n'um sentido unificador os *Shastras* e o Alcorão, sôb o lemma simples e rigido da verdade, da pobreza e da castidade.

O maior numero, porém, professa a doutrina de que a sciencia e a arte não tem privilegios nem fronteiras. A INDIA deve colligi-las onde encontrar e alicerçar a educação nacional sobre o thesouro lavrado pela Humanidade, sem receio da forasteira influição, illuminando-o com o saber e habilidade preexcellentes do genio nacional.

Este encyclopedismo inspirado e intelligente é a feição essencial da *élite* indiana e tem o seu expoente fulgurante em RAM MOHUN ROY, o S. JOÃO BAPTISTA da Jovem INDIA, em RABINDRANATH TAGORE, em LAJPAT RAY, em BENOY KUMAR SARKAR.

Sóbe, dia a dia, o numero dos indianos que forcejam por assenhorear-se de todos os segredos da

technica euro-americana na sciencia, na arte ou na industria. Engenheiros como VISVESVARAYA de MYSORE, chimicos como PROFULLA CHANDA RAY de BENGALA e banqueiros como F. CURRIMBOY e VITHALDAS THACKERSEY de BOMBAIM e R. MOOKERJEE de CALCUTTÁ estão no estreito convivio das derradeiras acquisições da industria occidental. Os socialistas CHAMANLAL e SAKLATWALLA (a) de PANJAB, TRIMUL ACHARYA de MADRASTA, N. M. JOSHI de BOMBAIM e MANABENDRA NATH RAY de BENGALA aprehendem com desvelado acume as reivindicações sociaes de todo o mundo. Senhoras talentosas como SAROJIM NAIDÚ, LILA SINGH e PARVATIBAI ATHAVALE investem-se no precioso labor de elevar a mulher indiana á altura das suas co-irmãs do Occidente.

As escolas de pintura e esculptura de BOMBAIM e CALCUTTÁ denunciam na eurythmia das formas e na polychromia da expressão uma bem concertada combinação entre a arte nacional e os modelos estrangeiros mais consagrados.

SHAKESPEARE, GÖETHE, VICTOR HUGO, PASTEUR STUART MILL, WILLIAM JAMES e FREUD tem lá milhares de devotos. Os mestres da philosophia contem-

(a) — É deputado communista por BATTERSEA na Camara dos Communs em LONDRES. Devendo tomar parte na recente conferência da União Interparlamentar, realizada no anno findo, foi impedido de entrar na AMERICA por despacho do Ministerio dos Estrangeiros dos E. M. da AMERICA.

poranea desde KANT a BERGSON são tão acarinhados e divulgados como as figuras nacionaes.

Ha por toda a INDIA um immenso desejo de forragear quanto as civilisações extranhas hão produzido, a fim de assentar os alicerces da INDIA NOVA sobre os monumentos de uma cultura opulenta e universal.

AS SCIENCIAS

As Sciencias

No inquieto periodo em que a India, insurgindo-se resoluta contra a sujeição e vassallagem, elabora com perseverante enthusiasmo a sua resurreição politica, não renuncia ao culto das sciencias e das lettras; e fecundada e esclarecida pela opulencia dos factos e apercebida dos novos methodos, retoma na historia do pensamento o seu logar consagrado.

A philosophia especulativa, a metaphysica e a psychologia não possuem, é certo, n'este ultimo seculo, um nome illustre e veneravel, que pelo seu genio creador seja um digno confrade d'um Kant, d'um Hœgel, d'um James ou d'um Bergson.

A metaphysica hindú, desajudada de todo o subsidio experimental, agitára nas edades antigas com tal profundeza os problemas que a especulação tem vindo com varia fortuna propondo e resolvendo, durante o seu longo e aventuroso curso,

que tornou difficillima aos seculos vindouros a originalidade e a alteza do conceito.

A philosophia européa é, desde ARISTOTELES e sobretudo, desde DESCARTES, dominada pela dualidade intransponivel do espirito e da materia. Este dualismo incompativel com a experiencia a que ácerca do universo e das suas metamorphoses tem chegado modernamente a sciencia da energia, baseada nas inducções experimentaes, havia-o condemnado pela só agudissima visão intellectual SHANKARA (seculo VIII), o maior metaphysico de todos os tempos. Advinhando como em prophetica clarividencia a unidade do principio universal, interpretou e commentou em plena lucidez a assombrosa variedade e a apparente dessemelhança dos phenomenos naturaes. E é tão vivo o fulgor do seu espirito que alcança avassallar durante seculos o pensamento hindú e vir encontrar nas rigorosas deducções do nosso tempo a sua ampla comfirmação.

Se na metaphysica e na psychologia os pensadores hindús contemporaneos se vêem forçados á minuscula missão de paraphrasear e elucidar os velhos *Darshanas* e *Upanishads*, aferindo, a cada passo, os seus commentarios pelas regras de SHANKARA ou de KABIR, a philosophia biologica revela um vigoroso cultor. Professor de physica, ignorado, ao modesto alvorecer da sua carreira, CHANDRA BOSE estudou com paixão a sensibilidade dos metaes aos varios excitantes e principalmente á excitação electrica e previu com admiravel agudeza a fadiga molecular

e a possibilidade de apressar o seu apparecimento por meio de agentes chimicos (venenos), e pondo em confronto a resposta molecular á excitação na materia viva e na não-viva, enunciou pela primeira vez, em 1900, no Congresso Internacional de Sciencias em PARIS, em termos scientificos e depois de uma experiencia memoravel, a manifesta identidade entre a reacção da molecula viva e da chamada *não viva* e a arrojada concepção da unidade positiva da natureza. A sua obra *Response in the Living and non Living* (1920) marca uma data sensacional na historia do genio humano.

Não contente, CHANDRA BOSE, o mais egregio representante da sciencia indiana, penetrou insensivelmente nos dominios da physiologia e com um precioso escrinio de instrumentos de sensibilidade e rigor desusados, pôz em evidencia, contrastando com o mais agreste scepticismo, a analogia da estructura nervosa e dos movimentos pulsateis das plantas com os conductores neuricos e as pulsações cardiacas dos animaes.

Mais revolucionario que LAMARCK e DARWIN que demonstraram sómente a origem e a transformação das especies animaes, envolvendo n'uma vaga generalização a vida vegetal, o sabio de BENGALA soube desentranhar com a argucia assombrosa de uma aguia, a semelhança organica, guardadas as proporções, entre os organismos vegetaes mais simples como o *desmodium girans* e os animaes mais complexamente organizados.

A doutrina da unidade universal resurge assim, transcorridos perto de dois mil annos, despojada do seu colorido metaphysico, na linguagem severa e desenfeitada da sciencia positiva.

Se DESCARTES fornecêra á sciencia e á philosophia o plano racional da natureza inorganica e LAMARCK a origem e a systematização do mundo organizado, BOSE firma em termos positivos o laço indissoluvel que liga o mineral desprezivel e a rudimentar diatomacea ao humilde foraminifero e aos seres animaes mais elevados.

A lado da theoria dynamica do calor e da gravitação celeste, nenhuma these moderna será porventura mais brilhante e fecunda nem firmada em melhores esteios experimentaes que a novissima theoria da identidade universal da reacção molecular. Nenhuma idéa está melhor fadada para encaminhar o espirito humano á noção da unidade na infinita diversidade e na apparente disparidade dos phenomenos naturaes.

*

* *

A philosophia social contribue, por sua vez, com uma valiosa cooperação. O *Gitâ Rahasya* é uma senda nova e original, aberta á acção social. BAL GANGADHAR TILAK com a simpleza severa de um asceta e a precisão rigorosa de um mathematico

eminente, compendía em traços immortaes o codigo das relações sociaes. Proclamando como objecto por excellencia do homem social, a liberdade e a democracia, reclama e orienta toda a actividade util no sentido de as attingir: especie de pragmatismo, descendo da esphera metaphysica, a normar a vida pratica e a politica social.

O *Hind Swaraj* de MOHANDAS GANDHI é uma das grandes obras da philosophia moderna. A idéa simples e genial de substituir nos embates sociaes a escola da violencia pela da não-violencia, a doutrina da espada pela doutrina do amor e o culto da mentira refalsada pelo culto apaixonado da verdade, inaugura incontestavelmente nos negocios tormentosos dos nossos dias uma nova disciplina moral, uma ethica radical, allumiada por um immenso affecto pela humanidade e pela sêde ardente de communhão espiritual de todos os sêres. Á doutrina de *sâtyâgraha* (devoção á verdade pela energia disciplinada da coragem, da fé e do sacrificio) — na qual as raças dominadas e as classes operarias de todo o mundo estão encontrando a sua melhor arma, — está commettida uma grande missão reformadora. MOHANDAS GANDHI, o seu famoso ideador, pela audaz impugnação da ethica hodierna, pela elevação moral dos seus conceitos, pela austeridade do seu porte e pela abnegação com que desdenha as honras da voluvel multidão, sobreleva os mais nobres educadores contemporaneos.

...Contrariamente á sociologia comtista, fazia voga

em sciencia social a these dogmatica de que as sociedades (tribus, cidades, nações e estados) evolúem segundo leis particulares, por vezes adversas entre si e que progridem ou regridem, seguindo fins divergentes, sem qualquer élo de continuidade e de analogia umas com as outras.

BENOY KUMAR SARKAR, interrogando os factos religiosos, os factos moraes e juridicos e os factos economicos em todos os povos e em todas as edades, comparando-os e criticando, contradizendo e affrontando a antipathia do dogmatismo academico, assignalou nos *The Political Institutions and Theories of The Hindus* e *Hindu Art* o progresso ininterrupto e a universalidade do *devenir* social. As sociedades proseguem todas o mesmo fim, segundo as mesmas phases e no mesmo sentido progressivo; apenas, por motivos meramente contingentes encontram-se em momentos differentes de uma e mesma evolução. Exegése fecunda, instrumento efficaz contra o dogma odioso da desegualdade das raças, que levanta BENOY SARKAR acima da eschola do seu tempo e vincúla o seu nome a uma nomeada mundial.

*

* *

Nas sciencias physico-chimicas occupa as honras de vedeta JAGADISH CHANDRA BOSE. As suas descobertas sobre as propriedades da galena, sobre o registo das ondas electricas, sobre a sensibilidade

dos metaes á luz e á electricidade e sobre a curva da reacção, fadiga e envenenamento da molecula inorganica, causaram a mais funda impressão. CHANDRA BOSE demonstrou por entre os olhares avidos e espantados de ARRHENNIUS de STOCKOLMO, HABERLANDT de BERLIM e DESLANDERS de PARIS, a surprehendente similitude entre as reacções vivas e as reacções denominadas não-vivas, entre as da *mimosa pudica* e as de um fragmento de platina.

A theoria electro-magnetica vem transitando por um longo e demorado estagio de desenvolvimento desde que MAXWELL trouxe á publicidade o seu celebrado tratado. MEGHNAD SAHA de CALCUTTÁ acaba de contribuir com uma notavel concepção sobre a estructura do atomo, fundando-se sobre a moderna analyse das quatro dimensões de MINKOWSKI e a theoria da relatividade de EINSTEIN. Sir JOSEPH THOMSON e Dr. CREHORNE, physicos eminentes, o primeiro inglez e o segundo americano, asseguram que as investigações do proficiente mestre indiano devem trazer ao futuro do problema soluções mais largas e mais efficazes que as das equações de LORENTZ.

SNEHAMOY DATTA sobre a variação da resistencia do selenio com a temperatura e CHAKRAVARTY sobre a diffracção da luz têem pesquizas de alto relêvo.

Sir P. C. RAY é um chimico de elevado merito e a quem BERTHELOT no *Journal des Savants* (abril, 1898), rende as homenagens da sua auctoridade, como um dos *leaders* da chimica contemporanea.

A sua importante obra *History of Hindu Chemistry*, raro exemplo de penetrante senso critico, é um indispensavel capitulo da historia da sciencia universal e expressivo testemunho do esforço scientifico da sua raça.

KOKATNUR sobre a influencia da catalyse na chlorynação dos hydrocarbonetos e DHIRENDRA KUMAR SARKAR sobre o acido phenico vegetal dão contribuições que revelam privilegiado entendimento.

As observações originaes de RAMAN de MADRASTA sobre as vibrações sonoras e sobre o mechanismo dos instrumentos musicaes, attrahiram-lhe lustre e renome em toda a imprensa anglo-americana *(Science Progress*, LONDRES, 1920).

No dominio das mathematicas RAMANUJAM disputa a proeminencia a EULER ou a JACOBI e GANESH PRASAD de BENARES engrandece com o brilho do seu talento a sciencia do numero.

As revelações surprehendentes de CHANDRA BOSE sobre os nervos e os movimentos pulsateis das plantas, enfeixadas com rigor didactico nos seus varios volumes *Plant Response, Researches on Irritability of Plants* e *Life Movements in Plants*, illuminam com vivo clarão as sciencias naturaes.

Os aparelhos da sua invenção, — entre os quaes o «crescographo magnetico» que permitte apanhar em flagrante as phases successivas do crescimento dos vegetaes — na finura da concepção e na pericia do acabamento denunciam que as sciencias experimentaes attingiram na INDIA, em alguns sectores o apogeu da sua expansão.

*

* *

A historia nacional, repositorio sagrado das glorias e das enfermidades patrias, estava sendo profanada e devastada por uma turba de curiosos, archeologos e publicistas, que embrenhados nos mil thesouros da litteratura e da sciencia antiga se entregavam a arrojadas conjecturas e ao fervor immoderado de precoces generalizações. Como corollario inevitavel d'estas erroneas interpretações nasceu e avolumou-se o dogma intangivel do pessimismo e do religiosismo do pensamento hindú.

Com um ardor de neophytos, os jovens hindús se applicaram a esforços de erudição e de philologia para desentranhar de seus jazigos as riquezas intellectuaes do passado e fizeram-no com uma liberdade, agudeza e nitidez perfeitamente modernas. Este grande movimento, cujos iniciadores vacillantes foram GOVINDA RANADÊ *(Rise of the Maratha Power)* e ROMESH CHANDRA DUTT *(Ancient Hindu Civilisation)*, tem hoje mestres de envergadura excepcional como B. SEAL *(Positive Sciences of the Ancient Hindus)*, RADHAKUMUD MOOKERJI *(Fundamental Unity of India, A History of Indian Shipping)*, K. JYENGAR *(Beginnings of South Indian*

History) e BENOY SARKAR (*Hindu Achievements in Exact Science).*

A exhumação e a resurreição do longinquo passado de tal modo empolgára a fina flôr da historiographia nacional, que se havia esquecido das edades mais proximas, parecendo dar razão á versão capciosa dos orientalistas, segundo a qual a edade media e moderna na INDIA não fôra mais que uma subversão caliginosa da ordem e do progresso. JADU NATH SARKAR deu-se á porfia de sacar á luz o segredo d'essas edades obscuras. Os seus livros *History of Aurangzib* e *Shivagi* são uma mina preciosa de informação, de detalhe e de luz sobre a grandeza e magnificencia hindús nos seculos XVI e XVII.

A par d'estes esplendidos monumentos de erudição despojada de rethorica, em que a documentação é escrupulosa e as phantasias conjecturaes são interdictas, ha outros em que o historiador transfigura, embelleza e engrandece as taras e as pobrezas mais enfermicas (TILAK) ou disserta e generaliza (BENOY SARKAR). O *Orion* de TILAK é uma concepção original e audaciosa da historia, em que correm parelhas a facundia da sua imaginação e a lucidez extraordinaria do seu talento.

The Science of History de BENOY SARKAR, especie de discurso sobre a historia universal, é uma maravilha de clarividencia, de clareza e de deducção.

A reconstituição da herança da velha INDIA prosegue no mesmo *élan*, erudito e brilhante, nas sciencias juridicas e politicas. Exhumados o *Yajnawalkya* (direito civil), o *Arthashastra* e o *Sukraniti* (direito politico), esclarecidos e illuminados com commentarios valiosos, uma vigorosa eschola de jurisconsultos e publicistas deu-se á tarefa nobilissima de assignalar aos olhos do mundo culto que a metaphysica e a especulação mystica não foram o mobil estreito e sombrio da sociedade hindú, que as suas instituições civis e politicas tinham sabido conciliar melhor que na EUROPA, a soberania do Rei com a soberania do povo, sem que jamais fôssem constrangidos a invocar um direito divino. A jurisprudencia e a doutrina juridica hindús, desdenhadas e incomprehendidas pela eschola orientalista, apparecem, em seu justo relêvo, no *Public Administration in Ancient India* de BANERGEE, no *Corporate Life in Ancient India* de MAZUMDAR, no *Local Government in Ancient India* de RADHAKUMUD MOOKERJI e nos *Aspects of Ancient Hindu Polity* de NARENDRA NATH LAW. Porém nenhum d'esta pleiade illustre de historiographos politicos se avantaja a BENOY KUMAR SARKAR, quer no vasto e profundo conhecimento do direito publico e privado da sociedade hindú e européa, que lhe advém do seu longo convivio com os melhores pensadores euro-americanos, quer no talento multiforme e didactico.

A sua famosa obra *The Political Institutions and Theories of the Hindus*, na profundeza do conceito e na symetria da contextura, revela o seu forte vigor de penetração e a seducção incom-

paravel do seu methodo. O paralello economico, passo a passo, entre as nações européas e indianas é flagrante e suggestivo; a separação da politica e da religião, annunciada ao mundo como uma conquista européa surge como um dos axiomas incontestados do direito hindú. A theoria e a historia do direito constitucional hindú são alli expostas e ordenadas com brilho e lucidez só comparavel á do *Esprit des lois* de MONTESQUIEU. BENOY KUMAR SARKAR é bem digno emulo do festejado jurisconsulto francez.

São, por fim, as sciencias economicas que por sua vez sôb a energica impulsão do movimento de renascença sahem da casuistica imitativa e subserviente para ingressar na grande corrente das investigações proprias e autonomas. Os primeiros livros *Essays in Indian Economics* de M. G. RANADÊ e *Economic History of British India* de R. C. DUTT são já anteriores de um quarto de seculo e são como o manifesto da nova escola.

O *England's Debt to India* de LAJ PAT RAI, o *Economics of British India* de J. N. SARKAR, o *Foundations of Indian Economics* de R. KAMAL MUKERJEE e o *The Future of Indian Economics* de VAMAN KALE vão denunciando em elevado grau o crescente fervor com que se propõem disputar aos dominadores o primado na economia nacional. Ao mesmo tempo, BANERGEE e VAKIL estudam as questões fiscais, C. PRASAD e C. GHOSH os caminhos de ferro *(Indian Railway Economics)* e RAMCHANDRA RAU os cambios e os bancos *(Present Day Banking in India)*. As finanças publicas inspiram valiosos trabalhos, entre os quaes é um dos mais reputados o *Sixty Years of Indian Finance* de K. F. SHAH; e o problema operario que tanto confrange o momento contemporaneo, é focado com superior acuidade no *Labour in Madras* de WADIA e no *Hindustani Workers on the Pacific Coast* de R. K. DAS.

A litteratura economica não é, porém, tão diligente e folgada como a litteratura historica e juridica. Os economistas hindús são enredados pela preoccupação excessiva da sciencia britannica e do dominio britannico. A perpetua attitude de subserviencia ou de revolta systematica em relação aos dogmas do pensamento economico inglez entrava o amplo vôo das idéas economicas e sociaes.

Uma calma e reservada neutralidade deante das doutrinas britannicas dará á intelligencia indiana e ao seu nervosismo presente o correctivo efficaz para desbravar um futuro digno da sua nobre prosapia.

Tal é, em curto escorço, o concurso da jovem INDIA para o caminhar lento mas irreprimivel da verdade e da sciencia, que são a mais alta aspiração de toda a Humanidade. Uma revista assim summaria não póde dar senão uma idéa muito incompleta da actividade desenvolvida pela INDIA no dominio scientifico.

Não é um ou outro sabio isolado n'um laboratorio, nem é uma eschola ou um grupo de apostolos, é

toda uma immensa geração que cultiva n'um espirito largo com os methodos mais modernos e mais aperfeiçoados todos os ramos do saber. Os trabalhadores são uma legião ardorosa e infatigavel; é o espirito renascente do genuino pensamento hindustanico, paramentando-se para resgatar a dignidade do genio nacional!... A hegemonia intellectual ou moral d'um povo sobre outro é tão odiosa e tão nefasta como a hegemonia material!

AS LETTRAS

As Lettras

Na India antiga, vedica e classica, que o genio guerreiro dos Mauryas e dos Guptas, o talento politico de Kautilya e de Suckra e o engenho litterario de Valmiki e Kalidas levantaram ás maximas glorias do poder e aos supremos deleites do espirito, vivia lez-a-lez com o *sanskrit*, linguagem erudita e aristocratica, opulentada com o peculio de toda a sciencia e philologia da antiguidade e accomodada ás exigencias castiças de uma sabia e lettrada *élite* — *o prackrit*, dialecto popular, modo nativo de fallar da gente ignara, idioma parco e desornado, impregnado de impurezas aborigenes.

Do *prackrit*, com o commercio repetido e diuturno com o estrangeiro e com o uso — artifice engenhoso das linguagens — que foi affeiçoando, amaciando e enriquecendo a maneira natural de fallar, vieram a polir-se os novos idiomas, entre os quaes têem uma fecunda e abundante litteratura, o *hindi*,

usado na INDIA Septentrional desde o PANJAB ao oeste até ao BIHAR ao este; o *bengali*, em toda a provincia de BENGALA; o *oriya*, em toda a provincia de ORISSA; o *marathi*, em todo o MAHARASHTRA; o *gujarati*, que domina toda a provincia de GUJARAT e o *sindhi*, familiar á região do baixo curso do INDO.

D'entre as influencias extranhas, grega, scytha, turca, afghan e ingleza, que mais fortemente vincaram no solo indiano a sua pégada tenaz e demolidora, destaca-se na sua dolorosa realidade a mahometana (turco-afghan). Porém no periodo moghol, em que por uma habil e inspirada reconciliação politica os hindús e os mahometanos disfructavam n'um pé de perfeita egualdade as delicias do poder, um genuino espirito de sacrificio e de sincera *entente* levou uns e outros a repudiarem as suas linguagens nativas, para se crear um novo idioma, em que o alphabeto fosse arabe, a grammatica hindi e o vocabulario mixto, seleccionado e avigorado com os recursos nacionaes e estrangeiros, prodigamente espalhados pelo paiz: d'esta arte nasceu o *urdú*, nos nossos dias, um dialecto particular aos mahometanos e em uso exclusivo no noroeste e no OUDH. Reliquia da alliança hindú-mussulmana e da mutua cordealidade que constituiu uma feição singular da epocha prospera e florente da Renascença, o *urdú*, recentemente adoptado como lingua intermediaria na Universidade Osmania de HYDERABAD, tem uma vasta litteratura, mas pobre de originalidade creadora, esteril mescla de traducções e adaptações, que uma adolescente eschola, personificada em ABDUL HELIM SHARAR e MOULANA HALI, pretende integrar no *hindustani*, purgando-a dos exotismos arabes e persas, a despeito da tendencia dominante da velha seita dos MOULANAS (sacerdotes), orgulhosos e intransigentes.

A INDIA dravidica ou INDIA Meridional tem, por seu lado, quatro linguagens com vetustas tradições litterarias e uma regular bibliographia: o *telegú*, o *tamil*, o *canarez* e o *malayalam*.

Porém, de todos os modernos idiomas, é o *hindi-hindustani*, o que gosa o voto fervoroso e enthusiastico de quantos ambicionam a unidade e a independencia linguistica do paiz, porque reune as mais auspiciosas qualidades para conciliar os contrastes mais flagrantes das diversas provincias. Oriundo do *sanskrit*, cuja estructura conserva com o mais acrisolado desvêlo, enriqueceu-se poderosamente em contacto com as fallas aborigenes e forasteiras e revelou-se pela primeira vez na floração esthetica e litteraria da ante-manhã da Renascença, nos romances heroico-galantes da cavallaria rajput e nos poemas de gesto de CHAND-BARDAI.

Com o movimento *bhakti*, de renascimento religioso, a technica da palavra foi reduzida a preceito e assumiu a sua forma definitiva nas modulações sonoras dos *ghasals* de SUR-DAS em louvor de VISHNÚ, nas formosas composições lyricas de KESHVA DAS e BIHARI LAL e no maravilhoso monumento epico do novo *Ramayana* de TULSI DAS. Linguagem plas-

tica, opulenta e euphonica, a unidade e a pureza do seu lexicon, a sua *souplesse* expressiva, a correcção e a naturalidade do seu alphabeto, asseguram-lhe nas mãos de LALLÚ LALJI e seus eminentes contemporaneos a renovação e a riqueza, exigidas pelas derradeiras acquisições scientificas, e lhe garantem o supremo principado entre as restantes creações linguisticas do HINDOSTÃO.

Idioma official da Universidade Hindú de BENARES, meio nativo de communicação para um terço da população inteira, dialecto obrigatorio na Universidade Nacional de GUJARAT, o *hindi-hindustani* está sendo prodigalizado por uma *équipe* de traductores e philologos com as ultimas conquistas da sciencia, afim de ser consagrado *lingua franca* da INDIA livre.

*

* *

Se o *hindi* pela opulencia e ductilidade do seu verbo, pela sua nobre linhagem e pelo prestigio da sua larga expansão, é o fagueiro instrumento da communhão espiritual da Nação renascente, nenhum d'entre os jovens idiomas ultrapassa, porém, a exuberante, indómita e luzida efflorescencia do *bengali*.

Em BENGALA se enfileiram n'uma forte e aguerrida phalange os mais brilhantes espiritos da INDIA Contemporanea. Nenhuma provincia tem como BENGALA esta rara e perigosa preeminencia de reger e encadear o pensamento effervescente da Jovem

INDIA. BENGALA é o *foyer* de uma intensa cultura, em que a escrupulosa exactidão, o poder de paciente trabalho dos seus historiographos e scientistas e o humanismo mystico dos seus velhos trovadores se alliam n'um maravilhoso equilibrio com o sentido apurado das realidades dos seus homens d'Estado e o romantismo vigoroso e energista dos seus escriptores realistas.

Dos seus poetas mysticos, RABINDRANATH TAGORE é o mais fúlgido expoente. Espirito alto e luminoso, premio NOBEL de litteratura de 1913, gosa, como nenhum outro embaixador da intelligencia hindú, o assignalado privilegio d'um renome universal; os seus poemas, dramas, contos, novellas e discursos, traduzidos em todas as linguas cultas, attestam exuberantemente a sua indisputavel superioridade entre os grandes pensadores contemporaneos. De um tocante e exaltado mysticismo nas offerendas devotas do *Gitanjali*, resplende de calida galantaria e vehemente amor no *Gardener* e é um pintor excelso da natureza e da vida social indiana no *Chitra* — poema dramatico, pleno de encantadores pensamentos sobre a mulher e o amor, penetrados de augusto carinho pela dignidade da esposa e da mãe. Philosopho que se preoccupa com os mysterios do destino no *Sâdhana*, onde se levanta a subtilezas da mais nevoenta dialectica, é o mais humano e o mais terno cantor da infancia no *Crescent Moon* e no *Post office*, em que é de inegualavel encanto. A graça e leveza do seu estylo, o

colorido surprehendente das suas imagens e o pendor ingenito em manter um tom delicado e digno na interpretação dos assumptos mais asperos dão ás obras de TAGORE um sabor de delicioso enlêvo e de fascinadora belleza, sem simile em nenhum auctor contemporaneo.

Se, como contista e novellista, TAGORE não hesita em ir arrancar á choça do misero *tchándala* os modelos vivos das suas personagens, como dramaturgo e, sobretudo, como poeta, é um puro aristocrata; os seus heroes são reis e principes; a sua linguagem é de um aprumo e de uma solemnidade que se não desmancham nem quando, como pregador e propheta, desce no *Sacrifice*, no *Nationalism* e na *Creative Unity* a profligar o fanatismo e a superstição nacionalista em favor de um poetico internacionalismo.

A feição cosmopolita e humanitaria do seu proselytismo politico não encontra, porém, successores na fogosa juventude bengali.

A imaginação indiana é ao presente toda concreta e objectiva, de uma nitida e robusta comprehensão das realidades.

JOGENDRA NATH BOSE ha gravado em duas memoraveis epopéas, *Prithviraj* e *Shivaji*, a gloria immarcessivel de dois heroes nacionaes, o primeiro do seculo 12 e o ultimo do seculo 17. SATIENDRA NATH DATTA saúda e encarece com o seu estro creador e vivificante os esparsos incidentes de «importancia nacional», desde os acontecimentos iniciaes de 1905

até á sua vigorosa culminação em 1921. De um profuso vocabulario e d'uma suggestiva dicção, DATTA embelleza e engrandece a expressão e o ideal do seu idioma natal.

HEM CHANDRA BANERJI em suas balladas e em seus poemas epicos visiona uma grandiosa e predestinada missão á sua patria desperta e os dramas de DWIJENDRA LAL ROY são concebidos n'um motivo unico: a lucta pela independencia. Cada um dos seus heroes é um GUILHERME TELL; e BENGALA deve-lhe a sua *Marselheza*.

O vigor da linguagem bengali assume, porém, o seu maximo poder de seducção no *Meghanâda-Vadha* (o supplicio de MEGHANADA) de MADHU SUDAN DUTT. DUTT enlaça n'uma imperturbavel harmonia a tradição ramayanica com a estructura e a ideologia de DANTE e MILTON e realiza uma synthese perfeita e bella, sem emulo condigno, sem imitador na litteratura moderna. A natureza, a idealidade, a graça e o vigor do poema irradiam os seus reverberos por todo o paiz; é a biblia do nacionalismo e o evangelho da resistencia impavida deante da tyrannia dominante.

O patriotismo calido de DUTT inspira as lyricas balladas de NABIN CHANDRA SEN, em cujo attico rythmo e colorido ha rastros fulgentes de arte purissima.

«Com GIRISH CHANDRA GHOSH, o fundador do moderno theatro dramatico, DUTT e SEN constituem o glorioso triumvirato do já florente renascimento ar-

tistico e litterario de BENGALA. BENOY SARKAR, *The Futurism of Young Asia.*

No romance, marca, entre muitos outros, com emoção e brilho, BANKIM CHANDRA CHATTERJI no *Ânanda Matha*, intriga idealizada na grandeza heroica dos patriotas, martyres e libertadores da nação. *Srikanta* de SARATCHANDRA CHATTERJEE é um curioso romance de costumes bengalis, em que o auctor revela a par da mestria da linguagem um leve e fino humorismo. Entre os novellistas e romancistas de fama, que são muitos e numerosos, ha bastantes senhoras, entre as quaes duas irmãs, SITA e SANTA CHATTERJEE, filhas do eminente jornalista RAMANANDA CHATTERJEE, cujos *Tales of Bengal* são um energico libello contra os costumes do casamento, e em que se retrata por entre a graça scintillante do estylo e a viveza esfusiante da descripção a tragedia da donzella hindú.

A visão romantica do passado, o ardor patriotico e o irreprimivel anceio da liberdade, que se desprendem da litteratura bengali, é a feição commum de toda a obra litteraria, novella ou drama, urdida sobre motivos medievaes. *Vande Mataram* (Viva a Patria) é a mensagem ardente, o *fiat* poderoso que revôa com masculo arrojo não só do *Ânanda Matha e Rajasinha de* CHATTERJEE como do *Karan Ghelo* de NAVALRAM — novella historica em *gujarathi* — e do *Ushahkal* e da *Princeza* de *Rupanagar* de HARI NARAYAN APTÊ em *marathi.*

MADHAVARAM TRIPATHI, o fundador do *Gujarati*

Sahitya Parishat (Academia de Lettras) onde se discutem e se renovam questões intrincadas de linguistica, philosophia e critica dramatica e se aprimora a litteratura gujarathi, é reputado como um adoravel descriptor. Como DICKENS ou VICTOR HUGO, no *Sarasvati-Chandra*, vivida pintura do moderno GUJARAT, TRIPATHI fixa no bronze immorredouro da sua palavra os homens e as coisas do seu tempo.

Na poesia, LAL SHAMKAR é o mais notavel estatuario e cujo pensamento candente e anti-britannico prende a razão e o sentimento nacional e guia e inspira a agitação voltária.

*

* *

O movimento *swadeshi-swaraj* encadeia-se entre os marathas com a revivescencia do culto de SHIVAJI. O creador do MAHĀRĀSHTRA é o heroe luminoso, á volta do qual gravitam como os satellites em redor d'um astro refulgente, os poetas e os novellistas, os historiadores e os artistas marathas.

O *marathi* é um dos idiomas populares que, ao lado do *hindi* e do *bengali*, tem uma nobre e cavalheresca tradição e uma esplendida e invejada litteratura. Desde as balladas historicas *(powãdas)*, unicas no seu genero na historia das letras hindús, e as memorias annalisticas *(bakhars)*, narrativas chronologicas, originaes do genio maratha, até á sua maturação suprema nas obras dos grandes mestres

como RAM DAS, TUKARAM, MUKTESHVAR, VAMAN PANDIT e outros que bafejaram o primado politico de SHIVAJI e seus descendentes, o *marathi* creou uma prolifica bibliographia, prenhe de delicados lavores e de varonil ideal.

Ao presente, n'um estadio mais perfeito do seu curso e em contacto com a civilisação européa, o *marathi* se revigora e embellece com os adornos de trabalhos mais cultos e aprimorados.

BAL GANGADHAR TILAK, philosopho, mathematico, causidico e orador eminentissimo, era o principe dos jornalistas indianos, o sol radiante da sociedade maratha. Pensador potente, a sua contribuição para o enriquecimento do *marathi* é collossal sôb os mais varios aspectos e sobre os mais diversos themas, sociaes, religiosos, politicos, scientificos ou litterarios. O *Kesari*, hebdomadario que elle dirigia, é uma verdadeira encyclopedia nacional dos marathas.

Ensaista modelar e conferencista adextrado, pela galhardia e vigor dos movimentos, pela opulencia do lexicon e pela formosura do estylo, elle é um digno par de MONTESQUIEU e de DIDEROT. Pela destreza critica e pela influencia formidavel que exerceu em todo o mundo indiano, só é comparavel ao immortal pamphletario de FERNEY.

No romance e na novella, HARI NARAYAN APTÊ é o interprete feliz que, primeiro entre os modernos escriptores, soube representar em sua grandeza heroica e em sua elevação mystica as lendas marciaes

da historia maratha. *Ushahkal* (Aurora) e o *Gad Alâ-pan Sinha Gelâ* são subidos exemplares d'este nobre genero em que a formosura artistica se compraz em ennobrecer e gloriar o denodo civico e os triumphos guerreiros dos antecessores marathas.

No drama, KHADILKAR occupa um logar de alto relêvo. Nas suas peças, o autor visualiza as lendas mais suggestivas, como no *Kichaka-Vadha* (O Supplicio de KICHAKA), as intrigas palacianas, como no *Bhao Bandki*, ou o *folk-lore* e a vida intima do lar, como no *Vidyâ-Harana*, no *Rukmîni* e no *Draupadi*. Prosador e poeta fecundo e insinuante, politico realista e patriota extremado, KHADILKAR é a mais completa encarnação da versatilidade do genio. Na primeira fileira, entre os que se aprestam a reconquistar a liberdade nacional, elle é o director do *Lokamânya*, diario, orgão dos *swarajistas*.

Totayache Banda (Revolta do Pretendente) é tambem um drama de raro merito e cujo auctor, NARSINHA CHINTAMAN KELCAR, presente editor do *Kesari*, é um famoso prócere da politica contemporanea. *Totayache Banda* é a historia popular d'um chefe maratha, morto no campo de batalha cujo corpo não tendo sido reconhecido dá origem ao apparecimento de um pretendente, lenda analoga á de D. SEBASTIÃO em PORTUGAL. O poder forte de evocação e as tintas graciosas de leve humorismo carearam á delicada obra de KELCAR uma invejavel nomeada.

No verso, é VINAYAK SAVARKAR, cujas balladas e

como RAM DAS, TUKARAM, MUKTESHVAR, VAMAN PANDIT e outros que bafejaram o primado politico de SHIVAJI e seus descendentes, o *marathi* creou uma prolifica bibliographia, prenhe de delicados lavores e de varonil ideal.

Ao presente, n'um estadio mais perfeito do seu curso e em contacto com a civilisação européa, o *marathi* se revigora e embellece com os adornos de trabalhos mais cultos e aprimorados.

BAL GANGADHAR TILAK, philosopho, mathematico, causidico e orador eminentissimo, era o principe dos jornalistas indianos, o sol radiante da sociedade maratha. Pensador potente, a sua contribuição para o enriquecimento do *marathi* é collossal sôb os mais varios aspectos e sobre os mais diversos themas, sociaes, religiosos, politicos, scientificos ou litterarios. O *Kesari*, hebdomadario que elle dirigia, é uma verdadeira encyclopedia nacional dos marathas.

Ensaista modelar e conferencista adextrado, pela galhardia e vigor dos movimentos, pela opulencia do lexicon e pela formosura do estylo, elle é um digno par de MONTESQUIEU e de DIDEROT. Pela destreza critica e pela influencia formidavel que exerceu em todo o mundo indiano, só é comparavel ao immortal pamphletario de FERNEY.

No romance e na novella, HARI NARAYAN APTÊ é o interprete feliz que, primeiro entre os modernos escriptores, soube representar em sua grandeza heroica e em sua elevação mystica as lendas marciaes

da historia maratha. *Ushahkal* (Aurora) e o *Gad Alâ-pan Sinha Gelâ* são subidos exemplares d'este nobre genero em que a formosura artistica se compraz em ennobrecer e gloriar o denodo civico e os triumphos guerreiros dos antecessores marathas.

No drama, KHADILKAR occupa um logar de alto relêvo. Nas suas peças, o autor visualiza as lendas mais suggestivas, como no *Kichaka-Vadha* (O Supplicio de KICHAKA), as intrigas palacianas, como no *Bhao Bandki*, ou o *folk-lore* e a vida intima do lar, como no *Vidyâ-Harana*, no *Rukmîni* e no *Draupadi*. Prosador e poeta fecundo e insinuante, politico realista e patriota extremado, KHADILKAR é a mais completa encarnação da versatilidade do genio. Na primeira fileira, entre os que se aprestam a reconquistar a liberdade nacional, elle é o director do *Lokamânya*, diario, orgão dos *swarajistas*.

Totayache Banda (Revolta do Pretendente) é tambem um drama de raro merito e cujo auctor, NARSINHA CHINTAMAN KELCAR, presente editor do *Kesari*, é um famoso prócere da politica contemporanea. *Totayache Banda* é a historia popular d'um chefe maratha, morto no campo de batalha cujo corpo não tendo sido reconhecido dá origem ao apparecimento de um pretendente, lenda analoga á de D. SEBASTIÃO em PORTUGAL. O poder forte de evocação e as tintas graciosas de leve humorismo carearam á delicada obra de KELCAR uma invejavel nomeada.

No verso, é VINAYAK SAVARKAR, cujas balladas e

odes são hosannas reverentes e encomiasticas do heroe maximo do legado maratha; é ANNA KIRLOSCAR, o eximio creador do theatro dramatico no MAHĀRĀSHTRA; é DEVAL, o sollicito e erudito restaurador do antigo theatro sobre moldes novos; é GADKARI, poeta elegiaco de uma generosa elevação de sentimento e de uma requintada emotividade, a quem a desoladora parca cêdo veiu roubar ás lettras patrias; e tantos outros que n'um *fervet opus* consolador se inflammam em restituir á patria resurgente o glorioso lustre da tradição *puranica*.

*

* *

Adivinha-se na INDIA, a despeito dos obstaculos inquietantes da dispersão das linguas, uma real Renascença, uma escrupulosa reinterpretação do passado á luz da visão e technica modernas. Todos os thesouros da tradição e da historia, todas as riquezas da philosophia e da sciencia, todos os primores da lingua attica, todos os sentimentos que movem e commovem a INDIA no seu grande esplendor ou na sua moral degradação, todos os successos doloridos que dramatizam a vida indiana se remanejam e se congregam para o «movimento romantico» que, sem excepção d'um idioma, alaga irrepremivelmente a terra bemdita dos *Rishis*.

AS ARTES

As Artes

Todas as direcções em que o espirito se póde expandir em largos vôos são assignalados por triumphos memoraveis para o genio uberrimo dos Hindús. A velha India tinha sabido sobre escassos fundamentos autochtones ou forasteiros levantar por seu proprio esforço e engenho uma das mais altas e brilhantes civilisações em que a sciencia, a litteratura e a arte se ergueram á suprema idealidade e expansão. Se a razão especulativa soubera decifrar os principios fundamentaes da sciencia universal e dictar, ao mesmo passo, em audazes systemas, os lineamentos capitaes da ethica e da politica; se o estro das lettras attingira culminar nos maximos arrojos, em que a magestade e a grandeza dos divinos *Vedas* e do heroico *Mahabharata* se adornam com a graça, a unidade e a correcção do *Ramâyâna*, da *Shacuntâla* ou da *Gita Govinda* e aos quaes a euphonia, a *souplesse* e a opulencia da linguagem emprestam encantos e seducções inegualaveis de côr e

de forma; a imaginação artistica deixa exhaustas a inspiração e a belleza pela exacção e symetria dos contornos, pela elegancia e formosura da expressão, pelo engenho e esplendor do colorido e pelos prodigios de uma technica inexcedivel.

Nas sumptuosas edificações das caves de AJANTA, nos sanctuarios do MONTE ABU no GUJARAT, no *vimana* de KAJURAHO (INDIA CENTRAL), nas mesquitas de AHMEDABAD, nos *gopurams* e *viharas*, cupulas e minaretes, em que a nobreza da concepção e a harmonia da execução se combinam com o esmero minucioso na traducção dos mais delicados pormenores, a arte cuida sollicita em fabricar duradouros modelos á consagração vindoura.

O *vihara* buddhico de SARNATH é uma das maravilhas do mundo; as suas mantilhas de pedra, os seus marmores e as suas inscripções são a apotheose immortal dos constructores hindús.

AGRA resume o que a arte acabou de mais insigne e em FATEHPUR SIKRI exhauriu a phantasia os seus mais esplendidos thesouros. O TAJ MAHAL é o sarcophago maravilhoso, a cuja sombra inebriante repousa n'um sonho infindo, alquebrado da labuta gloriosa, o genio nacional.

O que a imaginação hindú ideou e esculpiu nos trypticos admiraveis da *chaitya* (basilica) de KARLI, nos baixos relêvos de BHARUT, nos bronzes de NEPAL e de CEYLÃO e debuxou e coloriu nos seus quadros tabulares ou nas suas pinturas muraes de AJANTA e LAHORE, ou pela mão dos seus grandes

imaginarios cinzelou em seus vasos e joias, deve, por certo, reputar-se o limite superior da *rasa* (emoção) artistica.

Escreve um chronista arabe: «os artistas hindús ultrapassam a nossa imaginação. São, sem duvida, os mais assombrosos do mundo». E um critico britannico, autor do *A. B. C of Indian Art*, denuncia de modo eloquente a sua surpresa: «É devéras inacreditavel que até ha muito pouco desconhecessemos a subida perfeição que a arte alcançou n'aquelle admiravel povo do Oriente, ao qual muitos de nós tem o costume de olhar como um pouco melhor do que os barbaros...»!

AJANTA e AGRA, MONT-ABU e TAJ MAHAL, a torre de CHITTOR e o *Mihrab* de BULAND DURWAZA, os bronzes de CEYLÃO, os baixos relêvos de ELLORA e KARLI, os mosaicos de DELHI e AGRA, os frescos de AJANTA e RAJPUTANA são um desafio permanente ao PARTHENON de ATHENAS, ás basilicas gothicas, aos marmores de PAROS, aos bronzes da Renascença, aos sarcophagos romanos e aos frescos, cunhos, mosaicos e *terra-cotas* de todas as epochas que memoram os primores do escopro e do pincel e exornam e enaltecem o pensamento artistico da EUROPA. São o reflexo immortal de quanto a imaginação hindú logrou pela mão dos seus architectos e estatuarios eminentes e pintores eleitos, revelar na expressão da arte pura.

*
* *

Assim como a sciencia e a litteratura inclinam para o occaso, quando a inspiração encadeada ao preceito imperativo da servidão se torna incapaz dos altissimos vôos da phantasia e da razão, assim tambem a arte se contorce degenerada e abatida quando o imaginario tem de affeiçoar o cinzel ás exigencias mercantis de uma burocracia sinistra, quando o pintor tem de ajustar os seus frescos e os seus paineis ás pompas extravagantes do seu orgulhoso senhor.

Assim obscurecera n'um torvo servilismo a nobre idealidade que tantos e tão preciosos monumentos dera á arte indiana. ANANDA COOMARASWAMI, critico notabilissimo, a quem se devem algumas vistas felizes sobre o symbolismo nacional *(La Danse de Çiva, Sculptures Çivaites)* carpe as suas maguas de artista e de patriota n'esta synthese compungida: «O mais humilhante aspecto da INDIA d'hoje é a universal queda do gosto; desde o Rajah, cujo palacio é construido por empreiteiros de LONDRES á imitação servil d'algum vulgar edificio europeu e decorado com banalidade e desconforto, até ao aldeão, trajado com pannos de MANCHESTER, de tintas excentricas e motivos sem proposito...».

Com a renascença politica, litteraria e scientifica dos ultimos lustros, a arte revive e prepara-se para renovar as tradições perdidas.

Com a alforria crescente da consciencia nacional, o pensamento desprende-se das suas algemas seculares e se vae desenvolvendo e aprimorando a arte renascente.

A revivescencia da arte nativa é hoje um acontecimento vigorosamente constatado. As obras primas das escholas de CALCUTTÁ e BOMBAIM não temem confronto com os melhores trabalhos estrangeiros.

A esculptura, minguada e entorpecida pela dissolução, jazia como petrificada nas mãos timidas de MHATRÊ, DEVAL, KARMALKAR, WAGH e outros serventuarios da eschola da decadencia. FANINDRA BOSE com o poder do seu genio veiu imprimir-lhe uma nova direcção e assignalar distinctamente a errada demarcação das fronteiras da emoção e da forma. FANINDRA BOSE compraz-se em amoldar o seu esquadro e cinzel a um novo conceito esthetico, em que a lei e a harmonia colhidas no patrimonio universal são a synthese nobre e levantada de quanto houve de bello e ideal nas espheras internacionaes da arte. O seu «*Encantador da serpente*» pela selecção do typo, pela exactidão da attitude, pelo recórte e minucia da execução, é um perfeito modelo, onde transparece em toda a sua belleza, o novo ideal.

No «*Fim do Dia*» o auctor representa o regresso do trabalho, dominado pelo mesmo sentimento que inspirou MILLET no «*Angelus*». Uma discreta e cuidadosa observação da figura, alliada a uma justa estimação das proporções do corpo humano e da atti-

tude de fadiga e de calma que caracteriza o *après le travail,* dão a este bronze um todo harmonico, que é um passo decisivo para desatar-se da tradição inerte e convencional.

No «*Sadhu*» e no «*A Caminho do Templo*», BOSE é o mesmo correcto imaginario que se esforça por cinzelar no bronze e no marmore as figuras mais caracteristicas da tradição hindú, attendendo com egual exacção e diligencia á imitação do original e á observancia dos preceitos de que deriva a harmonia, embora com prejuizo da rigorosa reproducção de algumas partes singulares.

Em RAGHUNATH PHADKE de BOMBAIM a arte do buril attinge uma forma e um ideal superior; as suas obras, *Pravachan, Luxuria do Lavrador, Shri Krishna* e *o Relojoeiro,* são pela alteza da concepção e pela fidelidade e vigor da realização, a revelação mais completa da potencia creadora da arte nacional.

RAGHUNATH PHADKE não adora eschola alguma pela razão simples de desconhecer qualquer d'ellas; a sua arte é ingenua e natural. PHADKE cinge-se á copia fiel da natureza, confiando á sua espontanea inspiração a realização do ideal.

PHADKE desabrochou em plena aurora de luz em 1914, quando a sua famosa obra *Pravachan* alcançou o Grand-Prix de BOMBAIM, pela primeira vez concedido a um artista indiano pela Sociedade de Bellas Artes. «*Pravachan*» é o modelo d'um velho brahmane, infantil e austero, vivendo uma vida simples e de nobres e altas cogitações, perdido em sonhos no meio da interpretação d'um texto das Escripturas. O vigor da observação, a naturalidade da postura e o cuidado escrupuloso do acabamento tornam esta obra-prima, flagrante de verdade e de uma seductora idealidade.

Na *Luxuria do Lavrador,* no *Shri Krishna* e no *Relojoeiro,* a sua technica é mais apurada e a expressão do sentimento é primorosamente exacta, A forma, as proporções e o movimento das figuras, accomodados e ajustados ao canon de belleza, agouram a este novel esculptor os melhores e mais esplendidos triumphos.

A pintura tem já o seu luzimento e a sua historia. Iniciada em 1908 sôb a fagueira inspiração da *Indian Society of Oriental Art* de CALCUTTÁ, a nova eschola de pintura, marcou uma directriz original e ousada na orientação artistica. Proscrevendo os maus modelos do Occidente e criticando severamente a arte estrangeira, fez renascer a predilecção pela pintura nativa, especialmente pelas bellas miniaturas antigas e pelos inimitaveis frescos de AJANTA, sem contudo repellir o necessario contacto com alguns modelos gothicos e com as obras de PUVIS de CHAVANNES e de RODIN.

ABANINDRANATH TAGORE, fundador e chefe da eschola, poeta no pensamento e na expressão, veiu engrandecer o pincel hindú com a riqueza suggestiva das suas tintas e com a nobreza e fecundidade da sua imaginação. Espirito penetrante e sensibili-

dade delicada, ABANINDRANATH, evocando com mão de mestre na *Art et Anatomie Hindoues*, o canon das tradições da Arte Indiana não restringe a liberdade de inspiração nos seus discipulos. «Que loucura, proclama, imaginar que uma estatua modelada segundo os *Shilpa-Shastras*, isto é, segundo os tratados de technica, permitiria alcançar o limiar do reino longinquo, em que a arte se confunde com a belleza eterna! O noviço, sim, submette-se á sua imposição, mas o mestre emancipa-se da sua tyrannia».

Inspirando-se, pois, nas velhas tradições, TAGORE trabalha por extrahir da Arte mundial tudo o que póde concorrer para fazer resurtir em pleno brilho os milagres da paleta nacional.

A Eschola de BENGALA não se prende a qualquer methodo ou estylo em particular. «A sua divida á arte européa não é menor do que ás tradições da Arte indiana». Na admiravel harmonia da côr, no senso opulento da forma e na dignidade da *pose* das figuras que dominam nos seus formosos paineis «No Templo de Mahakala» e «Fim da Jornada», ABANINDRANATH define, em sua inteira plenitude, o seu *rasa-jnana*, a grandeza e a humanidade do seu ideal.

Esta mesma generosa idealidade bafeja as obras de todos os pintores indianos da nova geração. SURENDRANATH KAR nos *Companheiros do Caminho* é d'um lyrismo doce e subtil que encanta e arrebata. A ingenuidade do thema (um homem e uma mulher em traje festivo passeando e tangendo), a

delicadeza do colorido, o rythmo dos contornos e a habil orchestração das figuras dão a este quadro uma viveza e um pittoresco altamente impressionantes. NATESAN no *Grihalakshmi* teem o mesmo idealismo e segue o mesmo methodo, glorificando n'um sublime desenho as attribulações do sabio á humbreira da Deusa da Sciencia. KHITINDRA NATH MAZUMDAR vagueia na rica meada da lenda e traz á vida n'uma technica fascinante de côr e de debuxo figuras consagradas como SHACUNTALÂ, NUVEM MENSAGEIRA, LAKSHMI, KRISHNA, DHRUVA e YAMUNA. O segredo da combinação entre os claros e os escuros é n'elle um attributo insigne e inegualavel. O seu *Yamuna* é uma obra prima de traço e de coloração, plena de deleite e de formosura.

NANDA LAL BOSE é um dos altos valores da eschola de BENGALA. Interprete culminante do symbolismo tradicional, elle esmera-se em revestir o *epos* nacional com as vestes modernas, dando á herança do passado uma nova encarnação, prenhe de verdade e de sentimento. O dever do artista de uma epocha não é regeitar o symbolismo *démodé* do seu paiz, mas renova-lo, interpretando-o á luz da ultima technica, revelando o seu valor intrinseco e desenvolvendo as suas reconditas potencialidades.

BOSE avantaja-se a todos os seus contemporaneos no culto do ideal e na expressão do thema quando, obedecendo aos sentimentos e idéas do seu tempo, rejuvenesce pelo engenho privilegiado da sua arte os numes decahidos e senis. As suas imagens

originaes de SHIVA lograram uma alta reputação. O seu *Shiva* não é o heroe imaginario de velhas lendas nem o Deus feroz adorado dos seus sectarios, é o symbolo de três preocupações do evangelho hindú: a destruição constante da natureza, o espirito de meditação e o amor da humanidade. É um moço ou velho *yogui*, fino e subtil, inaccessivel ás paixões, de excelso poder de contemplação e de uma alta e magestosa serenidade. A *Intelligencia* e a *Imaginação* que embellezam as salas do Instituto BOSE de CALCUTTÁ, em que a primeira está experimentando o gume afiado da espada com que ha de scindir as sombras densas de ignorancia, emquanto a segunda inspira-a com sua flauta magica, são duas telas soberbas no esplendor da idéa e na perfeição do debuxo.

BOMBAIM é, por seu turno, o centro de uma notavel actividade artistica. NAGARKAR, FERNANDIZ e KAMADOLLI são preeminentes figuras da pintura indiana. O seu ideal é grandemente eclectico e os methodos mais europeus. Os paineis parietaes são o mais serio esforço nos modernos tempos para ressuscitar a pratica classica de decorar paredes extensas com desenhos a fresco como em AJANTA e em CEYLÃO.

«A Noite» de NAGORKAR é um trabalho de feliz inspiração, em que as tintas se combinam com justo vigor e perfeição. O «Inverno» de KAMADOLLI, indiano pelo thema e occidental pelo tratamento, representa as melhores tradições da FRANÇA Moderna, podendo-se comparal-o ao *Ste Geneviève* de PUVIS de CHAVANNES.

A cultura artistica vae aos poucos tomando o logar que lhe compete na renascença nacional. A *Indian Society of Oriental Art* organiza todos os anos uma exposição de arte. Em 1914, installou mesmo uma exposição da eschola de CALCUTTÁ no *Grand Palais* em PARIS.

Publicam-se duas revistas de arte, entre muitas outras, *Rupam*, editada por GANGOLY, pintor de talento e critico de arte, e *Indian Academy of Art*, com esplendidas gravuras e superiormente impressas. Algumas monographias como *La Danse de Çiva*, *Sculptures Çivaites* de COOMARASWAMI, *Khitindra Nath Mazumdar* de GANGOLY, *The National Value of Art* de AUROBINDO GHOSE, *The Brahmanic Iconography* de BHATTACHARYA, têem vindo animar o vivo interesse que as escholas de CALCUTTÁ e BOMBAIM derramam em seu redor, forcejando readquirir a sua antiga preeminencia.

Se a architectura e a musica esperam os mestres ousados que venham reintegral-as nos seus pristinos fóros, a esculptura e a pintura estão já preludiando no marmore e na tela as futuras maravilhas da forma e da côr nas mãos ageis dos herdeiros de AJANTA e AGRA. O escopro e o pincel se exercitam e ennobrecem para celebrar as glorias da Nação triumphante.

AS INDUSTRIAS

As Industrias

Entre os povos antigos extrema-se por dotes e privilegios singulares a raça hindú na genial inventiva das artes industriaes. Entre as esplendidas e inimitaveis civilisações do passado, nenhuma se lhe avantaja na arte especiosa das manufacturas. Os bordados, as incrustações, os bronzes, os cobres, as faianças, os vitraes, os estofos e os aços indianos são tidos no juizo dos criticos e por assenso universal como acima de todo o encarecimento, e de cuja indisputavel superioridade dura ainda viva a tradição nos museus da India e da Europa.

«Não podem os vindouros exceder em perfeição e acabamento as sêdas, as musselinas, os brocados e as joias que recamavam os nobres solares dos principes indianos, como nada póde exceder os gessos e os cinzelados, os embutidos e os estuques que ornavam os monumentaes edificios». Blacker, *The A B. C. of Indian Art.*

Esta riqueza industrial atingira o zenith da magnificencia e do esplendor durante o seculo 17, no periodo aureo da dynastia Moghol.

Bem cêdo, porém, as formosas tapeçarias, as sumptuosas vestiduras, as pratas e os bronzes primorosamente lavrados embriagavam os principes indianos; e as desavenças internas entregavam o maravilhoso paiz á voracidade dos estrangeiros.

Com a dominação estrangeira vieram as exacções violentas e os impostos inclementes e as bellas industrias desappareceram para sempre... Sir JOHN SHORE escreve: «Acabaram-se os dias tranquillos da INDIA. A sua riqueza foi largamente drenada e as suas energias foram destruidas por um sordido systema de leis, pelas quaes os interesses de milhões foram dados em holocausto aos interesses de uns poucos. O gradual empobrecimento do povo e do paiz pela administração britannica produziu a fallencia dos grandes mercadores indianos. A extorsão do governo inglez conduziu o povo a uma pobreza, quasi sem parallelo».

H. H. WILSON, notavel historiador inglez, commentando a severidade dos direitos aduaneiros diz: «Mas com estes direitos altamente proteccionistas as fabricas de PAISLEY e MANCHESTER ter-se-hiam paralysado e seria difficil fazel-as reviver. *Ellas foram mantidas com o sacrificio das manufacturas indianas.* Estivesse a INDIA independente, poderia estar retalhada, mas estes actos não seriam possiveis. Mercadorias inglezas foram introduzidas na INDIA

sem quaesquer direitos e o manufactureiro extranho apoiou-se no predominio politico para estrangular e demolir a industria competidora com a qual não podia concorrer em termos de egualdade».

Foi preoccupação constante dos dominadores inglezes suffocar sôb a folhagem exuberante de seductoras promessas a desalmada ambição de acorrentar aos interesses britannicos o rico mercado indiano.

Um regime capcioso de tributação com prejuizo da mão de obra nacional e em beneficio das mercadorias inglezas teve como effeito confrangedor a ruina das industrias nativas e a subserviencia humilhante da materia prima regional em face do capitalismo europeu.

O renascimento politico em 1905 foi a varinha magica que veiu suster a onda do desalento e, desopprimindo o genio nacional da pressão asphyxiante da servidão, imprimir um novo relêvo á industria desamparada e envilecida.

Em vinte annos o progresso ascende a passos prodigiosos revelando, não obstante os obstaculos incalculaveis das conveniencias britannicas, os opulentos recursos do famoso e appetecido imperio hindustanico. A Exposição de WEMBLEY em LONDRES veiu patentear aos olhos do mundo a influencia surprehendente do sentimento nacional sobre a prosperidade do paiz.

A INDIA é ao presente um dos oito estados de primacial valor industrial. Tem um rendimento de

caminhos de ferro, egual ao da FRANÇA, maior que o da ALLEMANHA e notavelmente superior ao da GRÃ-BRETANHA. Os seus operarios maritimos (141.000), registados nas organizações trabalhadoras, excedem os de qualquer outro paiz, excepção feita da INGLATERRA.

De uma incomparavel abastança natural, a INDIA é um dos mais fecundos productores de oleo e de manganesio. A sua industria de algodão é pronunciadamente mais volumosa que a industria similar da ITALIA, da BELGICA ou do JAPÃO. O seu carvão rende melhor que o da BELGICA e é ligeiramente inferior ao do JAPÃO.

A sua industria de juta é sem parallelo. Abastece todo o mundo com materiaes para fardos e saccaria, serve para fabrico de tecidos para camisas em DUNDEE e foi aproveitada durante a recente guerra para a confecção de saccos de areia.

Terra de inexgotaveis recursos, tendo resistido vencedora a provas severas de espoliação e saque, em pouco tempo conseguiu alcançar pela multiplice variação dos seus productos industriaes uma posição e relêvo que lhe *agouram um dos primeiros assentos entre as grandes Nações do Mundo (The Times*, abril de 1924).

Por singular favor da natureza, é ella possuidora de preciosas materias primas como arroz, trigo, cevada, oleaginosas, chá, café, especiarias, tabaco, algodão, juta, linho, lã, anilinas, escamas, luxuosas pelles e caprichosas madeiras. O seu subsolo é o

domicilio favorito do ouro, da prata, dos rubis, das perolas, do carvão, do petroleo, da mica e do manganesio.

Os grandes depositos de ouro de ORISSA, as ricas minas de carvão de RANIGANJ e JHARIA, os uberes plainos de mica de BIHAR, as bellas amethystas e opalas dos GHATTES Occidentaes e os magnificos tecidos de algodão de BIKANIR e de BHARATPUR são um pallido reflexo dos infindos thesouros que circulam nas arterias do HINDOSTÃO.

Os suaves e deliciosos perfumes de MYSORE, os odoriferos condimentos de MADRASTA, as opulentas mantas de sêda de TANJORE e CHINGLEPUT, os reluzentes marmores de RAJPUTANA, os jaspes multicolores do DECCAN e os graciosos marfins de TRAVANCORE se comprazem em affrontar e repellir o iniquo desfavor, em que na conta dos povos euro-americanos era tido o saber e o trabalho do operario indiano.

Se a insurreição de 1905 foi o *fiat* poderoso que desentranhou do cahos do seculo 19 uma vigorosa seiva industrial, a guerra, obrigando o paiz a prover á propria subsistencia, veiu inspirar nova fé e encorajar novos emprehendimentos. D'est'arte nasceram industrias chimicas e metallurgicas novas, manufacturas de oleos, tintas, vernizes, essencias florestaes, lacca, papel, vidro, cimento, olaria, cortumes e quinquilharia varia.

A *não-cooperação* veiu augmentar em avantajada

escala as industrias textis com o incremento dos teares manuaes.

.....

Propõe-se a Jovem INDIA n'um esforço energico e eloquente emancipar-se da tutela economica do estrangeiro, criando com o seu opulentissimo peculio das eras antigas, refundido no crisol da technica moderna, uma potencia industrial, superior na audacia da concepção e na luxuria das formas a tôdas quantas lhe deparam os povos contemporaneos.

INDICE

	Pag.
Prefacio	III
A Muralha do Mysterio	6
A Fraude da Historia	17
A Lenda da Barbarie	29
O Dogma da Inferioridade	39
Confronto Synchronico entre a Civilisação Européa e a Civilisação Hindú	53
Coefficiente Hindú na Civilisação Européa	67
A Nacionalidade Hindú	77
A Dominação Ingleza	89
A Reacção Nacional	107
As Idéas Politicas e Sociaes	119
As Idéas Religiosas	133
A Educação Publica	145
As Sciencias	157
As Lettras	173
As Artes	187
As Industrias	201

Do Auctor:

A Dynamica do Pensamento

H. Bergson, Paris, escreve:

Surchargé de travail, je n'ai pas pu lire votre ouvrage que bien superficiellement; mais ce coupe d'oeil a suffi à m'en montrer l'importance et l'intérêt. Je vois que vos recherches et réflexions personnelles vous conduisent à des conclusions très voisines de celles de «*Matière et Mémoire*». Les faits nouveaux que vous y avez apporté donnent au sujet une tournure originale et intéressante et dénoncent en vous un penseur distingué.